



LEILA MARTINS GONÇALVES DA COSTA

Performatividade e gênero nas interações em teletandem

São José do Rio Preto
2015

LEILA MARTINS GONÇALVES DA COSTA

Performatividade e gênero nas interações em teletandem

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, área de concentração: Linguística Aplicada, junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof. Dr. João Antonio Telles

São José do Rio Preto
2015

Costa, L. M. G.

Performatividade e gênero nas interações em teletandem / Leila
Martins Gonçalves da Costa. -- São José do Rio Preto, 2015
178 f. : il.

Orientador: João Antônio Telles

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística aplicada. 2. Professores de línguas - Formação.
3. Linguagem e línguas. 4. Identidade sexual. 5. Ensino a distância -
Ensino auxiliado por computador. I. Costa, Leila Martins Gonçalves da.
II. Telles, João Antônio. III. Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.
IV. Título.

CDU – 407:371.13

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Prof. Dr. João Antonio Telles - Orientador
(UNESP – Assis)

Dra. Walkyria Maria Montemor
(Universidade de São Paulo)

Dra. Dolores Galindo
(Universidade Federal do Mato Grosso)

Dra. Solange Aranha
(UNESP – IBILCE – São José do Rio Preto)

Dr. Douglas A. Consolo
(UNESP – IBILCE- - São José do Rio Preto)

Suplentes

Dra. Ana Mariza Benedetti
(Departamento de Letras Modernas, UNESP – IBILCE)

Angela Donini
(Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro)

Nelson Viana
(Universidade Federal de São Carlos)

Dedico este trabalho aos meus pais que
plantaram em mim a semente da busca pelo
conhecimento

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, João Antonio Telles, que me acompanhou e orientou o meu trabalho com paciência e sabedoria.

Agradeço ao professor Steve Buttermann do departamento de Línguas Modernas da Universidade de Miami que sempre me apoiou, acreditou no meu trabalho e me incentivou a ingressar no doutorado.

Agradeço aos professores Solange Aranha e Dolores Galindo que fizeram comentários e observações valiosas para a tese no exame de qualificação.

Agradeço à minha família: irmãs, Layde e Leny pela ajuda na elaboração da tese, sobrinhos, e Erika pelas longas conversas de apoio e incentivo.

Agradeço às minhas filhas, Ana e Marta pelo apoio e compreensão. Agradeço ao Rui pelas experiências vividas.

Agradeço o companheirismo, a colaboração e a solidariedade de Máisa e Ludmila.

Agradeço aos participantes desta pesquisa, pela contribuição ao desenvolvimento do estudo.

Agradeço a todos os que de alguma forma contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	08
RESUMO	09
ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO.....	13
Pesquisa do Projeto Teletandem.....	14
Caracterização do problema da pesquisa: justificativa e relevância.....	15
Organização da tese	18
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 A aprendizagem de línguas: uma perspectiva da teoria sociocultural vygotskyana, da teoria dialógica de Bakhtin e da aprendizagem de segunda língua por James P. Lantolf	21
1.2 A aprendizagem em teletandem	23
1.3 Os estudos de gênero: um panorama	29
1.4 O conceito de gênero e a formação das identidades	35
1.5 A performatividade de Judith Butler	40
1.6 Os conceitos de “terceiro espaço” de Bhabha e os “fluxos culturais globais” de Appadurai.....	43
1.7 Seis aspectos da análise do discurso.....	46
1.7.1 Estilos	46
1.7.2 A intertextualidade e a negociação da diferença	47
1.7.3 Atores sociais.....	49
1.7.4 Construção política (bens sociais): imagem	49
1.7.5 Aspectos culturais/transculturais	51
1.7.5.1 As representações dos diferentes mundos (aspectos transculturais)	52
1.7.5.2 Discursos e ideologias (aspectos culturais e transculturais).....	53
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	56
2.1 Objetivos.....	57
2.1.1 Objetivo geral	57
2.1.2 Objetivos específicos.....	58
2.2 Participantes da pesquisa.....	58
2.3 Contexto da pesquisa.....	60
2.4 Instrumentos de coleta de dados	62
2.5 Procedimentos de coleta e organização dos dados	63

2.6 Procedimentos de análise dos dados.....	62
 CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	65
3.1 Características gerais dos grupos: preferências, sedimentações sobre identidades nacionais e de gênero.....	67
3.1.1 O gênero dos parceiros e suas preferências na formação de parcerias.....	68
3.1.2 Explicações e ideias sedimentadas a respeito das preferências.....	70
3.1.3 Tópicos sugeridos pela mediadora.....	72
3.1.4 As duplas sexo/gênero masculino/masculino (tópicos).....	72
3.1.5 As duplas feminino/feminino (tópicos).....	74
3.1.6 As duplas de sexo/gênero masculino/feminino (tópicos).....	74
3.1.7 Principais tópicos surgidos nas interações.....	75
3.1.8 Ideias sedimentadas sobre identidades nacionais e de gênero.....	76
3.2 Colaboração.....	78
3.2.1 Análise das duplas masculino/masculino.....	78
3.2.2 Parcerias feminino/feminino.....	97
3.2.3 Análise das duplas de sexo/gênero masculino/feminino.....	114
3.3 Narrativas sobre relacionamentos e assuntos pessoais.....	128
3.3.1 Análise das duplas masculino/masculino.....	129
3.4 Narrativas de ação (esportes).....	136
3.4.1 Análise das duplas feminino/feminino.....	136
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	154
APÊNDICES.....	161

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Teletandem.....	25
Quadro 1: Eixos temáticos e perguntas gerais do projeto	27
Quadro 2: Resumo do embasamento teórico da pesquisa	54
Quadro 3: As combinações das parcerias	59
Quadro 4: Os nomes fictícios e as identidades das duplas focais.....	59
Quadro 5: As identidades das duplas que contribuíram através do questionário	60
Quadro 6: Preferências do gênero do parceiro por nacionalidade e gênero	69
Quadro 7: Preferências por parceiros do mesmo gênero.....	70
Quadro 8: Tópicos sugeridos para as sessões.....	72
Quadro 9: Principais tópicos surgidos nas interações	75
Quadro 10: Ideias sedimentadas sobre identidades nacionais e de gênero.....	76
Quadro 11: Tópicos em parcerias do mesmo gênero	137
Quadro 12: Sete dos interagentes têm uma ideologia não pautada por diferenças de gênero	138

RESUMO

Teletandem é um contexto virtual, autônomo e colaborativo que utiliza os recursos de texto, voz e imagens de *webcam* oferecidos pela tecnologia VOIP (Voice Over Internet Protocol), como o *Skype* ou *Google Hangouts*, para promover o contato intercultural e linguístico entre pessoas de diferentes países. Nesse contexto, dois falantes de duas línguas diferentes ajudam um ao outro (princípio da reciprocidade) a aprender a sua língua nativa ou de proficiência. O presente estudo é parte integrante do Projeto Teletandem Brasil e se propõe a analisar gênero e discursos de gênero, dada a lacuna existente sobre este tópico na produção científica desse projeto. O estudo tem dois objetivos: (a) analisar as dinâmicas de interação entre duplas de mesmo sexo biológico e gênero e entre duplas de sexo biológico e gênero diferentes; e (b) descrever como essas duplas *performam* seus gêneros, discursos e ideologias nessas interações transculturais *on-line* em teletandem. O estudo se justifica por razões de natureza profissional, evidenciadas pela contribuição dos resultados para usuários (professores e alunos de línguas estrangeiras, mediadores de sessões de teletandem), bem como para a comunidade científica, que se debruça sobre a pesquisa acerca do ensino/aprendizagem virtual de línguas estrangeiras. As perguntas que direcionam esta pesquisa são: (a) *Como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos?* (b) *Como as dinâmicas orais das identidades de sexos/gêneros emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários dos países mencionados?* O arcabouço teórico da pesquisa está centrado na Teoria da Performatividade e na Análise Crítica do Discurso, sob a perspectiva sócio-histórica. A metodologia da pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e interpretativista. Os instrumentos de coleta dos dados foram gravações em vídeo de 10 interações de cinquenta minutos (com vinte e cinco minutos em inglês e vinte e cinco em português), coletadas entre setembro e novembro de 2012, junto a 34 alunos de uma universidade americana (17) e uma brasileira (17). Os dados, transcrições verbatim das interações por *Skype* gravadas em vídeo, foram analisados à luz da Teoria da Performatividade e da Análise Crítica do Discurso. A análise iniciou-se com a verificação de dois temas recorrentes que se originaram dos estudos sobre variações de duplas, os quais reiteram duas ideias sedimentadas: (a) membros que se identificam como do gênero masculino, em uma parceria, são mais argumentativos e competitivos do que os de outras combinações e falam mais de ações (tais como esportes); e (b) membros que se identificam como do gênero feminino falam mais de pessoas e relacionamentos. A primeira ideia sedimentada diz respeito a *atitudes colaborativas (trabalhar ou agir juntos), em oposição a atitudes competitivas (argumentação meramente para vencer ou ter a palavra final)*. Por sua vez, a segunda ideia sedimentada engloba *convenções e categorizações sobre temas típicos dos sexos biológicos, tais como relatos sobre relacionamentos e intimidades* são típicos do sexo biológico feminino. Para a análise das interações em teletandem, usamos a Análise Crítica do Discurso baseada em Fairclough e Kramsch, que nos fornece seis componentes: (a) a intertextualidade (colaboração com o outro) e negociação da diferença, (b) os atores sociais (relações de poder), (c) manutenção da face/imagem, (d) estilos (e) aspectos transculturais e (f) discursos e ideologia. Para a análise da performatividade nas interações, usamos os conceitos de atos da fala, de turnos e de repetição de ideias sedimentadas sobre gênero, cultura e identidades. Os resultados de ambas as análises apontam para a preferência dos interagentes a terem um/a parceiro/a do mesmo sexo/gênero e para o surgimento de dois grupos com discursos e ideologias diferentes sobre tópicos típicos ou não dos gêneros: (a) o grupo das ideias sedimentadas e (b) o grupo das ideias não pautadas por tópicos diferentes para o gênero masculino e feminino. A colaboração foi

constatada em todas as parcerias, inclusive naquelas que se auto-identificaram como masculinas. Os tópicos ligados a esportes foram igualmente tópicos das duplas auto-identificadas como femininas e masculinas. A pesquisa tem limitações, tais como o número de participantes, até que ponto os participantes se sentiram com a suficiente liberdade para auto-identificação de sexo/gênero e a não inclusão das identidades LGBTs; porém, nesse sentido, foram feitas sugestões para trabalhos futuros sobre esses temas.

Palavras-chave: Teletandem, gênero, performatividade.

ABSTRACT

Teletandem is a language and intercultural learning modality that promotes contact among people from different countries. It is a collaborative, autonomous and virtual context which makes use of text resources, voice and webcam image offered by VOIP technology (voice over internet protocol) like Skype or google hangouts. In this context two speakers of two different languages help each other (reciprocity principle) learn their native or proficient language. This study is part of the Teletandem project Brazil, and has the objective of analyzing gender and gender discourses given that this area of study is absent from the scientific production in the Project. The study has two main objectives: a) to analyze the interaction dynamics between same and different biological sex/gender partnerships and b) describe how these partnerships perform gender, discourses and ideologies in these transcultural interactions on-line in teletandem. The professional justification for the study is based on the possible contribution of its results to second/foreign language professors, mediators and students who use virtual sessions to learn languages as well as the scientific and academic community that investigates the virtual teaching/learning of second and foreign languages. The research questions are: 1. How do communication and intercultural negotiation from the performativity theoretical constructs emerge and present themselves in the teaching/learning of the university telecollaborators from Brazil and the United States, 2. How do the oral dynamics of these gender/sex identities emerge and present themselves in the learning/teaching of these university students from Brazil and the United States? The research theoretical framework is centered on Performativity Theory and Critical Discourse Analysis from a socio-historical perspective. The research methodology is qualitative, exploratory and interpretive. The instruments for data collection were video recordings of 10 sessions of 50 minutes each, half in English and half in Portuguese. These recordings were obtained in the Fall of 2011, between September and November, with 34 university students, 17 from an American university and 17 from a Brazilian university. The transcribed data were analysed guided by Performativity Theory and Critical Discourse Analysis. The analysis began with the verification of two recurring themes which originated from the research about same and different sex/gender partnerships which reiterate two sedimented ideas: a) members of sex/gender that identified themselves as masculine in a partnership are more argumentative and competitive than the other gender/sex combinations. They speak predominantly about action for example sports; and b) members of the sex/gender that identified themselves as feminine talk more about people and relationships. The first sedimented idea is about collaborative attitudes (work or act together) in opposition to competitive attitudes (argumentation for the sake of winning or having the final word). The second sedimented idea is about conventions and categorizations about typical conversational themes or topics used by the biological sexes/gender, like talking about relationships and intimacy are typical of the feminine sex. To analyze the oral interactions, we used six components of Critical Discourse Analysis based on Fairclough and Kramsch: a) intertextuality (collaboration with the partner), b) negotiation of difference, c) social actors (power relations), d) face/image, e) transcultural aspects and f) discourses and ideologies. In order to analyze Performativity in the interactions we used the concepts of speech acts, turns, and sedimented ideas about gender and gender discourses, culture and identities. The results of the analysis indicate the preference of the students for same sex/gender partners and the emerging of two groups with divergent discourses about typical topics that different sex/gender engage in: (a) the sedimented ideas group (b) the group whose ideas are not based on different topics for different sex/gender. Collaboration was observed in all of the partnerships, including the ones that

identified themselves as masculine. Topics related to sports were equally used in interactions with partners who self identified as feminine and masculine. The study has limitations, such as the number of participants, to what extent the participants felt comfortable enough to self identify as far as gender identity, and the non inclusion of the LGBT identities. Suggestions are made for future research to deal with these topics.

Keywords: Teletandem, gender, performativity.

INTRODUÇÃO

Pesquisa do Projeto Teletandem

O presente estudo está inserido no projeto *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos* – da Universidade Estadual Paulista – UNESP, do estado de São Paulo-Brasil, que tem parcerias com várias universidades americanas, europeias e asiáticas para o estudo de idiomas: inglês, francês, espanhol, alemão, italiano e chinês. O projeto *Teletandem* está inserido na área de Linguística Aplicada, área interdisciplinar dos Estudos Linguísticos do departamento de Letras da Unesp - São José do Rio Preto.

Nesse sentido, estudantes da Universidade Estadual Paulista encontram-se *on-line* para sessões virtuais, via *Skype*, com estudantes de universidades do exterior, para ensinar o português e aprender a língua do outro. O interesse pela aprendizagem do inglês se origina da necessidade deste idioma para se conseguir melhores trabalhos, principalmente em multinacionais. O interesse pelo português se acentuou nos Estados Unidos depois do ano 2000, quando a emergente economia do Brasil começou a atrair estudantes e profissionais por razões de trabalho. A aprendizagem dos dois idiomas é motivada por questões econômicas e profissionais. Esses encontros são marcados pela colaboração, pela autonomia e pela troca, visto que os estudantes brasileiros praticam o idioma estrangeiro e os estrangeiros o português. Desde 2007, a implementação desse projeto vem produzindo artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre a nova configuração tecnológica e globalizada de aprendizagem de idiomas, e essa crescente produção científica do projeto TELETANDEM concentra-se em aspectos filosóficos, antropológicos, culturais, educacionais e pedagógicos, com o intuito de investigar e descrever a “nova” modalidade virtual pós-moderna de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Acreditamos que, tradicionalmente, nas abordagens de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, o papel da interação do professor centralizador, com o aluno na sala de aula tradicional e a presença física de ambos, representava o elemento essencial para a eficiência da aprendizagem. Com o advento das tecnologias, por meio das quais as pessoas podem se comunicar e se ver na tela do computador, houve uma revolução no campo das ideias tradicionais de aprendizagem e das práticas de ensino das línguas estrangeiras (TELLES; VASSALLO, 2009, pp. 45 - 46).

O projeto TELETANDEM, com o uso de *webcam*, proporciona ao aprendiz oportunidades de comunicação *on-line* com o falante nativo da língua estrangeira falada em

outros países, em muitos casos distantes, fazendo com que a barreira da distância desapareça e a proximidade dos participantes através da tela se torne algo inusitado, com características próprias, que merecem ser estudadas. Uma seção dedicada ao *tandem* e *teletandem* está no capítulo teórico desta tese.

Caracterização do problema da pesquisa: justificativa e relevância

O presente estudo pretendeu investigar os aspectos performativos e o das interações orais sob a ótica da análise do discurso, bem como os discursos e a ideologia de gênero nas interações de pares aprendizes – universitários de uma universidade brasileira e de uma universidade americana - que se encontraram periodicamente *on-line*. O uso do conceito de “transculturalidade” e “hibridismo” (WELSCH, 1999) serão utilizados nesta pesquisa no sentido de mostrar que as culturas não são ilhas isoladas e que são heterogêneas internamente. Os conceitos de “terceiro espaço” da teoria pós-colonial (BHABHA, 2010) apontam para o fato de que quando duas culturas estão em contato, como a do colonizador e a do colonizado, e mesmo em um contexto, em que se inclui o nosso, de dois países com diferenças de poder na conjuntura geopolítica internacional, um terceiro espaço surge e é pautado pela ambivalência, diferença e contestação, relacionadas às diferenças sociais, políticas, discursivas e ideológicas, criando novas posições de sujeito, novos simbolismos e novos significados. Para discutir desdobramentos da globalização, utilizaremos os conceitos de fluxos culturais globais de Appadurai (1996). Kramsch (2012), por exemplo, discute o poder dos meios de comunicação e principalmente a internet, que representa a cultura do outro como familiar e estereotipada, como se todas as culturas fossem muito parecidas, visão esta equivocada, pois os contatos culturais vão além dos estereótipos, fazendo-se necessária a negociação de ideologias, discursos e valores, o que não resulta em uma fácil tarefa.

O estudo aqui relatado engloba justificativas de natureza acadêmica, profissional e pessoal, tendo em vista: (a) a relevância e a contribuição dos resultados para a comunidade científica, professores, profissionais da área, estudantes de LE e aqueles que se utilizam de encontros virtuais, principalmente os do presente projeto, dada a lacuna existente na literatura acadêmica em *teletandem*, a respeito dos conteúdos já mencionados e (b) a contribuição para a compreensão do complexo processo ensino/aprendizagem de LE virtual, perpassado pelos

discursos de gênero e de ideologia de gênero, pela produção de identidades, por aspectos transculturais e pela dinâmica das interações dos pares nos contextos do Brasil e dos Estados Unidos.

A justificativa pessoal para a decisão deste tópico teve origem na prática da pesquisadora, quando foram iniciadas as primeiras interações de *teletandem* com os telecolaboradores brasileiros e americanos. Usaremos o termo “americano” pois estudam em uma universidade americana mas têm identidades diferentes. Nos processos de interação instalados pelo projeto foi possível observar os olhares dos aprendizes quando entravam no laboratório de línguas pela primeira vez e queriam escolher o/a parceiro/a pela tela. Igualmente, chamavam a atenção as correções que eram feitas pelos interagentes a respeito de palavras e expressões que não deveriam ser traduzidas literalmente, tendo em vista que atribuíam uma conotação diferente com respeito aos discursos de gênero na outra língua. Na realidade, ao longo da experiência foi ficando clara a complexidade inerente à aprendizagem de LE e o fato de que ela não se restringe a meras técnicas de aprender uma língua.

Em uma das primeiras vezes que fizemos interações entre a universidade americana e a brasileira em 2010, um dos meus estudantes de português, um cubano-americano, me perguntou em classe por que um rapaz não pode se referir a outro com a expressão "meu melhor amigo". Pensei um pouco antes de responder e lhe perguntei: "Por que você está fazendo tal pergunta? O estudante respondeu: porque meu parceiro de *teletandem* me corrigiu dizendo que um rapaz não se refere a outro com essa expressão, ele deveria dizer "meu colega". Passei o fim de semana pensando sobre o assunto, comuniquei-me com sobrinhos no Brasil e alguns diziam que a expressão poderia ser usada, outros diziam que não. Comecei então a analisar as sugestões e os discursos que a expressão trazia: intimidade, preferência por um colega, aspectos estes que acompanham as conversas femininas, haja vista que a expressão "minha melhor amiga" é aceita para as meninas. Comecei então a pensar na complexidade dos discursos culturais e de gênero com os quais um interagente de *teletandem* se depara quando faz uma sessão virtual. Esse episódio me ajudou na decisão de fazer minha pesquisa sobre ideologias e discursos de gênero que emergem nesses contatos *on-line*. O dispositivo da sexualidade de Foucault (1978), segundo o qual determinadas regras regem os discursos culturais, a sexualidade, a heterossexualidade compulsória (RICH, 1980) e o poder hegemônico heterossexual de onde se originam essas normas, tornou-se óbvio para mim.

Nascida no Brasil, eu cheguei aos Estados Unidos com 22 anos para fazer um mestrado na Michigan State University. Mais tarde voltei aos Estados Unidos e morei na Califórnia por seis anos, depois na Argentina por quatro anos e, finalmente, em Miami, onde resido até hoje. Essas mudanças sempre me faziam repensar os meus discursos, ao observar os discursos locais. Na Califórnia, contrastava os meus discursos com os dos americanos, principalmente na questão do peso do individualismo americano versus os nossos discursos de família como unidade principal, no Brasil. Depois, na Argentina, apesar de sermos muito parecidos, sentia a mulher argentina muito mais atuante e empoderada do que a brasileira, isto é, do que eu pensava que era a representação de uma brasileira. Mais tarde percebi que muito disso dependia da classe social, do poder econômico e dos discursos, isto é, percebi que as culturas e as identidades são heterogêneas internamente e dependentes de outros fatores que não simplesmente a identidade nacional.

Um fator histórico na minha formação foi que cresci nos anos 60 e 70, duas décadas de muitas transformações sociais e políticas com o surgimento do movimento feminista. Venho de uma família de classe média, estudei em uma escola de freiras alemãs no interior de São Paulo e desde cedo os discursos de gênero me chamavam atenção principalmente ao que se referia à ausência de empoderamento das mulheres da minha geração. Com a tarefa de mãe de duas meninas, queria fazê-las independentes profissionalmente para que tivessem opções e não tivessem o casamento como o objetivo único de sua existência. Educando duas meninas aqui em Miami, notava as diferenças de ideologia de gênero, mesmo porque elas que me educavam, me colocando mais aberta e receptiva às questões de ideologia de gênero. Ademais, deparei-me com discursos e representações sobre as identidades nacionais americanas e brasileiras e também de gênero quando ministrava, e ainda ministro, aulas de português a estrangeiros, americanos, latinos e pessoas de outras nacionalidades.

Tais observações levaram-me a pensar e refletir sobre as múltiplas dimensões envolvidas na aprendizagem de LE por *teletandem*, considerando que o contexto de terceiro espaço criado nesta modalidade envolve necessariamente parceiros de culturas diferentes, marcados por discursos multifacetados de gênero, que produzem uma comunicação dentro do quadro da interculturalidade e, como tal, da constituição das suas identidades, produzidas por seus discursos. A postura desta pesquisadora, com embasamento teórico de Butler, é a de que as identidades de gênero são produzidas na interação, sob a ótica da performatividade, e não são binárias, incluindo não só as identidades hetero, mas também as identidades LGBT. No entanto,

como os participantes desta pesquisa se definiram como masculino ou feminino, o estudo restringiu-se à análise dessas identidades.

Dadas essas colocações, seguem as duas questões que irão direcionar esta pesquisa:

- 1) Como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos?
- 2) Como as dinâmicas orais das identidades de parcerias de sexos/gêneros emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários desses mesmos países?

Por dinâmicas orais refiro-me às características das interações orais das duplas masc/masc, fem/fem e masc/fem a partir dos seis pontos da Análise do Discurso os quais vão ser descritos na fundamentação teórica.

Tendo em vista as múltiplas dimensões envolvidas no problema desta investigação, optamos por uma pesquisa de caráter qualitativo-exploratório, guiada pela abordagem performativa de gênero, tal qual proposta por Butler (1999). Dada a centralidade da dimensão da comunicação intercultural para o trabalho, optamos também pelo uso da análise do discurso, tanto nos seus fundamentos, quanto nos seus recursos metodológicos de análise. Para tanto, seguimos a orientação dos autores Fairclough (2003) e Kramsch (1998), sob a perspectiva sócio-histórica, com ênfase na produção de subjetividades e na comunicação intercultural.

Organização da tese

No primeiro capítulo estabelecemos o embasamento teórico do nosso estudo, apresentando a definição de aprendizagem que norteia esta pesquisa, um panorama dos estudos de gênero, a definição de gênero adotada, a formação de identidades, a teoria da performatividade, principal base teórica de nosso estudo, os conceitos de terceiro espaço, de fluxos culturais globais e, para complementar a análise, os seis pontos da análise do discurso.

No segundo capítulo explicitamos a metodologia usada no estudo, que teve a Teoria Fundamentada nos Dados – *Grounded Theory* (CHARMAZ, 2006) como principal diretriz utilizada, assim como apresentamos a descrição dos participantes, do contexto, dos instrumentos de coleta dos dados, procedimentos de coleta de dados, procedimentos de análise e os questionários utilizados.

No terceiro capítulo analisamos e discutimos os resultados de oito parcerias focais a partir de três temas que emergiram dos dados: colaboração, narrativas de relacionamentos, assuntos pessoais e narrativas de ação. As ideias sedimentadas nos discursos culturais e de gênero são também discutidas incluindo as dezessete parcerias que responderam aos questionários. No quarto capítulo, respondemos às perguntas da pesquisa e tecemos as considerações finais, apontando dificuldades e desafios de nosso estudo e propondo ideias para futuros projetos na área de contatos e comunicações interculturais on-line.

CAPÍTULO 1:

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos: 1.1 A teoria sociocultural de Vygotsky, o dialogismo de Bakhtin e a aprendizagem de línguas de acordo com Lantolf, 1.2 A aprendizagem em teletandem, 1.3 Os estudos de gênero: um panorama, 1.4 O conceito de gênero e a formação de identidades, 1.5 A performatividade de Judith Butler, 1.6 Os conceitos de “terceiro espaço” de Bhabha e os fluxos culturais globais de Appadurai, e 1.7 Os seis pontos da análise do discurso utilizados nesta tese.

1.1 A aprendizagem de línguas: uma perspectiva da teoria sociocultural vygotskyana, da teoria dialógica de Bakhtin e da aprendizagem de segunda língua por James P. Lantolf.

O conceito de aprendizagem que norteia esta análise está fundamentado na teoria sociocultural, com os pressupostos teóricos de Vygotsky. Na visão de Vygotsky sobre o desenvolvimento humano, a linguagem e o pensamento surgem da socialização e do engajamento da criança com a atividade humana, através de objetos físicos, artefatos (ferramentas) e com práticas sócio-históricas culturais, isto é, os signos, entre os quais a língua é importante mediadora do processo. Pela mediação feita através de signos, principalmente a língua, a aprendizagem ocorre através da apropriação e internalização de atividades que primeiramente se realizam na interação social. São então as estruturas do contexto social que formam o pensamento, o qual está intrinsicamente conectado com a linguagem (BAKHURST, 1991, p. 83).

A teoria sociocultural propõe que a aprendizagem e a aprendizagem de línguas se dão através de processos colaborativos em que um “expert” ou par mais desenvolvido que auxilia um aprendiz, tendo em vista a ZDP – zona de desenvolvimento proximal, isto é, a existência de uma área potencial de desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento mental da criança ou estudante em um determinado momento e o potencial para o próximo momento, processo este interiorizado a partir da interação social colaborativa e de indivíduos mais capazes. Outro aspecto importante dessa teoria é o agenciamento. O sujeito tem um papel importante, pois carrega consigo sua história, valores e crenças e, ao mesmo tempo em que é determinado pela sua história, é também agente e transformador (DONATO, 2004). De acordo com Swain (2004), a aprendizagem da segunda língua na teoria sociocultural é mediada pela própria língua e a aprendizagem e a interiorização mental originam-se do trabalho colaborativo e da natureza dialógica das atividades sociais externas.

Para complementar a teoria sociocultural, adicionamos o dialogismo de Bakhtin, uma vez que o aspecto dialógico da interação humana (BAKHTIN, 1981) também enfatiza a importância do contexto social e histórico, sendo que a comunicação humana, seja ela escrita ou oral, e a aprendizagem ocorrem através de um diálogo com o contexto e com o Outro (KRAMSCH, 2004). A expressão verbal e escrita está em diálogo ou é uma resposta a outras expressões como em uma cadeia (dialogismo). Nesse sentido, Bakhtin (1981) considera que o individual e o social são dois lados da mesma moeda, e tanto Vygotsky como Bakhtin eram contrários à binaridade mente/corpo descrita por Descartes, considerando que os elementos coexistem: mente/corpo e individual/social. Assim, se internalizamos a língua do contexto e convívio social, a produção individual é formada pelas produções sociais e vice-versa. Bahktin (1981) também descreve a *polifonia*, isto é, as diversas vozes presentes nos nossos discursos individuais e sociais. Nesse diálogo com outras vozes, Bahktin (1981) menciona duas forças: a centrífuga e a centrípeta que se gladiam, a primeira para as vozes coexistirem e a segunda para garantir que uma voz se mantenha em sua unidade. Koshmann (1999) utiliza-se desse conceito de Bahktin para afirmar que a língua é usada para colaboração ou para a competição, isto é, para coexistir com os outros ou para distinguir-se dos outros.

Complementamos a teoria de Vygotski e Bahktin com os pressupostos teóricos mais recentes de James P. Lantolf (2002), que deu grande impulso a essas teorias, com a denominação de teoria sociocultural na aprendizagem de segunda língua. A teoria sociocultural argumenta que os processos mentais humanos são produzidos por mediação, através de artefatos, atividades e conceitos, sendo que a língua, a organização e a estrutura são os principais meios de mediação. Os processos de desenvolvimento realizam-se através da participação linguística e cultural, em interações de pares ou de grupo, em um dado contexto histórico, através de instituições estabelecidas como família, escola, esportes e ambiente de trabalho. Para que haja aprendizagem, o estudante de segunda língua deve estar em um ambiente de colaboração com o grupo, com um mediador ou professor que seja competente na língua em questão. A língua é o artefato simbólico cultural mais importante na mediação do homem com o exterior e a aprendizagem da segunda língua acontece, então, a partir da internalização da língua pelo aprendiz, em um contexto de atividades organizadas culturalmente.

O contexto de teletandem é um contexto apropriado para os subsídios da teoria sociocultural e o dialogismo de Bakhtin. Os interagentes de diferentes países encontram-se

virtualmente para aprender a língua do Outro, em encontros caracterizados por interações e diálogos colaborativos, em que se alterna a língua a ser aprendida e em que o interagente proficiente e competente na língua em questão facilita a aprendizagem do outro. A aprendizagem realiza-se diretamente através do contexto social representado pelo parceiro e os interagentes são responsáveis por sua aprendizagem. Os telecolaboradores também têm uma sessão de mediação com um professor mediador para solucionar eventuais problemas ocorridos durante as sessões.

Na próxima seção discutiremos a aprendizagem de línguas no projeto *Teletandem*, que é marcada pela autonomia e reciprocidade de duplas mediada por tecnologia: um computador com uma *webcam*.

1.2 A aprendizagem em *teletandem*

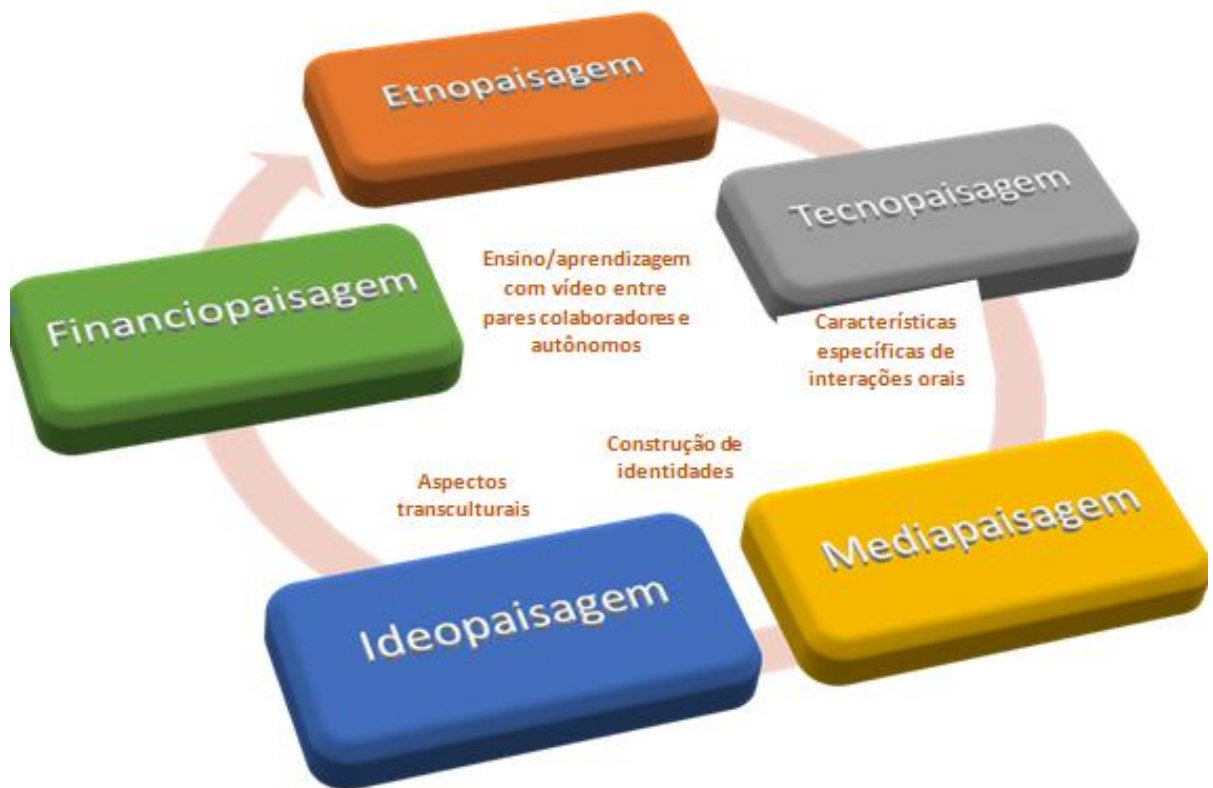
De acordo com Vassalo e Telles (2009), a aprendizagem em *teletandem* tem as seguintes características: é uma modalidade de aprendizagem virtual mediada pelo computador, que se utiliza da língua oral e escrita e de imagens de vídeo (*webcam*). Essa aprendizagem desenvolve-se por meio da reciprocidade e da autonomia (sociabilidade e individualização), com aprendizes interessados em aprender a língua um do outro, em contexto onde as relações de poder entre os parceiros são alternadas. As interações são seguidas de sessões compartilhadas de mediação, nas quais se discute o conteúdo da conversa, cultura, a forma, o léxico e a interação em si. É uma aprendizagem situada em um contexto específico, uma prática social que propicia aos interagentes serem responsáveis pela própria aprendizagem.

O conceito de *teletandem* surgiu do *tandem*, que foi concebido na Alemanha, em cursos bilíngues intensivos organizados a partir do método audiovisual, pela organização franco-alemã para a juventude, mas no fim dos anos sessenta, o conceito de *tandem* traduzia-se como o encontro periódico de dois estudantes para um aprender a língua do outro. Há tipos diferentes de *tandem*: o independente e o integrado ou complementar, sendo que o independente se realiza quando dois estudantes decidem fazê-lo sem nenhuma ligação com um curso de línguas e o integrado ou complementar quando é parte de um curso de línguas. No entanto, o *tandem* mais conhecido é o *tandem* individual (BRAMMERTS, 2002; BRAMMERTS; CALVERT, 2003).

Nos anos setenta na Espanha o *tandem* adquiriu essas características que são também as presentes na maneira como é usado atualmente (BRAMMERTS, 2002), isto é, dois falantes

nativos se encontram para aprender a língua do Outro, de uma maneira autônoma, com ou sem a ajuda de um mediador. Os encontros desses aprendizes devem ser marcados pelo conceito de uma língua por vez, para que cada parceiro se esforce para se comunicar e negociar na língua que deseja aprender. A reciprocidade no *tandem* é muito importante, pois os parceiros alternam as posições de aprendiz e falante proficiente da língua em questão e estas posições devem ter o mesmo tempo, como por exemplo, meia hora para cada língua. A autonomia dos parceiros também faz parte deste processo, pois eles são responsáveis por sua aprendizagem bem como pelo apoio ao outro parceiro no se refere a aspectos linguísticos, culturais e de incentivo. O *tandem* pode ser independente, como já foi explicado, ou institucional, quando duas entidades, em geral universidades ou escolas, se fazem parceiras, com o objetivo de ensinar e aprender línguas por *tandem*. O institucional tem em geral um mediador e tarefas como um relatório sobre as sessões e avaliação (BRAMMERTS; CALVERT; KLEPPIN, 2002). Em geral os participantes do *tandem* falam de assuntos que lhes sejam de interesse. No *tandem* institucional pode ocorrer a sugestão de temas para as sessões.

Esse processo proporciona acesso não somente à aprendizagem virtual de uma língua estrangeira com a presença de recursos áudio e vídeo mas também o contato com culturas diversas. Tais aspectos estão representados na imagem a seguir.



TELETANDEM – FIGURA 1

Na figura acima temos uma representação do Teletandem: no centro o ensino/aprendizagem com vídeo entre pares colaboradores e autônomos com posições alternadas de falante competente e aprendiz, os posicionamentos de sujeito e a construção de identidades, as características específicas das interações orais e os aspectos transculturais que perpassam estes encontros on-line, isto é aspectos referentes à heterogeneidade interna das culturas e o hibridismo. Externamente ao círculo, representando o contexto social e globalizado, uma flecha com os fluxos culturais globais (APPADURAI, 1996) atravessa e envolve os encontros virtuais de Teletandem: a etnopaisagem (a movimentação das populações no planeta, a tecnopaisagem (a comunicação virtual por tecnologia), a mediapaisagem (os conteúdos da media como narrativas, propaganda, etc...), a ideopaisagem (os discursos e ideologias) e a financiopaisagem (as relações financeiras envolvidas na globalização como remessas de grupos nacionais ao seu país de origem e investimentos transnacionais).

Continuando a nossa descrição do *teletandem* que se originou no *tandem* citamos Telles e Vassalo com as características do contexto e as implicações para a prática de *tandem* e também *teletandem*:

a. Uma soma de opostos, tais como sociabilidade e individuação; b. Um esforço colaborativo com o parceiro, cujo objetivo é aprender uma língua estrangeira; c. Um contexto de equilíbrio global no qual as relações de poder entre os parceiros são alternadas; d. Um contexto no qual se pode assumir responsabilidade e socializar aquilo que é aprendido de modo recíproco e ao mesmo tempo autônomo; e. Um contexto no qual se pode exercitar a autonomia e gerenciar o próprio processo de aprendizagem, e f. Um contexto com espaços para o aprendiz desenvolver relações prazerosas e pleno desenvolvimento com seu próprio processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. (TELLES; VASSALO, 2009, p. 39)

O conceito de que o *tandem* é uma soma de opostos, como sociabilidade e individuação, nos remete primeiramente a Vygotsky (1979), pois a aprendizagem se dá pela apropriação nas interações sociais e o pensamento se forma através do contato social; remete-nos também a Bahktin que considera o individual e o social como os dois lados da mesma moeda, e que assim como o social está presente no individual, o individual faz parte do social (BAHKTIN, 1981).

Com o início da comunicação por tecnologia acompanhada de uma *webcam* surgiu o *teletandem*, o *tandem* à distância, com o uso de aplicativos como *Windows Live Messenger*, *skype* ou *OoVoo*, de video conferência e de lousa eletrônica. Foi a partir destes fatos que surgiu o projeto *Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos* em 2006, no campus da UNESP de Assis e de São José do Rio Preto. O *teletandem* tem as características de funcionamento como as do *tandem*, usando a imagem, a voz, a escrita e a leitura através da lousa eletrônica ou *chat*, mas sendo virtual e não face a face. Desde o início do projeto estudantes de inglês, francês, alemão, japonês, espanhol e italiano desta universidade brasileira têm sessões virtuais regulares com os de países da América do Sul, do Norte, Europa e Ásia, para aprenderem um a língua do outro.

Desde o início do projeto em 2006, as sessões têm uma hora de duração, com 30 minutos para cada língua. Os telecolaboradores podem ter uma ou duas sessões por semana e de acordo com Vassalo e Telles (2009, p. 53) abrangem as seguintes fases: 1. Conversação acerca de um ou mais tópicos, 2. Os comentários acerca da língua utilizada, isto é, o falante competente comenta rapidamente os problemas de vocabulário, gramática e pronúncia e 3. Reflexão compartilhada sobre a sessão, isto é a avaliação da sessão com o objetivo de negociar, por exemplo, tópicos que

queiram ou não queiram falar, mais ou menos correções, pronúncia e também incentivar um ao outro sobre a aprendizagem da língua. A experiência nos tem mostrado que estas “fases” acontecem mas não necessariamente em sequência.

Em abril de 2010, o projeto *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos* (TELLES, 2006) reconfigurou-se em um novo projeto intitulado *Teletandem: a transculturalidade das interações on-line em língua estrangeira por webcam* (TELLES, 2011), com contribuições científicas, cuja ênfase está relacionada à dimensão cultural da aprendizagem em *teletandem*. No quadro abaixo estão os novos temas para as pesquisas em *teletandem*:

EIXOS TEMÁTICOS	PERGUNTAS GERAIS DO PROJETO DE PESQUISA
1. Modos de se compreender o estudo, a aprendizagem e a prática das línguas estrangeiras	(a) Que representações os parceiros de teletandem trazem a respeito de currículo, dos processos de aprendizagem e da importância do estudo e da prática online de uma língua estrangeira? Que impacto têm essas representações sobre as relações construídas durante o processo de teletandem e que referências são criadas por cada um dos parceiros?
2. Modos de compreender a cultura do parceiro e seus impactos sobre a aprendizagem e sobre a relação com o parceiro	(b) Que representações o praticante de teletandem traz de seu próprio país, de seus próprios hábitos e dos seus próprios modos de vida, assim como aqueles de seu parceiro? Como essas representações afetam o estabelecimento das relações on-line e que referências são produzidas a partir dos encontros transculturais?
3. A contribuição do teletandem para a educação do aprendiz para se relacionar com outros povos	(c) Que relações são estabelecidas pelos participantes, por meio dos contatos intercontinentais, culturais, linguísticos e acadêmicos, via teletandem? A partir dos contatos online via teletandem, que referências são produzidas que possam contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos jovens de se relacionar com outros povos do planeta?
4. Diferentes visões de implementação institucional do teletandem	(d) Diante de diferenças contextuais, culturais, educacionais e curriculares encontradas, como os pesquisadores e administradores do projeto estabelecem contato com os colegas pesquisadores e administradores no exterior? Que novas referências são produzidas a partir do contato transcultural entre eles?

Quadro 1- Eixos temáticos e perguntas gerais do projeto

Fonte: TELLES (2011, p. 12)

O presente estudo encaixa-se no tema número 2, pois a nossa contribuição seria 1. A identificação das posições de “sujeito” dos interagentes com respeito aos discursos de gênero e culturais, e as ideias sedimentadas que emergem e se apresentam durante a interação e 2. As dinâmicas das duplas com variações de sexo biológico/gênero.

Os estudos do projeto *teletandem* que também se relacionaram a esse tema e que são pertinentes ao nosso estudo são resumidos a seguir:

O primeiro estudo a ser mencionado é “A formação inicial de professoras de línguas para/em contexto mediado pelo computador (*teletandem*): um diálogo entre crenças”, (KANEIOYA, 2008). Este estudo é de base etnográfica e discutiu como discursos e reflexões emergem e são construídos em relação ao processo de aprendizagem em *teletandem*. A autora conclui que o espaço do *teletandem* tem uma ampla perspectiva de aprendizagem e um exercício da ética, que vai além das fronteiras nacionais e que os interagentes aprendem línguas e cultura, proporcionando uma verdadeira educação pela linguagem. (KANEIOYA, 2008). Segundo a autora o *teletandem* pode contribuir para uma aprendizagem de cultura no que se refere a valores, ideologias, discursos, política, costumes e diferenças conceituais.

A próxima tese a ser discutida é a de Luvizari-Murad (2011), um trabalho de especial importância para nossa discussão. Luvizari-Murad (2011) desenvolveu uma pesquisa que considera a teoria histórico-cultural da atividade como embasamento teórico que direciona as discussões de seu estudo etnográfico. Nesse estudo, a autora analisa os elementos constitutivos de uma interação *on-line* e os elementos culturais que perpassam estes encontros virtuais, assim como discute o *teletandem* como um espaço de transformação. Portanto, aqui temos a primeira tese de doutoramento, do grupo de pesquisadores em *teletandem*, que trata explicitamente do aspecto cultural como um de seus objetivos de pesquisa.

Continuando na nossa análise das teses que tratam de temas relacionados ao nosso, a tese de Salomão (2012), *A cultura e o ensino de língua estrangeira: perspectivas para a formação continuada no projeto Teletandem Brasil* procura compreender o conceito de cultura e as crenças expressas pelos professores. Salomão analisa a concepção de cultura dos professores brasileiros e suas crenças sobre a cultura-língua do outro. A autora propõe uma redefinição e reconceitualização dos termos “cultura” e “competência comunicativa intercultural”. O termo “cultura” deveria ser definido sem dogmatismos ou generalizações e, portanto, como heterogêneo, dinâmico, complexo, variável, em fluxo e que apresenta possíveis conflitos. Salomão conclui que o *teletandem* com a telepresença é um espaço que pode gerar oportunidades de vivenciar dialogicamente experiências que poderão reformular os conceitos e as crenças (SALOMÃO, 2012). Salomão faz uma investigação sobre as crenças dos professores com respeito à cultura do outro e paralelamente o nosso estudo investiga ideias sedimentadas sobre

discursos de gênero e de identidade nacional sob o ponto de vista dos telecolaboradores. Acreditamos que estas duas investigações são complementares e muito pertinentes para a produção científica do projeto *teletandem*.

A tese do projeto *teletandem* que também se relaciona com o gênero é a tese de Vassallo (2010) *As relações de poder nas parcerias de teletandem*, pois como esclarece Scott (1999), a primeira dimensão do gênero é o poder. Vassallo analisa em sua tese os pontos de trânsito do poder, as bases do poder e as dinâmicas de poder. A autora utiliza uma visão relacional do poder: propriedade dinâmica de relações não estáveis de pessoas; discute o poder potencial e o exercido, o consciente e o inconsciente, o intencional e o não intencional, o do agente e o estrutural, o implícito e o explícito e, finalmente, o poder negativo e o produtivo. Os resultados indicam oito pontos de trânsito de poder: 1. comparecimento *on-line*, 2. o que fazer nas sessões, 3. as estratégias didáticas, 4. o gerenciamento das sessões, 5. os tópicos de conversa e 6. as variantes linguísticas. Aparecem em menor destaque o equilíbrio da língua, o poder externo e o estrutural.

De acordo com sua análise, Vassallo chega aos seguintes resultados: 1. realiza-se uma convergência de atividades na segunda parte da sessão, 2. os papéis assumidos nas relações de poder são independentes das línguas e dos papéis de aprendiz ou falante competente, 3. há uma prevalência do aspecto relacional sobre o didático, 4. a prevalência da reciprocidade à autonomia e 5. os parceiros encaram o TT como troca social.

A presente tese vai dialogar com essa pesquisa de Vassallo, pois temos também aspectos nos nossos dados que incluem o poder estrutural e também o poder interpessoal.

Nossa tese é a primeira que trata do gênero no projeto *Teletandem* e a primeira a fazer uma análise baseada na performatividade de Judith Butler.

Apresentamos a seguir um panorama dos estudos de gênero para localizarmos a teoria da performatividade de Judith Butler.

1.3 Os estudos de gênero: um panorama

Ainda que os estudos de “gênero” sejam classificados de acordo com suas abordagens, uma constante emerge entre os estudiosos: historicamente, o gênero masculino exerce a dominação sobre o feminino nos vários segmentos de relações sociais e interpessoais.

Tradicionalmente, há uma ordem: o homem opera na esfera pública e a mulher restringe-se à esfera privada. Em consequência dessa divisão de poder, seja nos países industrializados do hemisfério norte, seja nos do hemisfério sul, colonizado ou não, os homens recebem salários mais elevados do que as mulheres.

O panorama sobre os estudos de gênero que ocorreram antes da teoria da Performatividade de Judith Butler foi baseado no capítulo “Feminisms and Gender Studies” do texto de Guerin (GUERIN et al, 2005).

Antes de discutirmos os estudos de gênero devemos mencionar a importante contribuição de Simone de Beauvoir, escritora francesa e ativista, feminista, que escreveu em 1952 a famosa frase “A mulher não nasce mulher, ela se torna mulher”, indicando um caminho à análise socioconstrutivista, na qual o “gênero” é socialmente construído em decorrência de discursos (linguagem) que, dialeticamente, formam um indivíduo e que, ao mesmo tempo, são formados ou transformados por esse mesmo indivíduo (FOUCAULT, 1978).

Para iniciarmos a discussão, os estudos de gênero podem ser realizados sob o ponto de vista psicanalítico, já que, para Freud (1953), as identidades de gênero são formadas no inconsciente a partir da identificação com os pais. Lacan (1977), por sua vez, acrescenta a importante adição da linguagem e do simbólico à formação do inconsciente.

A abordagem marxista dominante nos anos 70 e 80 do século XX, decorrente das ideias de Engels (1884, 1993), analisa e explica a subordinação feminina como decorrência da luta de classes do sistema capitalista, cuja mecânica produz as desigualdades e a opressão do gênero feminino.

Os teóricos socialistas apontam igualmente o capitalismo e o patriarcado, poder masculino nas instituições sociais em geral, como os geradores do processo de opressão sobre o feminino.

A teoria dos papéis de gênero (PARSONS; BALES, 1956) foi a primeira a vislumbrar a ideia de que gênero poderia ser socialmente construído, tendo em vista que sua distinção decorre do condicionamento social, da aprendizagem na família, na escola, na mídia. Portanto, nesses espaços, constrói-se a relação do sexo biológico com os papéis que ele desempenha na esfera pública e na privada, isto é, no social.

A abordagem feminista, em geral trabalhada na análise literária, inaugurou-se nos anos 70 e teve as francesas Cixous e Clement (1975) como suas principais protagonistas. Essa abordagem

teve e tem um forte conteúdo político, porque se baseia na desconstrução do poder falocêntrico (patriarcado). A proposta reforça o que Simone de Beauvoir já havia afirmado, isto é, que o processo de se tornar mulher ocorre através dos discursos presentes no contexto sócio-histórico, aí consideradas a ideologia, a educação, a escola e a família.

A contribuição da historiadora de gênero Joan Scott foi importante, porque ela demonstrou que o gênero é o primeiro campo de atuação em que as relações de poder operam. (SCOTT, 1999). A publicação mais conhecida de Scott é seu artigo *Gender: a useful category of historical analysis*, de 1986. A sua contribuição é fundamental para os estudos de gênero, pois ela revela a ausência, na história, da categoria das relações de gênero, sendo que a história até então tinha sido escrita primordialmente pelas narrativas e experiências do masculino. Scott aponta o caráter de construção social dos gêneros e critica a análise essencialista dos sexos, os papéis normativizados para os gêneros, produzidos pelo patriarcalismo e pelo marxismo. As relações de poder dos gêneros estão imbricadas na história na qual a invisibilidade do feminino convive com o poder do masculino.

No campo da Linguística e da Sociolinguística, Lakoff (1975) publicou *Language and Women's Place*, para defender uma linguagem feminina, que denunciava elementos de subordinação à ordem masculina dominante. Lakoff demonstra como a marginalidade e o não empoderamento feminino se revelam nas formas linguísticas de como as mulheres falam e de como são caracterizadas pelo outro. Lakoff analisa a sintaxe, a morfologia, a entonação e atos da fala como pedidos, sugestões e convites.

Deborah Tannen (1994), com *Gender and Discourse*, estimula uma abordagem de análise do discurso, na ótica da sociolinguística interacional (BUCHOLTZ, 2003). Tannen analisa interações entre os dois gêneros sob dois eixos: hierarquia (poder)/igualdade (solidariedade) e proximidade/distância, que não se ligam *a priori* aos gêneros feminino e masculino, tratados de uma maneira não determinista. Nessa direção, o contexto ou os gêneros podem ser marcadamente definidos (com ou sem poder), ambíguos (onde há uma ou outra interpretação) ou polissêmicos (com mais de uma interpretação). Sua análise propõe que a hierarquia causa assimetria nas relações de poder, enquanto a simetria entre elas indica igualdade ou solidariedade. Contudo, não se pressupõe que o elemento masculino ou feminino estará *a priori* em posição de assimetria e com o poder.

Outras abordagens surgiram, como a pós-colonialista (SPIVAK, 1999), que indica a marginalidade e opressão da mulher colonizada em relação àquela da centralidade. De certa forma, os enfoques pós-modernos desenvolvem o estudo de gênero com atenção às marginalidades e fragmentações do mundo contemporâneo.

A teoria de gênero performativo de Judith Butler (1999), também chamada *Teoria Queer*, causou uma grande mudança no cenário dos estudos de gênero. Segundo ela, o gênero transita, assim como o poder, nas relações interpessoais (FOUCAULT, 1979).

O pensar de Judith Butler e sua teoria da performatividade estão fundamentados na teoria dos atos da fala do filósofo inglês John L. Austin, cuja obra *How to do things with words* (AUSTIN, 1962) oferece uma nova perspectiva aos estudos linguísticos, visto que, segundo ela, fazemos coisas com a língua (os atos de fala), como por exemplo, quando um padre diz “eu te batizo”, a emissão linguística e o ato de batizar vêm juntos. Outros atos da fala seriam, por exemplo, pedir desculpas, convidar ou cumprimentar. As interações discursivas têm sempre uma pergunta a ser respondida: “O que os falantes estão fazendo com a língua?” – atos elocucionários; “Qual é o efeito ou produto discursivo de uma troca linguística?” – atos perlocucionários. Não se diz, por exemplo, “Meus sapatos são pretos.” sem uma pergunta anterior “Qual é a cor dos seus sapatos?” ou a resposta a uma afirmação “Meus sapatos são brancos.” com o intuito de se pedir informação ou comparar/contrastar a cor dos sapatos, respectivamente. Quando digo “Minha vizinha anda muito triste ultimamente”, ou sei que perdeu o emprego e está naturalmente triste ou, se não sei a razão, mostro preocupação por ela e talvez tente fazer algo para ajudá-la. Pode haver mais possibilidades de significados ao se dizer “Meus sapatos são pretos”, no entanto estes sempre terão uma ação impulsora no contexto, com significado específico.

Na construção de sua teoria da performatividade, Butler também se apropria do conceito de *interpelação* de Althusser (SALIH; BUTLER, 2004). Já nascemos nos discursos historicamente presentes, os quais nos determinam e pelos quais somos *interpelados*. Althusser tem uma perspectiva que advém do materialismo histórico marxista, com reformulações estruturalistas e até pós-modernas. Nas considerações sobre ideologia, subjetividade e interpelação, o filósofo francês explica que não podemos escapar da ideologia e é através do surgimento do “eu”, baseando-se aqui no “estágio de espelho” do psicanalista Lacan (1977), que nós nos damos conta do “eu” e do “outro” e somos assujeitados à ideologia do momento histórico, isto é, somos interpelados pelo discursos vigentes (CALLARI; RUCCIO, 1996).

Do filósofo Nietzsche vem o conceito de que o sujeito não existe antes da ação (SALIH; BUTLER, 2004), levando, portanto, à afirmação de que não existe o “ser” antes do “fazer”. Assim, os posicionamentos do sujeito e das identidades são o resultado performático produzido pela ação e, por isso, as identidades são fluídas e em constante transformação.

Somos, então, interpelados e sujeitos às regras e normas linguístico-discursivas desde o momento (e até antes) de nascermos - durante o exame de ultrassom, por exemplo: “É uma menina/um menino”.

O processo de fazer parte de um discurso é o processo de repetições performativas que recebemos e que produzimos, ao qual aderimos ou não. Os conceitos de *iterabilidade* e *citacionalidade* de Derrida (1988) também são partes da teoria da performatividade de Butler. Este *sujeitamento* se dá por repetições históricas linguístico-discursivas e performáticas, sendo a citacionalidade a habilidade de citar aspectos linguísticos e discursivos de um contexto a outro. Essas repetições e citações nunca são idênticas, pois os universos, tanto histórico quanto social e individual, são diferentes (SALIH; BUTLER, 2004).

A grande mudança de Butler com relação aos estudos feministas foi o argumento desta autora de que sexo biológico e gênero não apresentam diferenças. De acordo com as teorias feministas, o gênero seria a construção social do sexo biológico. Butler propõe, primeiramente, que a forte binaridade dos discursos de gênero tradicionais e a heterossexualidade compulsória não explicam as identidades LGBT. Para Butler não existe uma relação direta entre desejo e sexo/gênero. Assim, o sexo/gênero não é essencial e natural com respeito ao desejo. Ela considera que primeiro vem o desejo e depois o sexo/gênero. Essas identidades fluídas e em processo, hetero ou não, são produzidas pela performatividade e pela interpelação do sujeito. (ALMEIDA, 2014)

Butler analisou as identidades de gênero, não somente de gays e lésbicas, mas também transgêneros e bissexuais. Para isso, produziu a teoria da performatividade para explicar estas identidades. A sua teoria foi adotada por várias áreas de pesquisa como ciências políticas, identidades nacionais, étnicas, humor e paródia. Harissi, Otsuji e Pennycook (2012) conduziram um estudo sobre a paródia, o qual se baseia na iterabilidade e na citacionalidade, usando identidades nacionais. Os falantes de uma língua e nacionalidade fazem paródia de outras nacionalidades e línguas, através de aspectos sedimentados da cultura e da identidade do “Outro”, mediados pela língua, e usando aspectos sedimentados de variação linguística (sotaques). A

teoria de Butler é geralmente considerada pós-estruturalista, dado que se inclui na tradição de Foucault na qual “nada existe fora do discurso”.

[...] Butler às vezes identifica aspectos da sua obra como “pos-estruturalista”, mas a designação não captura adequadamente a multiplicidade de seu conteúdo teórico. Identificá-la como pós-estruturalista ou pós-moderna (identificações que ela não considera apropriadas) seria omitir as abordagens feministas, psicanalíticas e marxistas dentro das quais a sua teoria também está localizada. (SALIH; BUTLER, 2004, p. 5)¹

Butler desmonta a ideia de identidade fixa de gênero para transformá-la em *uma produção de identidade em transformação*. Neste estudo, os discursos de gênero não vão ser trabalhados isoladamente. Pelo contrário, serão analisados como *um* dos elementos presentes nas interações dialógicas dos parceiros. Dentre esses elementos, temos a aprendizagem situada das sessões virtuais, os estilos, as relações de poder e a comunicação intercultural que envolve aspectos transculturais; isto é, aspectos relativos às culturas vistas não como ilhas isoladas, mas como sendo híbridas e globalizadas.

A nossa escolha pela teoria da performatividade para servir como embasamento teórico principal da nossa pesquisa se apoia no fato de que esta teoria é a que melhor explica as relações de sexo biológico/gênero, a orientação sexual e as identidades LGBT na contemporaneidade pós-moderna. A análise vai ser pautada pela orientação da teoria sociocultural e histórica, pela interpelação do sujeito pelo discurso e também pelas mudanças de lugar de sujeito que ocorrem nos diálogos; durante uma interação ou ao longo do semestre, nos discursos sedimentados não somente de gênero, mas também de identidade nacional, e nas identidades fluídas e em processo. Como somos interpelados pelos discursos, repetimos esses mesmos discursos, historicamente, produzindo ideias sedimentadas e congeladas. As outras teorias mencionadas, como a psicanalítica, têm uma perspectiva muito restrita; portanto, o olhar sob a ótica da performatividade e da teoria sociocultural dão ao nosso estudo de ensino/aprendizagem virtual de línguas um embasamento teórico mais apropriado, pois os processos linguístico-discursivos e a interpelação do sujeito são resultados da performatividade (BUTLER, 1999), devido a

¹ No original: “[...] Butler sometimes identifies aspects of her work as “poststructuralist”, the designation does not adequately capture the multiplicity of her theoretical provenances, and to call Butler a poststructuralist (or a postmodernist – a label she does not consider appropriate) would elide the feminist, psychoanalyst, and Marxist frameworks within which her work is also located.”

iterabilidade e citacionalidade, e internalizadas e apropriadas através da colaboração social, em um constante diálogo com o contexto e o “outro” (VYGOTSKY, 1987; BAHKTIN, 1981).

Faremos, neste estudo, comparações com outros resultados de estudos sobre parcerias com variações de sexo biológico/gênero, com os resultados da pesquisa sociolinguística relatada por Jennifer Coates (2004) em seu livro *Women, Men and Language*, Coates relata pesquisas sobre as características masculinas e femininas das interações de gêneros mas/masc, fem/fem/ e masc/fem e como se expressam estas dinâmicas e como funcionam grupos de sexo biológico/gênero iguais e diferentes. Os estudos quantitativos e qualitativos de Coates sobre gênero vão de adolescentes até indivíduos de meia idade. Outro estudo que usaremos para comparação de resultados é uma pesquisa de Jeong e Davidson-Shivers (2003) sobre a atuação dos gêneros de universitários comunicando-se pela internet.

Na próxima seção discutiremos o conceito de gênero adotado nesta pesquisa e a formação de identidades.

1.4 O conceito de gênero e a formação das identidades

Nesta seção, definimos o significado do conceito de “gênero” que norteia esta pesquisa e, também, a formação das identidades.

Definimos gênero como uma construção social, histórica e ideológica, cujos discursos se originam na educação e assujeitamento dos indivíduos aos discursos de sua história, fabricados pelo estado, pela escola, pela família e pelo entorno social de um indivíduo. Falaremos, então, sobre discursos de gênero, isto é, sendo nós seres que representam a realidade e usam a língua para mediar a comunicação intersubjetiva, somos construídos pelos discursos que nos determinam e que, ao mesmo tempo, também são por nós determinados. É importante aqui ressaltar a importância das identidades fluídas e em processo, produzidas pelo aspecto performativo do discurso e através da repetição histórica. (BUTLER, 1999)

O nosso estudo utiliza o conceito de “discurso” como foi definido no parágrafo anterior. Nascemos nos discursos sócio-históricos e somos interpelados por eles. Os discursos são produzidos pelo estado, escola, família e eles nos formam, mas esses mesmos discursos também são por nós transformados.

Um importante marco histórico na definição de “discursos” e “discursos de gênero” foi a contribuição do filósofo francês Foucault (1978) em sua obra *História da Sexualidade* a qual discorre sobre o dispositivo da sexualidade como um dispositivo histórico que permeia e atravessa os discursos de uma época. De acordo com esse filósofo, o dispositivo da sexualidade, desde o século XVIII, revelou-se na sociedade através do dispositivo do saber, isto é, todas as regras de comportamentos permitidos e proibições são emanadas do estado, da escola, da medicina e da família. Tal dispositivo refere-se aos constructos culturais ou discursos que regem e determinam a sexualidade. Foucault assim o define:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244)²

Essa “rede”, segundo Foucault, está permeada e atravessada por relações de poder, as quais estão imbricadas nas relações humanas; elas são fluídas, circulam, não se expressam somente pelo proibido e negativo, mas também pelo produtivo e positivo (FOUCAULT, 1979). As relações dos discursos de gênero constroem-se dentro e através dessa rede de poder em um determinado momento social e histórico. É importante adicionarmos aos discursos de gênero o conceito culturalmente construído de *heteronormatividade* ou *heterossexualidade compulsória* (RICH, 1980), o qual revela a tendência de a sociedade privilegiar as relações heterossexuais e marginalizar as outras. Com a marginalização dessas identidades surgiu uma política de identidades, a qual vai ser discutida na página 38. Como tradicionalmente a heteronormatividade está inserida nos nossos discursos de gênero, a expectativa da família, da escola, do estado é de que o/a jovem seja heterossexual. Sendo assim, no presente trabalho, usaremos os conceitos de discursos de gênero, ideologia desses discursos e o conceito de heteronormatividade.

Após a discussão sobre o conceito de discursos de gênero e de elemento social na formação das identidades, é importante que se discutam as identidades, isto é, como as subjetividades e individualidades podem ser formadas ou transformadas, pois são fluídas e em processo.

² No original: “[...] decidedly heterogeneous group that includes discourses, institutions, architectural installations, regulatory decisions, laws, administrative policies, scientific claims, and philosophical, moral and philanthropic propositions. The dispositive itself is the connection that can be established between these elements.”

Um conceito muito importante para essa discussão de gênero e de discursos de gênero é a *formação da identidade*. Ela forma-se a partir das semelhanças e diferenças que o indivíduo encontra em seu universo de possibilidades, entre o “eu” e o “Outro”, o familiar e o estranho, o central e o marginal. Segundo Hall (1996), as identificações são feitas em relação ao outro. Por conseguinte, a diferença e a exclusão são mais importantes do que as semelhanças:

Precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso, precisamos entendê-las sendo produzidas em espaços históricos e institucionais específicos dentro de formações e práticas discursivas específicas, através de estratégias específicas de enunciação. Mais ainda, elas emergem dentro do jogo de modalidades específicas de poder, e, portanto, são mais o produto da diferença e exclusão do que um sinal de uma unidade idêntica e constituída naturalmente. (HALL, 1996, p. 4)³

Assumindo aqui uma posição não essencialista, podemos dizer que as identidades não são fixas, são transitórias, contraditórias e estão em permanente produção em nossas *performances* linguístico-discursivas, havendo nelas o cruzamento da subjetividade, vale dizer, dos nossos pensamentos, emoções, conscientes e inconscientes, fantasias, desejos, com o nosso espaço social, histórico e ideológico que constituem nossos discursos. As identidades de gênero também são assim construídas concomitantemente com os outros componentes identitários como o nacional, o cultural, o étnico, e o de classe social.

A oposição e a binaridade foram usadas pelos estruturalistas como método de análise. No paradigma estruturalista, o linguista Saussure (1974) usava oposições para caracterizar conceitos (significante/significado e sons opostos na fonologia). Semelhante característica de classificar os elementos em oposição e polarizá-los muitas vezes nas sociedades ocidentais privilegia e empodera um dos elementos e marginaliza o outro, criando um juízo de valor, como, por exemplo, jovem/velho, sendo que o elemento jovem tem poder sobre o velho. Derrida (1981) desconstrói tais binarismos e explica a construção cultural feita a partir dessas polarizações, o que revela porque, na atualidade pós-moderna, os binarismos e polarizações estão em constante embate com as posições de abertura de possibilidades, dos lugares de sujeitos múltiplos, e da inclusão de minorias. Com respeito à dicotomia homem/mulher, desde os 70, com os movimentos

³ No original: “Precisely because identities are constructed within and not outside discourse, we need to understand them as produced in specific historical and institutional sites within specific discursive formations and practices. by specific enunciative strategies. Moreover they emerge within the play of specific modalities of power, and thus are more the product of the marking of difference and exclusion, than they are the sign of an identical naturally constituted unity.”

feministas e culturais, o leque vem se abrindo em possibilidades de mudança de status e poder da mulher na sociedade e o aparecimento de novas identidades de gênero como gay, lésbicas, bissexual e transgênero.

Com a globalização e o movimento de imigração de pessoas a outros países, levados por grandes multinacionais ou simplesmente para obter melhores condições de vida, as identidades também se alteram, dado que cada vez mais as identidades se tornam complexos amálgamas com variações transnacionais, étnicas, religiosas, de classe social e de gênero (ver WELSCH, 1999; APPADURAI, 1996).

Com o impacto e os reflexos dos movimentos sociais e culturais dos anos 60 e 70 acima mencionados, surgiu nos últimos vinte anos uma política de identidades na qual vigora o slogan “o pessoal é político” (WOODWARD, 1997). Woodward assim define a política de identidades:

A política de identidades envolve a definição da própria identidade como membro de um grupo oprimido e marginalizado sob um ponto de vista político, e portanto, a identidade se torna um fator importante em mobilizações políticas. Tais políticas envolvem a celebração de um grupo como também uma análise de sua opressão. (WOODWARD, 1997, p. 24)⁴

No presente estudo, para tentar caracterizar os/as jovens interagentes que se encontram *on-line* no contato transcultural via aprendizagem em teletandem, provenientes de dois países diferentes com universos, histórias e contextos diversos, faz-se necessário desenvolver e levar em consideração o conceito de identidades nacionais, étnicas, sociais, culturais e de gênero, a fim de se começar a compreender o universo globalizado de ensinar e aprender desses jovens universitários que estão a aprender não somente línguas estrangeiras, mas os corpos de conhecimentos que acompanham tal aprendizagem.

Outro aspecto importante do arcabouço teórico é o olhar sobre os signos culturais e sobre o corpo, uma vez que nesses encontros *on-line* existe um componente transcultural (WELSCH, 1999), mas também aspectos de estranheza entre as culturas que se utilizam de signos que podem não significar a mesma coisa. Assim, com o uso da *webcam* nas interações *on-line* em *teletandem*, a leitura corporal também desempenha um papel importante e, nesse sentido, para acrescentar mais subsídios teóricos à ideia de leitura corporal, ressaltamos, aqui, as ideias de

⁴ No original: “Identity politics involve claiming one’s identity as a member of an oppressed land marginalized group as a political point of departure and thus identity becomes a major fator in political mobilization. Such politics involve celebration of a group’s uniqueness as well as analysis of its particular oppression.”

Connell. Para este autor, os corpos são construídos socialmente e as leituras podem variar culturalmente. De acordo com Connell (2009),

Os corpos são agentes e são construídos socialmente. A análise biológica e social dos corpos não pode ser separada uma da outra, mas também não pode ser reduzida à outra [...]. Os corpos são, ao mesmo tempo, objetos e agentes da prática social [...]. Os corpos ocorrem historicamente e se transformam com o tempo” (CONNELL, 2009, p. 67)⁵

Nas interações *on-line* por áudio e vídeo não se pode ignorar a leitura corporal e os signos e sinais que são produzidos e interpretados pelos interagentes (ver TELLES, 2010) acerca do uso das imagens de *webcam* que alunos de línguas estrangeiras fazem durante interações de *teletandem*.

Neste estudo de Telles (2010), *Do we really need a webcam?*, os interagentes respondem a um questionário com perguntas sobre o papel da imagem visual na interação com parceiros de outros países, sobre o que observam nas suas próprias imagens e na imagem do outro, sobre o corpo do parceiro, o que está atrás do parceiro, gestos, expressões faciais e linguagem corporal. Respondendo à pergunta inicial do título do estudo, Telles afirma que sim; a *webcam* é importante nas interações e o visual também faz parte da aprendizagem e da apropriação da língua e da cultura do Outro. É importante, nesse sentido, destacar a resposta de um participante da pesquisa que mencionou o fato de ter levado o computador para fora de sua casa no Texas e mostrado um cactus a seu parceiro do Brasil.

O lugar do conceito de identidades na teoria da performatividade é de muita importância e também complexo. Esta teoria considera que a performatividade linguística se define através do uso da língua no qual estão imbricados e incorporados (com o sentido de corpo) os aspectos sociais e culturais (PENNYCOOK, 2007). A performatividade linguística resulta dos atores sociais que se posicionam com o “outro” em contextos diversos e são interpelados pelos discursos dando origem a identidades que não são fixas e nem imutáveis mas que estão em constante reformulações. Nesta análise iremos nos concentrar em duas principais identidades: as identidades de gênero, as identidades nacionais e os discursos que as constituem.

⁵ No original: “Bodies have agency and bodies are socially constructed. Biological and social analysis can not be cut apart from each other. But neither can be reduced to the other [...]. Bodies are both objects of social practice and agents in social practice [...]. They occur in historical time and change over time.”

A seguir faremos a análise da teoria da performatividade de Judith Butler.

1.5 A performatividade de Judith Butler

Como aspecto importante da interação social, usamos a língua para sermos reconhecidos pelo entorno social e pela nossa identidade. Assim, produzimos diferentes identidades para diferentes contextos, por exemplo: a identidade de gênero, a identidade étnica, de classe social, de identidade nacional ou de identidade cultural, de paternidade, filial, de docente, de discente, etc. Nesse sentido, em uma comunicação mediada pela língua, posicionamo-nos e posicionamos o interlocutor a fim de construirmos uma identidade para nós e para o outro. Fazemos parte de diferentes grupos sociais, culturais, institucionais e nacionais e podemos ter diferentes posições de sujeito em cada contexto diferente, uma vez que para cada contexto usamos a identidade, o discurso e as variações linguísticas adequadas.

Butler (1999) afirma que a performatividade não é o resultado de um ato consciente, mas resulta de uma prática repetitiva, aprendida em casa e na escola, por exemplo. Os discursos interpelam o sujeito e, por isso, as identidades não são fixas, desdobrando-se de acordo com o discurso.

Para Harissi, Otsuji e Pennycook (2012),

A compreensão performativa da língua e do sujeito nos permite considerar seriamente os processos pelos quais língua e identidade estão em constante reformulação através do jogo de elementos estáveis e instáveis, identificações culturais e relacionamentos sociais. (HARISSI; OTSUJI; PENNYCOOK, 2012, p. 540)⁶

O sujeito interpelado pelo discurso produz identidades e estas têm vários desdobramentos. Assim, durante o processo das interações, as construções podem ser referentes a identidades culturais, regionais, nacionais, de gênero, de classe social, étnicas, profissionais, de professor ou de estudante. Em uma mesma interação, com dois interagentes com suas identidades nacionais e de gênero, posicionamentos diferentes de sujeito vão ser produzidos.

⁶ No original: “This performative understanding of language and the subject allows us to consider seriously the processes by which language and identity are constantly being remade through the interplay of stable and unstable language elements, cultural identifications and social relationships.”

Conforme afirmado anteriormente, a teoria da performatividade (BUTLER, 1999) norteia a nossa análise. Partindo da performatividade de Butler analisamos as diferentes posições e lugares de sujeito na mesma parceria, produzidos nas interações, lembrando que o sujeito e o Outro, ou o locutor e o interlocutor estão em constante negociação de significados e de posições na telecolaboração. Usamos o conceito de negociação, pois este termo implica uma ativa participação dos atores sociais (os telecolaboradores), os quais negociam significados e através de perguntas, respostas, confirmações ou não, chegam a um senso comum ou significado compartilhado. As identidades de gênero e nacionais são analisadas, quando produzidas nos excertos, assim como também fazem parte da análise de ideias sedimentadas, discursos rígidos e generalizações com relação a discursos de gênero e discursos nacionais.

Iniciamos a análise com o conceito de *pressuposição*. Somos historicamente educados e formados pelos discursos da escola, da família, da classe social, da etnia, da nacionalidade, do gênero, etc. Estes discursos são repetições das quais nos apropriamos ou pelos quais somos interpelados, pois são as regras e normas do nosso meio social. As pressuposições são parte do nosso saber simbólico, do nosso contexto e de ideias, sedimentadas ou não, que fazemos do “Outro”. Quando um estudante brasileiro se senta ao computador para uma sessão virtual com um estrangeiro em teletandem, estes dois universos com aspectos comuns e diferentes e com suas pressuposições vão ser apropriados e também negociados.

Para Butler (1999), o discurso é performativo, tendo em vista que quando dizemos algo estamos fazendo algo *com* a língua, pois a língua é mediadora do pensamento; e como usamos a língua para nos comunicar há sempre uma ação envolvida num determinado discurso: pedir informação, elogiar, seduzir, etc. O *efeito discursivo* será, então, o produto do que estamos fazendo ou da performance. A partir da identidade e do lugar do sujeito, visto que não existe sujeito antes da ação e visto que é o discurso que interpela o sujeito, teremos o efeito discursivo de uma performance.

Como somos *interpelados* pelo discurso, isto é, pelo fato de que não existe identidade ou sujeito antes da ação, é a ação que produz o sujeito; sendo assim, as identidades e o lugar de sujeito não são fixos, estão em constante produção, e é esta característica que nos dá a possibilidade de nos renovarmos e nos reinventarmos, posicionando-nos e reposicionando-nos como sujeitos, refletindo, fazendo mudanças e aderindo a novas posições e identidades. Para Butler a escolha por uma ou outra identidade de gênero não é consciente, é um produto do desejo.

Analisaremos posteriormente os *posicionamentos do sujeito/locutor e interlocutor*. A teoria da performatividade está embasada em dois conceitos de Derrida (1982): a iterabilidade e a citacionalidade. Nesse sentido, as nossas performances são o que são porque são repetições de aspectos discursivos da nossa história e da história que nos antecede, ou, como diz Bahktin (1981), a metade das nossas palavras são de outros. Assim, as performances são sedimentadas por serem repetições históricas, mas quando o sujeito muda de lugar e se engaja em novos discursos ele pode transformar-se e transformar o seu contexto.

As reformulações das posições de sujeito também serão um importante aspecto teórico para a análise de dados nesta pesquisa, já que nas parcerias de *teletandem* os interagentes são apresentados durante a primeira sessão. Aos poucos, os interagentes se conhecem melhor e os posicionamentos de locutor e interlocutor vão sendo produzidos ao longo do semestre e do conjunto de sessões de *teletandem*. Na primeira interação, quando os interagentes se conhecem e começam a interagir com o parceiro, e depois ao longo do semestre, eles têm a oportunidade de melhor conhecer o interagente e comprovar ou não as ideias sedimentadas ou estereótipos que em geral podem constituir seus discursos.

A construção dos relacionamentos dos parceiros de *teletandem* tem como base os posicionamentos e reposicionamentos dos sujeitos participantes neste contexto de interação virtual e contato transcultural. Quando o sujeito (parceiro) se posiciona de uma maneira, ele também posiciona o interlocutor, e vice-versa, que pode aceitar ou rejeitar a posição que lhe é conferida pelo locutor. Quando as posições são disputadas, pode ocorrer uma disputa ou negociação a respeito e é através destes repetidos posicionamentos e reposicionamentos que o locutor e o interlocutor coproduzem o seu relacionamento. Apesar do limitado tempo no processo das dez interações, essa variação de lugar do sujeito (reposicionamento) em uma mesma sessão de *teletandem* ou ao longo do conjunto das sessões, é uma constante. Em uma interação estão presentes o locutor e interlocutor com suas posições em constante negociação, a narrativa e os atos da fala, isto é, o que eles estão fazendo mediados pela língua, mas as razões pelas quais os posicionamentos são negociados ou renegociados são de natureza diferente. Essas renegociações e reposicionamentos do locutor e interlocutor fazem parte da comunicação humana e do contato intercultural, pois do contrário os estranhamentos, mal entendidos e pressuposições interromperiam a interação e não dariam continuidade ao contato e ao convívio social. Dentro do mesmo contexto e com o mesmo locutor/interlocutor, como no caso do *teletandem*, por exemplo,

a sessão virtual e semanal de teletandem pode se transformar, porque o locutor e interlocutor se reposicionam por diferentes razões, como por exemplo: para conseguir mais resultados na aprendizagem ou para evitar estranhamentos ou mal entendidos com o parceiro. No decorrer das interações, o relacionamento é produzido neste terceiro espaço ambivalente, com questões de poder (Bhabha), a partir dos posicionamentos do sujeito/locutor e do interlocutor para manterem as interações sociais. Em um contexto de aprendizagem intercultural, no qual as regras pragmáticas das interações podem não ser compartilhadas, conhecidas ou mesmo podem ser intuídas como diferentes, há sempre um desejo de se comportar de maneira apropriada e o reposicionamento pode significar uma maneira de começar de novo, apagando a imagem ou impressão da interação anterior, ou mesmo reconduzindo a interação com limites que o locutor e interlocutor desejem colocar com respeito a algum posicionamento ou atitude do parceiro.

Apresentaremos a seguir os conceitos de terceiro espaço de Bhabha e os fluxos culturais globais de Appadurai.

1.6 Os conceitos de “terceiro espaço” de Bhabha e os “fluxos culturais globais” de Appadurai

Um aspecto básico nas interações em *telentandem* é a telecolaboração e o contato transcultural *on-line* entre dois estudantes e duas culturas com universos discursivos, representações e significados convergentes e divergentes no âmbito social e individual. Com o objetivo de entender essas relações, usaremos dois autores, Homi Bhabha (1994) e Arjun Appadurai (1996), os quais discutem a nação-estado no mundo pós-moderno e pós-colonial e os desdobramentos e efeitos da globalização. O conceito de nação-estado como uma organização coesa e homogênea, cuja identidade se pauta na sua tradição histórica, na sua geografia e na língua nacional, vem se modificando substancialmente. Os grandes movimentos de imigrações, o advento da comunicação virtual e tecnológica e as grandes corporações que operam em vários continentes, inclusive as redes de televisão que chegam à casa de indivíduos e famílias deslocados de sua geografia, mas que podem assistir aos programas favoritos de seu país e também de qualquer país do mundo, e que falam a língua local e a de sua herança, têm contribuído para uma nova ordem global. As culturas sempre foram heterogêneas, mas depois do

processo intensivo desses movimentos migratórios no final do século 20 as culturas ficaram marcadas por sua heterogeneidade interna.

Faremos um recorte teórico e usaremos um conceito que se aplica a nossa pesquisa: o conceito de *terceiro espaço* de Bhabha (1994). O *terceiro espaço* é o espaço ambivalente de comunicação entre dois indivíduos de culturas diferentes, com universos discursivos e representações convergentes e divergentes, no qual as relações de poder, isto é, o poder do colonizador e do colonizado e, em nosso caso, de dois países, um desenvolvido e outro emergente permeia estas interações. Em nosso caso, o terceiro espaço ocorre também em virtude do momento da interação não se dar nem no Brasil nem nos Estados Unidos, mas na virtualidade.

De Arjun Appadurai também faremos um recorte teórico e usaremos os conceitos de fluxos culturais globais. Assim como Homi Bhabha, Arjun Appadurai (1996), antropólogo indiano, que estuda a globalização e seus efeitos e que também compartilha com Bhabha o conceito de que a nação-estado vem sofrendo transformações em seus aspectos essenciais, Appadurai propõe que a globalização, com as imigrações dos povos a outras geografias e o desenvolvimento tecnológico é importante para a criação das *comunidades imaginadas*, conceito este proposto por Anderson (1983). Esta imaginação social é então o produto de comunidades que vivem distantes de sua geografia e ela é também intensificada pelo uso da tecnologia e da virtualidade.

Appadurai propõe cinco fluxos presentes nas sociedades pós-modernas. Com a perda da unidade e coesão nacional da nação-estado, estes fluxos dominam a contemporaneidade e atravessam fronteiras. Primeiramente considera o fluxo que se refere às movimentações e a imigração dos povos no planeta (a *etnopaisagem*), pessoas que constituem o mundo em deslocamento: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos que em movimento constituem um aspecto essencial do mundo e parecem afetar a política das nações e entre as nações. Este fluxo está marcado pelos deslocamentos geográficos das populações. Refere-se a seguir à comunicação virtual através da tecnologia, que também atravessa fronteiras, e que muito contribui para a ideia de “aldeia global”, fluxo esse que chama de *tecnopaisagem*, e que proporciona a comunicação de informação em grande velocidade a diversos tipos de fronteiras antes nunca atingidas. O terceiro fluxo é a *financiopaisagem*, relacionada ao fato de a disposição do capital global ser hoje uma paisagem rápida e complicada, uma vez que os mercados de capitais, as bolsas nacionais e a especulação comercial, assim como

as grandes multinacionais que se instalam pelo mundo se movimentam internacionalmente em grande velocidade. Nesse sentido, é imprescindível, para uma análise da economia política global, considerar as relações profundamente disjuntivas entre movimento populacional, fluxo tecnológico e transferências financeiras. Assim, por exemplo, a quantidade de remessas financeiras dos imigrantes aos seus países de origem tem dimensões nunca antes vistas e essas disjunturas formam um complicado processo da economia global. O quarto fluxo se refere à *mediapaisagem*, isto é, à disseminação de conteúdos que incluem imagens, narrativas e conteúdos do fluxo das etnias para espectadores globais. Nesta divulgação através da tecnologia estão incluídos aspectos do mundo das notícias e da política. Esta divulgação de informação transmitida globalmente inclui um grande repertório de narrativas locais, e nelas está incluída informação local, para telespectadores globais, fazendo com que o real e o imaginário se confundam. O último fluxo a ser mencionado é a *ideopaisagem*, que se refere e está intrinsicamente contido na *mediapaisagem* e é o seu discurso e conteúdo ideológico.

A divisão entre os fluxos é meramente didática. Estes fluxos coexistem e estão sempre em relação com os outros e nunca sozinhos. Durante a interação intercultural virtual entre os telecolaboradores de teletandem, a comunicação é feita através da tecnologia por áudio e vídeo (*tecnopaisagem*), com o objetivo de aprender e ensinar as línguas em questão. Esta comunicação se realiza por meio de narrativas, imagens, conversas do cotidiano, opiniões, etc. (*mediapaisagem*), as quais, por sua vez, revelam os discursos e as ideologias presentes nos textos (*ideopaisagem*). No contexto brasileiro, com imigrações mais antigas e no contexto americano, com imigrações mais recentes (*etnopaisagem*) percebe-se a heterogeneidade e a variação internas das culturas e esta variação interna vai ser analisada através dos excertos. A *financiopaisagem* também está incluída, pois muitas vezes grandes companhias abrem sucursais em outros países recrutando funcionários de uma específica nacionalidade ou também as remessas bancárias de imigrantes legais e ilegais ao seu país de origem em alguns casos chegam a ser de milhões de dólares.

Para complementar o nosso embasamento teórico, na próxima seção analisamos seis pontos da Análise do Discurso, baseados em Fairclough (2006) e em Kramsch (1998).

1.7 Seis aspectos da análise do discurso

Seis itens da análise do discurso foram escolhidos para complementar a análise. Estes itens se referem à natureza das interações orais e interculturais das sessões de *teletandem*. Os seis itens, que serão explicados abaixo, baseiam-se em dois autores: Fairclough (2003) e Kramsch (1998). É importante esclarecer que as análises desses dois autores são muito mais extensas e abrangentes do que os panoramas de seus trabalhos que serão aqui apresentados. As seções que seguem, abaixo, apresentam os componentes da análise do discurso que serão discutidos com as teorias que os sustentam.

Norman Fairclough é linguista e trabalha com aspectos da vida social. A sua análise textual e crítica do discurso, além de basear-se e apoiar-se em uma gama de teóricos sociais, apresenta textos, entrevistas e excertos de língua oral atuais, assim como nos apresenta um guia para a análise linguística de dados autênticos. Faremos um recorte teórico dos pontos de análise de Fairclough (2003) com a colaboração de Kramsch (1998) e descreveremos os seis itens que analisaremos: o estilo; a intertextualidade e a negociação da diferença; os atores sociais; os bens sociais (imagem); aspectos transculturais; discursos e ideologias. Claire Kramsch, que trabalha com Linguística Aplicada e aspectos da cultura no ensino de língua estrangeira, fornece-nos também subsídios para a nossa análise dos excertos dos telecolaboradores americanos e brasileiros.

Primeiramente, analisamos as características das dinâmicas das interações orais que se desdobram em seis seções: (1) estilos, (2) a intertextualidade/negociação da diferença, (3) atores sociais, e (4) bens sociais. Em seguida apresentaremos (5) aspectos transculturais e finalmente (6) discursos e ideologia. Para cada seção indicamos um exemplo na análise.

1.7.1 Estilos (Exemplo: excerto 19, Ap.)

A divisão dos diferentes aspectos desta análise crítica do discurso é feita para fins didáticos. Na verdade, os aspectos entrecruzam-se, tendo em vista que é a partir do uso de uma variação linguística, de um contexto ou de um discurso para o qual o sujeito é interpelado que surgem as identidades do locutor e do interlocutor que vão sendo produzidas, uma em relação à outra.

Fairclough (2003) faz uma extensa análise sobre gêneros discursivos, os quais se caracterizam por determinados propósitos de comunicação e, em termos de língua oral, podem ser analisados de acordo com: a atividade em si, as relações sociais dos agentes e a tecnologia da comunicação, isto é, como acontece essa interação, face a face ou, no nosso caso, através de videoconferência.

Kramsch (1998) usa a expressão *estilo de conversa* para descrever os vários níveis de formalidade, os registros, os quais dependem da relação entre locutor e interlocutor e das posições que esses participantes adotam na interação. Nesta análise, usamos a expressão de Kramsch (1998) *estilos* para determinar a formalidade/informalidade. O estilo da conversação é analisado, levando-se em conta a formalidade/ informalidade, o uso da língua padrão ou não, variantes regionais, a intimidade/distância, o discurso direto e indireto, o uso de palavras obscenas, gírias, linguagem de jovens, etc.

Usamos a descrição de Fairclough (2003) com respeito ao gênero discursivo para classificar essa prática social: o *diálogo* em uma comunicação virtual entre dois aprendizes, com o propósito de cada um aprender a língua do outro.

1.7.2 A intertextualidade e a negociação da diferença (Exemplo: excerto 4, Ap.)

Continuando com os aspectos desta análise, apresentamos agora as ideias de Bakhtin (1981), que se originaram da teoria literária sobre gêneros literários e a teoria dialógica. A ideia é que existe um constante diálogo entre os gêneros literários, que emprestam, incorporam ou citam características de outros gêneros. A intertextualidade é esse diálogo com os textos anteriores e potencialmente com os futuros. Ela não se refere somente a textos literários, mas também a nossa fala.

A *polifonia* significa as múltiplas vozes em um discurso individual, uma vez que o discurso do “outro” está incorporado em nossos discursos. Toda fala ou discurso tem um locutor e um interlocutor e sempre temos um interlocutor implícito quando falamos. Existe uma relação de reciprocidade entre o “ser” e o “outro” e esta relação leva a um tipo de tensão ou conflito entre a intersubjetividade e a alteridade. A primeira, a intersubjetividade, se traduz no desejo de usar a língua para colaborar ou cooperar com os outros e a alteridade refere-se ao ato de se opor ao outro para distinguir-se do outro (WERTSCH, 1998).

Em termos de cooperação e colaboração no contexto de *teletandem*, analisaremos alternância de turnos, solidariedade nos comentários, comentários categóricos e não categóricos. E com respeito à alteridade, interrupções frequentes, o “falar” demais, mostrando-se o “entendido” ou “expert” do assunto para criar significância, o silêncio e a ausência de resposta. Também o interagente, que sempre inicia e faz as primeiras perguntas dominando de certa maneira a conversa. Como já mencionamos, um dos pilares mais importantes da aprendizagem em *teletandem* são os conceitos de autonomia e reciprocidade. Estes conceitos envolvem o reconhecimento da autonomia do outro e a colaboração e o apoio ao parceiro, resultando na reciprocidade como um compromisso entre os dois parceiros. Este compromisso está baseado nas relações igualitárias de poder entre os parceiros (BRAMMERTS, 2002). O conceito de reciprocidade do *teletandem*, apoiado nos princípios da cooperação e colaboração estão de acordo com os conceitos de Bahktin (1981) sobre o uso da língua para cooperar (intersubjetividade) e para distinguir-se do outro (intrasubjetividade). A alteridade é a presença do outro, do interlocutor nos nossos discursos, uma vez que sempre falamos com alguém. Mas como somos indivíduos e inexoravelmente seres sociais, também podemos usar a língua para nos distinguir do outro e demarcarmos a nossa individualidade. Idealmente o *teletandem* deve ser um espaço para compartilhar, colaborar e trocar os papéis de aprendiz e falante competente com o outro.

Fairclough (2003), em sua análise da intertextualidade e dialogismo, acrescenta a ideia de *diferença*. A intertextualidade e o dialogismo abrem as portas para a diferença, com as diversas “outras” vozes para um texto ou uma produção individual. Fairclough sugere cinco cenários de interações de acordo com a orientação à diferença: a) Abertura, aceitação e reconhecimento da diferença, exploração da diferença em diálogo, no mais autêntico sentido do termo, b) Acentuação da diferença, conflito, polêmica e contestações sobre significado, normas e poder, c) Tentativa de resolução ou superação da diferença, d) Enfoque nas semelhanças e solidariedade e e) Consenso, normalização e aceitação das diferenças de poder, as quais suprimem as diferenças de significados e normas. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 41)

Como neste contexto virtual de aprendizagem de línguas, a colaboração, a reciprocidade e a negociação das diferenças são condições importantes para o sucesso da parceria e da aprendizagem, os conceitos de cooperar com o outro ou distinguir-se dele, a partir das diferenças, vão ser significativos na presente análise.

1.7.3 Atores sociais (Exemplo: excerto 19, Ap.)

Fairclough (2003) descreve os atores sociais ou agentes de acordo com o poder, a dominância, a força e a ação exercidas sobre o outro. Assim, aqueles que iniciam e são responsáveis pela ação, controlam o outro, se movimentam em direção ao polo de agenciamento, e os receptores da ação, que são sujeitos às ações e afetados pelas ações dos outros se movimentam ao polo de recipientes da ação do outro. Na verdade existem movimentos e não opostos pois no decorrer da interação estes lugares de sujeito se alternam e se modificam. Este “poder” pode se originar da estrutura; por exemplo, no caso das sessões virtuais, um grupo, por fazer parte de um curso, pode receber instruções do professor e estar mais preparado para seguir e ditar as instruções nas interações. Uma fonte do poder pode ser o saber do participante; naturalmente, aquele interagente que tem maior competência na língua em questão coloca-se mais e conduz mais a sessão, fazendo perguntas e iniciando a conversa. Quando há uma simetria de competências linguísticas, em geral (mas não necessariamente), há uma simetria de poder nas interações, porque os interagentes participam de uma forma mais colaborativa. Nesse item, os interagentes em suas parcerias serão analisados de acordo com os movimentos em direção à dominância que o sujeito tem sobre o objeto, assim como nas relações de interagente com a estrutura, externa ao indivíduo, vinda da organização dos grupos ou do arranjo específico das parcerias.

1.7.4 Construção política (bens sociais): imagem (Exemplo: excerto 1, Ap.)

Gee (1999) descreve “Política” como o conjunto de comportamentos, valores e imagens que um grupo social determina como sendo positivos. Os bens sociais de um grupo coexistem no individual e no social. O respeito, por exemplo, é um bem social comum aos grupos sociais. Assim também é a solidariedade. Estranhamentos, no entanto, podem ocorrer quando um indivíduo espera solidariedade de outro indivíduo e este quer manter distância e não quer exercê-la. Para mantermos o convívio social temos a necessidade de manter a imagem e a reputação.

“A reputação é um sentido de honra e dignidade que temos e que queremos manter para sermos respeitados pelos outros em nosso grupo social” (GEE, 2011, p. 119)⁷. Pedir um favor a alguém não muito próximo pode ser uma imposição e a pessoa para a qual o favor é pedido pode se sentir em uma situação difícil por não poder fazê-lo e ficar mal ou com uma reputação não desejada. Outro exemplo de bens sociais é o desejo que temos de que nossos comportamentos, nossa maneira de ser, os nossos pertences sejam considerados “normais, apropriados e positivos”, visto que queremos ser vistos pela sociedade como “centrais” e não “periféricos”. Assim, nos nossos discursos mediados pela língua, construímos e negociamos uma reputação positiva e correta no meio social. Kramsch (1998) também discute a manutenção da imagem em interações orais, considerando que o objetivo principal de negociar significados em uma conversa é o de proteger a imagem de si e do outro. O princípio da cooperação está menos relacionado a um guia do comportamento individual e mais à condição da interação social continuada. Kramsch apoia-se no filósofo Paul Grice (1975), que definiu o conceito de “princípio de cooperação”, englobando quatro características de uma interação social:

Os falantes não dizem mais do que for necessário, mas dizem tudo o que for necessário para produzir o significado pretendido, eles esperam que o que o seu interlocutor diga, seja relevante para o tópico em questão, que a mensagem seja clara e compreensível e que em circunstâncias normais não vá dizer alguma coisa que não acredite ser verdade. (KRAMSCH, 1998, p.31, baseada em GRICE, 1975)⁸

Essas avaliações podem ser diferentes em culturas diferentes, como se pode observar em Kramsch (1998), quando discute a imagem positiva e a negativa. Os indivíduos de um grupo social têm a necessidade de se sentir respeitados em relação à sua autonomia, orgulho e autosuficiência e também esperam se projetar como educados, generosos, simpáticos, inteligentes e bem-informados membros de seu grupo social. Por exemplo, em um contexto de aprendizagem faz-se necessário corrigir e ser corrigido. Contudo, nem sempre essa ação é vista como uma cooperação e sim como ato autoritário, porque a imagem do interagente corrigido vai ser afetada.

⁷ No original: “All humans have what sociologists call “face needs”. Face is the sense of worth and dignity each of us has and wants to be honored by others in society.”

⁸ No original: “Speakers will not say more than is necessary for the purpose of the exchange and will say all that is necessary to convey the information required. They generally expect that what their interlocutor says is relevant to the topic at hand; that her message will be clear and understandable; and under normal circumstances she does not state something she does not believe to be true.”

É o que também ocorre quando um interagente constrói o outro baseado em pressuposições ou estereótipos não muito populares ou saudáveis, por exemplo: “Brasileiros comem muita carne” ou “Americanos só comem sanduíches”; a reação do outro vai desconstruir aquela imagem como não sendo verdadeira.

1.7.5 Aspectos culturais/transculturais (Exemplo: excerto 20, Ap.)

De acordo com Geertz:

O homem é um animal suspenso em redes de significados que ele próprio construiu. Penso que cultura sejam estas redes, e que a análise destas redes não deve pertencer às ciências baseadas na experimentação à procura de leis, mas sim nas ciências interpretativas à procura de significados.” (GEERTZ, 1973, p. 5)⁹

Um dos objetivos desta análise, no que se refere à cultura, é interpretar os discursos e ideologias culturais e de gênero presentes nas interações em teletandem. Penetrar em uma cultura é, então, interpretá-la e não resumi-la em aspectos absolutos e leis. A complexidade do conceito de “cultura” é discutida por Levy (2007), propondo cinco características de cultura: a) a cultura é elementar, isto é, nascemos dentro de discursos culturais específicos e a educação, família, escola, isto é, o contexto social nos molda dialeticamente, pois também o transformamos, b) a cultura é relativa, não é um conjunto de leis, como mencionou Geertz acima, mas ela interage com outros fatores como a construção de identidades, etnia, classe social, idade, etc., c) a cultura é de um grupo social, com variações dentro do próprio grupo, subculturas, diferenças regionais, de profissão, etc., d) as culturas são contestadas, ou por um grupo ou por um indivíduo, como em casos de choque cultural e e) a cultura é individual, variável, múltipla e interage com as subjetividades que estão em constante construção (p. 112).

Kramsch (1998) sintetiza assim o conceito de cultura: “Resumindo, cultura pode ser definida como o pertencimento a uma comunidade discursiva que compartilha espaço social,

⁹ No original: “Man is an animal suspended in webs of significance he himself has spun. I take culture to be those webs, and the analysis of it therefore not to be an experimental science in search of law but an interpretive one in search of meaning.”

história e afiliação imaginada (KRAMSCH, 1998, p. 10)¹⁰. Para irmos mais além, adicionaremos o conceito de transculturalidade (WELSCH, 1999), segundo o qual vivemos em mundo globalizado e transcultural, isto é, um mundo cujas culturas são híbridas e não mais ilhas, puras.

As duas seções que seguem estão relacionadas aos aspectos transculturais: as representações dos diferentes mundos, as histórias típicas de um grupo social e os discursos e suas ideologias.

1.7.5.1 As representações dos diferentes mundos (aspectos transculturais) (Exemplo: excerto 5 , Ap.)

“Usamos a língua e as palavras baseadas em histórias, teorias ou modelos em nossa subjetividade, socialmente construídas, sobre o que é ‘normal’ ou ‘típico’”¹¹ (GEE, 2011, p. 168). Assim define este autor o conceito de representações de diferentes mundos e essas construções ou representações podem se originar de grupos sociais, étnicos, gênero, etc., uma vez que uma nação-estado pode ter algumas histórias compartilhadas entre seus membros, mas também terá histórias de seus vários grupos dentro dessa mesma nação-estado, pois as culturas são internamente heterogêneas (KRAMSCH, 1998; WELSCH, 1999; BHABHA, 1994). Os brasileiros podem compartilhar histórias típicas de brasileiros, que vão se diferenciar de acordo com as histórias da família, da região geográfica de onde vêm, da classe social, etc. O conceito de “representações de diferentes mundos” é um conjunto de interpretações sociais e culturalmente contruídas, nas quais determinadas ações, agentes e resultados são reconhecidos por terem significância e valor dentro de um grupo social. (HOLLAND; SKINNER; LACHICOTTE, 1998, p. 52)

O conceito de heteronormatividade ou herossexualidade compulsória (RICH, 1980) é um exemplo dessa representação de mundo no qual o típico e normal é a heterossexualidade e não a homossexualidade. As pessoas assumem a heterossexualidade mesmo antes de saber qual é orientação sexual de um indivíduo. Assim, com a heterossexualidade compulsória, assumimos uma série de comportamentos que são típicos e normais, de acordo com as representações de

¹⁰ No original: “In summary, culture can be defined as membership in a discourse community that shares a common social space and history and common imaginings.”

¹¹ No original: “We use words bases as well on stories, theories, or models in our minds about what is “normal” or “typical”.”

nosso mundo. Os brasileiros, por exemplo, são identificados como brasileiros por pertencerem a uma nação e comunidade linguística com as suas típicas construções. No entanto, o brasileiro da Bahia e do Rio Grande do Sul são diferentes porque esses estados têm histórias e formação étnica diferentes. Um/a brasileiro/a do Rio Grande do Sul ou da Bahia também são diferentes, dado que têm diferentes histórias de família, classe social, gênero, etnia e escolaridade. Nesse sentido, qual é a relação que um baiano e um gaúcho têm com a capoeira, uma arte marcial que surgiu na Bahia, trazida de Angola?

Portanto, a construção das nossas identidades representa um processo complexo, com aspectos individuais e sociais que envolvem culturas as quais são híbridas internamente. Durante as 10 sessões de *teletandem* os parceiros se envolvem na (des) construção e produção de suas identidades referentes a identidades de estudante, identidades nacionais, de gênero e dos seus pares e este processo ocorre no próprio “fazer” das interações.

1.7.5.2 Discursos e ideologias (Exemplo: excertos 5 e 26, Ap.)

A palavra Discurso com o D em maiúsculo é usada por Kramsch (1998) para designar um conjunto de convenções mediadas pela língua que um grupo social compartilha no presente e que herdou historicamente de gerações anteriores, mas que sincronicamente sofre transformações.

Quando atuamos no meio social, nossa atuação é mediada pela língua, nossas subjetividades interagem com os outros, agem de maneiras específicas, revelam crenças, constroem valores, usam vestimentas de maneira específica, recorremos a uma linguagem corporal, fazemos uso de tecnologias em diferentes contextos. As ações objetivas e subjetivas constroem identidades socialmente pertinentes. Entramos em contato com os nossos primeiros Discursos na infância e adolescência, o conceito de *habitus* de Bourdieu (1977), em nossas primeiras unidades de socialização, a família e a escola e, mais tarde, entramos em contato com outros Discursos, que podem ou não modificar os primeiros Discursos. Na vida adulta, com independência, entramos em contato com outros Discursos e outros grupos sociais. Uma das dificuldades para um aprendiz de língua estrangeira está nos Discursos socioculturais e históricos de um texto. Somente os participantes de um grupo social conhecem a sua história social e a intertextualidade de um texto. Os Discursos também dizem respeito a ideologias e valores de um

grupo social. As posições sociais de homens e mulheres com respeito ao poder em uma sociedade revelam os Discursos ideológicos e políticos de gênero.

Fairclough (2003) faz uma longa e detalhada análise de como detectar Discursos em um texto que vai de metáforas a concepções de tempo e espaço. Na nossa análise nos concentraremos em discursos de identidade nacional e identidade de gênero.

A seguir mostraremos, no quadro que segue, uma síntese das teorias do nosso embasamento teórico:

Conteúdo	Autores
Teoria de aprendizagem sociocultural (Vyg e Lant) e Dialogismo (Bakhtin)	Vygotsky (1987); Bakhtin (1981); Lantolf (2000)
Teoria da Performatividade Iterabilidade e citacionalidade – a interpelação do sujeito – o sujeito não existe antes da ação – identidades fluidas e produzidas na comunicação	Butler (1999)
A formação de identidades Diferença, exclusão e política das identidades	Hall (1997); Woodward (1997)
Aspectostransculturais(Wel.), hibridismo, terceiro espaço (Bha) Fluxos culturais globais (Appadurai)	Welsch (1999); Bhabha (1994); Appadurai (1996)
Análise do Discurso	
Estilos informais, formais e registros	Kramsch (1998)
Intertextualidade e negociação da Diferença	Fairclough (2003);
Atores Sociais O poder estrutural e o interpessoal	Fairclough (2003);
Bens Sociais – Manutenção da imagem	Kramsch (1998)
Diferentes Mundos – Heterogeneidade interna das culturas	Kramsch (1998)
Discursos e Ideologias	Fairclough (2003)

Quadro 2 – Resumo do embasamento teórico da pesquisa

Iniciamos o nosso quadro teórico com as teorias socioculturais de Vygotsky (1987), Bakhtin (1981) e Lantolf (2000), para definir o nosso conceito de aprendizagem, e a teoria da performatividade de Butler (1999), que constitui o eixo condutor de nossa pesquisa no que se refere ao embasamento teórico. Usamos também Hall (1997) e Woodward (1997) para a informação sobre identidades, assim como Welsch (1999), Bhabha (1994) e Appadurai (1996) para nos darem suporte teórico no que tange a aspectos interculturais das interações orais, tendo

a transculturalidade, hibridismo, terceiro espaço e fluxos globais como principais conceitos usados na nossa análise. E para complementar, seis pontos da análise do discurso, considerados por Kramsch (1998) e Fairclough (2003), nos ajudam na discussão e interpretação das interações orais interculturais.

Com este embasamento teórico discutimos os dados da pesquisa, levantados a partir do momento em que duas identidades nacionais, de gênero e complexas, se encontram virtualmente no espaço virtual do *teletandem* para uma aprender a língua do outro.

No próximo capítulo apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa.

CAPÍTULO 2:

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter qualitativo-exploratório, guiada pela abordagem de gênero proposta por Butler (1999), na qual sob a luz da performatividade, os significados são produzidos na interação social com posições de sujeito e identidades fluídas e em constante transformação. Dada a centralidade da dimensão da comunicação intercultural para o trabalho, optamos também pelo uso da análise do discurso, tanto nos seus fundamentos, quanto nos seus recursos metodológicos de análise. Seguimos a orientação dos autores Fairclough (2003) e Kramsch (1998), com ênfase na produção de subjetividades e na comunicação intercultural. Também incluímos na nossa análise os aspectos transculturais e o conceito de hibridismo (WELSCH, 1999), o terceiro espaço de Bhabha (1994) e os fluxos culturais globais de Appadurai (1996)

A análise dos dados é feita a partir da Teoria Fundamentada de Charmaz (2006). Esta teoria consiste em uma análise metodológica sistemática, mas flexível, para estudos qualitativos. A teoria propõe que os dados devem ser catalogados e categorizados rigorosamente em grupos e sub-grupos de acordo como emergem. Esta catalogação e categorização devem ser feitas sob o olhar puramente do ponto de vista dos dados e de sua organização e estrutura interna. É uma maneira de se fazer pesquisa qualitativa na qual, nós, pesquisadores, não interpretamos os dados a partir de formulas, mas sim de construções a partir de nossa experiência passada e presente e de nossa interação com outras pessoas, perspectivas e práticas. Após uma primeira categorização e codificação dos grupos e sub-grupos que apresentam núcleos de sentido relevantes, o pesquisador produz uma narrativa destas relações para pensar novamente e decidir se a categorizações e seus sentidos são frágeis ou não. Se forem frágeis o pesquisador volta aos dados e procura mais informação para confirmar ou desconfirmar as categorias. Como o nome diz os dados formam o alicerce dos construtos teóricos, e a nossa análise dos dados gera os conceitos que construímos.

Na sequência apresentamos os objetivos da tese.

2.1 Objetivos

2.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral do presente estudo é descrever e analisar aspectos da performatividade, descrevendo os posicionamentos e reposicionamentos do sujeito, analisando conceitos sedimentados sobre discursos de gênero e identidade nacional, os turnos, as pressuposições e o

efeito discursivo e mais seis aspectos da análise do discurso: estilos, intertextualidade e negociação da diferença, bens sociais (imagem), atores sociais (o poder), aspectos transculturais, ideologias e discursos, na interação dos telecolaboradores americanos e brasileiros. A análise é feita a partir de duplas dos sexos biológico/gêneros: masc/masc, fem/fem e masc/fem.

2.1.2 Objetivos específicos

De modo mais específico, esta investigação objetiva:

- 1) Descrever aspectos da performatividade, as identidades produzidas e conceitos sedimentados, posicionamentos e reposicionamentos dos interagentes durante uma interação ou mais interações no processo das 10 sessões de *teletandem*. Também os turnos, o efeito discursivo e as suposições são analisadas.
- 2) Analisar as características das interações orais como 1. estilos, discurso direto/indireto (variações linguísticas), 2.intertextualidade, negociação da diferença, 3.os atores sociais, relações de poder, 4. Construção política ou bens sociais (imagem), 5.descrever e analisar aspectos relacionados à transculturalidade (os diferentes mundos, as narrativas típicas de um grupo social) e 6. discursos e ideologias.
- 3) Analisar as dinâmicas das combinações de duplas de: sexo biológico/gênero masculino/feminino, masculino/masculino, feminino/feminino, com respeito a assuntos preferidos e evitados, características próprias das duplas e ideias sedimentadas sobre nacionalidades e gênero. É importante deixar claro, aqui, que o gênero não vai ser analisado isoladamente, mas na interação com o Outro. A intenção é analisar as características das interações em parcerias com sexos/gêneros:masc/masc, fem/fem masc/fem e as implicações de tais características no processo de ensino/aprendizagem em língua estrangeira em *teletandem*.

2.2 Participantes da pesquisa

Os participantes do estudo são trinta e quatro estudantes universitários, 17 de uma universidade americana e 17 de uma universidade brasileira, com a seguinte combinação de sexo

biológico/gênero: (fem/fem), (masc/masc) e brasileiro/americana e americano/brasileira. A denominação “americano/a” se refere a universidade americana mas as identidades são diversas e vão estar no próximo quadro.

brasileira	americana
brasileiro	americano
brasileiro	americana
americano	brasileira

Quadro 3 – As combinações das parcerias

As variações das combinações foram propostas pela pesquisadora e não escolhidas pelos interagentes e respondem ao objetivo de investigar as características das interações de sexo biológico/gênero igual e diferente e também levando em consideração as nacionalidades, como mostra o quadro acima. A maioria (15 em 17) dos participantes americanos é de origem latina. Uma se definiu como americana, dois como mexicanos, cinco como cubano-americanos, dois como venezuelanos, uma do Panamá, uma da Nicarágua, uma se definiu como chilena-escocesa, outros se definiram como: argentino/espanhol/americano, outra como venezuelana, indiano-americano, colombiano. Alguns nasceram na América espanhola, outros nos Estados Unidos, mas cresceram em famílias latinas e são bilíngues. O interagente indiano-americano nasceu nos Estados Unidos, mas tem pais indianos. Muitos são culturalmente americanos, já que frequentaram escolas americanas e outros imigraram mais tarde e vieram aos Estados Unidos na pré-adolescência ou adolescência.

Os participantes do Brasil são nascidos no Brasil, alguns são afrodescendentes. Uma aluna é de ascendência japonesa. Entretanto, diferentemente dos participantes dos Estados Unidos, todos se definiram como brasileiros.

No próximo quadro temos as oito parcerias focais com suas respectivas autodenominações, isto é, eles próprios declararam suas identidades nacionais e de gênero. São três parcerias masc/masc e três parcerias fem/fem e duas com estas variações: brasileiro/americana e brasileira/americano. Os nomes dos participantes das duplas focais da pesquisa são fictícios.

Rafaela - nicaraguense	Rosane – brasileira
Isis – cubana-americana	Elis – brasileira
Priscila – chilena-escocesa	Janete – brasileira
Geraldo - americano	Guilherme - brasileiro

Bernardo - venezuelano	Pedro – brasileiro
Moacir – mexicano	Edson – brasileiro
Lino – cubano-americano	Luzia – brasileira
Leni – cubana-americana	Orlando - brasileiro

Quadro 4 – Os nomes fictícios e as identidades das duplas focais

No quadro abaixo temos as outras nove duplas e suas identidades que participaram com a informação obtida pelos questionários:

panamenha	Brasileiro
cubana-americana	Brasileira
cubana-americana	Brasileira
venezuelano	Brasileira
mexicana-americana	Brasileiro
Indiano-americano	Brasileira
romena-americana	Brasileiro
argentino-espanhol-americano	brasileira
americana	Brasileira

Quadro 5 – As identidades das duplas que contribuíram através do questionário

As identidades *venezuelana* ou *panamenha* são de jovens universitários que chegaram aos Estados Unidos para o ensino médio. As nacionalidades duplas e uma tripla revelam a herança nacional, universitários que têm pais que se originam de um determinado país. Estes jovens ou nasceram nos Estados Unidos ou vieram para este país muito jovens e frequentaram a escola americana desde a infância. A nacionalidade tripla foi produzida porque o jovem argentino nasceu na Argentina, de família argentina, morou muito tempo na Espanha e agora mora nos Estados Unidos há algum tempo. Estas identidades nos apontam para um espaço transcultural, (WELSCH, 1999) com identidades multifacetadas, complexas e heterogêneas. As identidades nacionais do grupo americano remetem-nos ao conceito de fluxos culturais globais de Appadurai (1996) no que concerne à *etnopaisagem*, isto é, às movimentações das populações no planeta.

No próximo item discutimos o contexto da pesquisa.

2.3 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi feita com uma universidade americana e outra brasileira. A universidade americana é particular, tem aproximadamente 11.000 alunos e, além da área de Humanas, oferece

curso em várias áreas de estudo, incluindo Medicina, Direito e Engenharia. O curso de português do departamento de Línguas Modernas oferece um curso básico para falantes de inglês (101) e outro mais acelerado para falantes de espanhol (105). O primeiro curso intermediário (201) serve principalmente aos estudantes que falam espanhol. As dez sessões de *teletandem* estão inseridas nesse curso intermediário que tem duração de 16 semanas, com três aulas semanais de 50 minutos. Esta universidade se localiza no sudeste americano e tem uma grande população de origem latina. A universidade brasileira é uma universidade cujos câmpus se espalham por todo o estado de São Paulo. É pública e tem excelente reputação no seu estado e no Brasil. O grupo da universidade americana fazia parte de um curso regular com notas no final do semestre e com um professor que orientava o que fazer e as responsabilidades envolvidas nas parcerias. Todos os participantes se conheciam, visto que se encontravam três vezes por semana.

Os interagentes da universidade brasileira matriculavam-se para a aula de laboratório e frequentavam uma sessão de mediação semanal, mas não conviviam regularmente, como também não tinham as notas do final do semestre. Essa diferença de responsabilidades foi notada durante as sessões. Uma sessão de *teletandem* tem duração de cerca de 50 minutos (25 minutos em português e 25 minutos em outra língua de escolha do aluno-participante). Durante as sessões, os aprendizes são autônomos e recíprocos para aprender a língua estrangeira. No caso da análise dos dados referentes a este projeto de doutorado, os idiomas são português e inglês, em um contexto virtual com o aplicativo *Skype* para a comunicação.

Todos os interagentes dos Estados Unidos, com exceção de uma americana, são bilíngues - falam espanhol e inglês. Nessa universidade americana, as sessões de *teletandem* estão inseridas em um programa de um curso intermediário de português.

No curso do outono de 2011, houve uma sessão semanal de *teletandem* por 10 semanas seguidas. Os interagentes faziam um pequeno relatório no *site* da universidade brasileira sobre a sessão da semana. Comparecer às sessões, escrever os relatórios e seguir todas as instruções durante as sessões refletiriam na nota final do curso. Já no grupo do Brasil, os interagentes matriculavam-se somente para as sessões de *teletandem*, seguidas de 20 minutos de mediação e, no final, recebiam um certificado. No Brasil os interagentes são mais autônomos e as sessões não estão vinculadas a uma nota final. Ademais os interagentes falam português e podem falar outras línguas, mas querem aprender inglês.

O projeto teletandem da universidade americana é integrado, isto é, a seção virtual semanal faz parte de um curso de português. Já a universidade brasileira oferece aos alunos sessões semanais de teletandem semi-integrado no laboratório com um certificado e não está atrelado a um curso. Aranha & Cavalari (2014), em seu recente artigo, fazem um histórico destas modalidades do teletandem integrado e semi-integrado.

2.4 Instrumentos de coleta dos dados

Gravações em vídeo e áudio: As duplas foram gravadas durante as sessões. As interações pertinentes aos nossos tópicos foram transcritas.

Igualmente, foram aplicados dois questionários, um no meio do semestre e outro ao final do processo das 10 (dez) sessões (50 minutos, 25 minutos para cada língua), quantidade acordada pelos interagentes do *teletandem*, no momento em que foi decidida a parceria. As oito duplas focais foram escolhidas pela pesquisadora, pois era importante para os dados que tivéssemos pelo menos três parcerias do sexo biológico/gênero masculino, três do feminino e duas com variações. As outras parcerias foram escolhidas pelos estudantes, isto é, quando entraram no laboratório se sentaram nos computadores disponíveis.

Questionários - A opção pelo uso dos questionários veio da necessidade de se obter informação, opinião e pontos de vista dos participantes da pesquisa sobre os pontos investigados. São dois questionários com perguntas pontuais sobre ideologia de gênero:

- a. questionário 1 (ver apêndice 1) levanta questões de ideologia de gênero, e inversão dos papéis tradicionais de gênero. Foi aplicado na metade do segundo semestre de 2011, quando os interagentes já haviam participado da metade das sessões. Este questionário foi feito na metade do semestre quando o tema da interação era sobre o fato de que a presidente do Brasil era uma mulher e visa analisar posicionamentos sobre ideologia de gênero.
- b. O questionário 2 (ver apêndice 2) apresenta questões sobre as sessões e pede aos participantes que analisem as interações, os parceiros, o gerenciamento das sessões, a avaliação da aprendizagem, as relações específicas de gênero e de cultura sobre a parceria, dificuldades encontradas e uma avaliação geral do processo como um todo. Esse questionário foi aplicado no final do semestre do

outono americano de 2011 (novembro), após o término das sessões. Esse questionário foi preparado a partir de alguns dados das próprias interações.

Não houve perguntas sobre orientação sexual nos questionários. Entretanto, quando os participantes responderam a respeito de sua identidade nacional, cultural e de gênero em um email enviado a eles, também foi pedido que adicionassem todos os aspectos de identidade que pudessem descrevê-los. Houve, portanto, uma oportunidade para que acrescentassem alguma informação. Nem no questionário nem durante as interações houve menção sobre orientação sexual pelos participantes. Como nossos participantes são jovens universitários, de 19 a 23 anos, com as identidades ainda não totalmente resolvidas, decidimos não lhes perguntar sobre orientação sexual, até porque teríamos dificuldades com respeito à invasão de privacidade e confidencialidade de assuntos pertinentes aos estudantes de acordo com as regras das universidades.

2.5 Procedimentos de coleta e organização dos dados

Dez sessões foram gravadas em áudio e vídeo no primeiro semestre letivo americano de 2011 (semestre de outono: setembro a dezembro). Foram quatro combinações de sexo biológico/gênero e nacionalidade. De sexo biológico/gênero temos as seguintes combinações: 1. masc/masc, 2. fem/fem, e 3. masc (americano)/fem (brasileira) e 4. masc (brasileiro)/fem (americana).

Os participantes também responderam a dois questionários sobre ideologias de gênero e avaliação das parcerias virtuais.

2.6 Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram primeiramente analisados de acordo com a teoria fundamentada de Charmaz (2006), *Constructing Grounded Theory*, para sua categorização. Em todos os excertos para a análise da performatividade, incluímos o efeito discursivo, as pressuposições, os turnos, os posicionamentos de sujeito (tanto do locutor como do interlocutor), conceitos e discursos sedimentados e as “performances” de identidades de gênero e identidades nacionais.

Para a análise das dinâmicas de sexo biológico/gênero iguais e diferentes usamos a análise crítica do discurso baseada em Fairclough (2003) e Kramsch (1998), com a concentração em seis tópicos: a) estilos, b) intertextualidade e negociação da diferença, c) atores sociais (relações de poder), d) manutenção da face/imagem, e) aspectos transculturais (os diferentes mundos) e f) discursos e ideologia.

A análise da performatividade e da análise do discurso foram feitas a partir de dois tópicos que têm suas origens na literatura dos estudos de duplas com variações de sexo biológico/gênero. Tais estudos trazem duas ideias sedimentadas, tais como: (a) “membros do sexo biológico/gênero masculino em uma parceria masc/masc são mais argumentativos (competitivos) do que as outras combinações” (JEONG; DAVIDSON-SHIVERS, 2003) e (b) “membros do sexo/gênero masculino falam mais de ações (esportes) em parcerias masc/masc e membros do sexo/gênero feminino falam mais de “pessoas e relacionamentos” em parcerias fem/fem (COATES, 2004). Os estudos de Coates (2004) incluíram participantes adolescentes de doze a dezesseis anos, adultos e participantes de meia idade. Dizemos “idéias sedimentadas” (BUTLER, 1999), porque são generalizações do senso comum, baseadas em discursos repetidos e congelados na história, pautados por ideologias e com interesses políticos que envolvem relações de poder e a manutenção da hegemonia patriarcal. As ideias sedimentadas com respeito à cultura são generalizações culturais, as quais reduzem toda uma nação a certos aspectos positivos ou negativos. Partindo destas ideias sedimentadas, verificamos se elas ocorrem em nossos dados. O primeiro tópico é então a *colaboração* como contraponto à argumentação. O segundo tópico é *narrativas sobre relacionamentos e discussões pessoais* e o terceiro *ação e esportes*.

No próximo capítulo apresentamos a análise e a discussão os dados.

CAPÍTULO 3:

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para este projeto oito duplas foram analisadas: três duplas formadas somente por participantes do sexo/gênero feminino, três duplas formadas somente por participantes do sexo/gênero masculino e duas duplas contendo os dois sexos, nas quais um participante é do sexo/gênero masculino e outro é do sexo/gênero feminino. Dessas duplas, uma é composta por estudante brasileiro e estudante da universidade americana e a outra é composta por uma estudante brasileira e um estudante da universidade americana. Estas duplas foram escolhidas pois, em suas interações, constam elementos significativos no que tange a aspectos da performatividade e das dinâmicas de sexo/gênero feminino e masculino.

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados que se organiza em cinco partes. Na seção 3.1 apresentaremos as características gerais dos vinte e oito participantes, coletadas nos questionários, na seção 3.2 os resultados de seis parcerias de sexo biológico/gênero masculino e feminino: três masc/masc, e na seção 3.3 apresento também três parcerias de sexo biológico/gênero fem/fem. Na seção 3.4 apresento as duas parcerias masc/fem. Estas três análises serão feitas a partir do tópico Colaboração. Em seguida analisamos o tópico 3.5 Narrativas de relacionamentos e assuntos pessoais nas duplas masc/masc, e por último 3.6 a Análise das duplas fem/fem e com relação a Assuntos de ação (esportes).

Como já foi mencionado, estas são as duas perguntas da pesquisa:

1. Como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos?
2. Como as dinâmicas orais das identidades de parcerias de sexos/gêneros emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários desses mesmos países?

A análise dos registros das gravações das interações e das respostas dos questionários foi feita a partir da teoria da performatividade (efeito discursivo, suposições, turnos e posicionamentos do sujeito, identidade nacionais e de gênero) e das seis seções da análise do discurso para também caracterizar as duplas de identidades de sexo/gênero masculino e feminino:

1. Estilos, 2. A intertextualidade e a negociação da diferença, 3. Os atores sociais (relações de poder), 4. Bens sociais (face/imagem) de 5. Os diferentes mundos e 6. Discursos e ideologia.

3.1 Características gerais dos grupos: preferências, sedimentações sobre identidades nacionais e de gênero.

Os dados serão analisados de acordo com as quatro combinações das parcerias e os tópicos escolhidos serão baseados em conclusões da literatura sobre parcerias de sexo biológico/gênero, como as de Jeong and David-Shivers (2003), que analisou jovens universitários em um *blog* na internet e concluiu que as parcerias de sexo/gênero masculino são mais argumentativas do que as outras combinações, em que se evidencia menos colaboração.

O primeiro tópico será verificar nos nossos dados, então, a colaboração, a fim de relacionar este tópico com as diferentes combinações de sexo biológico/gênero, e com os excertos que melhor representam o tópico. Tendo em vista que a colaboração é uma característica de ensinar e aprender em teletandem e também um princípio da teoria sócio-cultural de aprendizagem na qual a colaboração e o ensino/aprendizagem se dá através do contato ou interação social de um falante mais competente com o outro, definiremos agora “colaboração” nas parcerias. A colaboração, como já dissemos acima, é um importante conceito da teoria sociocultural, pois aprendemos através da colaboração, da estrutura de “andaimes” ou *scaffolding* no contexto social por um adulto ou professor, mediados pelos signos dos quais a língua se destaca. Este conceito também é pertinente ao teletandem, uma vez que as parcerias colaboram e são recíprocas na aprendizagem: os parceiros colaboram com o Outro ensinando sua língua e aprendendo a língua do Outro. Três participantes do nosso estudo tiveram parcerias colaborativas mas não houve satisfação com o parceiro. Os outros participantes, além de colaboradores interagiram persistentemente durante as dez sessões, com envolvimento (motivação) e interesse para ensinar e aprender, paciência para corrigir, respeito pelo parceiro/a e com uma avaliação positiva de todo o processo. A colaboração existiu em todas as nossas duplas; todos se ajudaram com o vocabulário e a gramática da sua língua. Outros fatores entraram em jogo como a satisfação com o parceiro e a avaliação positiva da parceria. Em um estudo intitulado *How students learn in teletandem* (TELLES, 2014), 134 interagentes afirmam as qualidades de um bom parceiro.

[...] traz muitos tópicos para a sessão, sempre corrige o parceiro, ajuda o parceiro a desenvolver e melhorar suas habilidades orais, de compreensão e gramaticais, faz a conversa fluir, resolve dúvidas, pergunta e responde, toca em vários aspectos de um tema, faz esforço para aprender, tem uma voz clara e compreensível em sua língua e ensina palavras novas. (TELLES, 2014)¹²

Para responder à primeira pergunta da pesquisa analisamos a competência linguística dos parceiros, o estilo, a intertextualidade, a negociação da diferença, os bens sociais (imagem), os atores sociais (relações de poder), as ideologias e os discursos, e os diferentes mundos, isto é, a heterogeneidade intracultural e a identidade nacional. Estes itens de análise vão aparecer a partir dos tópicos e podem se combinar ou não com os outros itens. Com o objetivo de responder à segunda pergunta da pesquisa analisamos o efeito discursivo, os turnos, as pressuposições, os posicionamentos do sujeito, as identidades de gênero e nacional.

Nesta seção faremos uma análise das preferências de sexo biológico/gênero para as interações, das ideias sedimentadas que os interagentes usam para explicar suas preferências de sexo biológico/gênero, e também de algumas ideias sedimentadas sobre identidades nacionais. Os dados desta seção estão pautados principalmente nos questionários finais que foram aplicados uma vez concluídas as sessões. Nesta seção usaremos dados de vinte e oito participantes que responderam ao questionário 2.

3.1.1 O gênero dos parceiros e suas preferências na formação de parcerias

Uma das perguntas do questionário é: De que maneira o sexo biológico/gênero de seu/sua parceiro/a afetou as interações? Esta pergunta é de grande importância pedagógica, visto que quanto mais os interagentes se sentirem à vontade, com baixa ansiedade, melhor será a experiência e a aprendizagem nas sessões virtuais. Dos 28 questionários respondidos estes são os resultados:

¹² No original: “brings many topics to talk about, always corrects the partner, helps the partner to develop and /or improve his/her gramatical, oral and comprehension skills, makes the conversation flow, solves doubts, asks and answers questions, touches several aspects of a theme, makes efforts to learn, has a clear and understandable voice in his/her language, teaches new words.”

	Gostam/gostaram Interagir mesmo sexo/gênero	Não se importam	Preferem o sexo/gênero diferente do seu
Estudantes da universidade americana:	9 (4 masc, 5 fem)	3 (2 fem, 1 masc)	4 (2 masc , 2 fem)
Estudantes da universidade brasileira	6 (6 fem)	4 (2 fem, 2 masc)	2 (1 masc, 1 fem)
Fem	11	4	3
Masc	4	3	3
Total	15	7	6

Quadro 6 – Preferências do sexo biológico/gênero do parceiro por nacionalidade e gênero

Os dados acima revelam que quinze dos vinte e oito participantes preferem falar com o mesmo sexo biológico/gênero. Onze dos quinze são interagentes do sexo/gênero feminino e quatro do sexo/gênero masculino. Três interagentes do sexo/gênero masculino destes quatro gostaram de ter um parceiro do mesmo sexo/gênero. Cabe lembrar, no entanto, que a pesquisadora realizou a escolha de seis pares e não os interagentes. Entre os que não se importam e os que preferem o outro sexo/gênero há uma divisão mais equilibrada de sexo/gênero masculino e feminino: sete (quatro fem - três masc) e seis (três fem – três masc) respectivamente. Coates (2004) menciona um estudo de Aries (1983) no qual os homens que ela estudou se tornaram mais e mais desinteressados em frequentar sessões na internet com o mesmo sexo/gênero, diferentemente das mulheres que preferiam as sessões com o mesmo sexo/gênero. Também um estudo de Herring (1995) que observou conversas na internet concluiu que grupos exclusivamente formados por mulheres proliferam na internet, sendo que grupos formados por homens, são quase inexistentes. Estes estudos foram realizados já há algum tempo e não levam em consideração as identidades de gênero LGBT surgidas nas últimas décadas.

O próximo passo será analisar as explicações usadas pelos interagentes com relação às suas preferências.

3.1.2 Explicações e ideias sedimentadas a respeito das preferências

	Preferências por parceiros do mesmo sexo/gênero:
Fem	Me sinto mais à vontade
Fem	Posso falar de coisas que não são tão sérias.
Fem	Falávamos de coisas parecidas.
Fem	Nos dávamos muito bem.
Fem	I think it was easier because she was a girl.[Penso que foi mais fácil pois ela era uma menina].
Fem	Acredito que as meninas são melhores e com mais paciência.
Masc	Dois homens têm mais compatibilidade, mais assunto, menos competição.
Masc	Como homens gostávamos de coisas similares, we got along very well.[Nos demos muito bem]
	Preferências pelo outro sexo/gênero:
Fem	As mulheres são muito competitivas.
Fem	As mulheres não são ativas e não falam de esportes.
Masc	Faço amizades com meninas mais facilmente.
Fem	Acho mais fácil e descontraído. (falar com meninos)
Masc	Eu me dou melhor com mulheres.
Masc	Por ela ser menina me senti mais a fim de manter uma relação.
Fem	Nenhuma preferência I don't have preferences for gender but I really liked my guy partner. [Eu não tenho preferência, mas eu gostei muito do meu parceiro].

Quadro 7: Preferências pelo gênero do parceiro

O que subjaz a essas afirmações? Uma interagente do sexo/gênero feminino diz que as “mulheres são competitivas” e o outro interagente do sexo/gênero masculino diz que há menos competição entre os homens, isto é, há mais competição entre as mulheres. Outra interagente diz que “acho mais fácil e descontraído falar com meninos”. A literatura que trata de pares de sexo/gênero masculino reporta que, em interações, os homens são mais competitivos entre si (JEONG; DAVIDSON-SHIVERS, 2003), dados estes já mencionados e questionados anteriormente. Estes autores fizeram pesquisa com jovens universitários e chegaram à conclusão de que as duplas masculinas eram mais argumentativas do que as duplas masc/fem. Somos educados dentro dos nossos discursos, os quais através da iterabilidade performativa (BUTLER, 1999) nos formam. Desde pequenos os meninos brincam com os meninos, participam de jogos de meninos em *performances* de masculinidade e o mesmo ocorre com as meninas e suas *performances* de feminilidade. O contexto social, a escola e a família nos induzem a ter brinquedos determinados para o nosso gênero/sexo. Crescemos com as ideias sedimentadas que meninos e meninas têm características essenciais, conceitos estes construídos socialmente para perpetuar a binaridade e

heterossexualidade do masculino e do feminino. Faz parte do discurso convencional e patriarcal, também, que meninos e meninas devem participar de atividades e práticas tipicamente masculinas, esportes, por exemplo e femininas, balé, por exemplo (ROBINSON, 2005) Assim também, falar sobre assuntos amorosos ou falar do outro gênero parecem ser temas a serem conversados com o mesmo sexo/gênero, pelo menos nas culturas consideradas no estudo, já que este tema não surgiu nas duplas masc/fem dos nossos dados.

Com exceção dos dados de sete participantes, estes resultados indicam que estas explicações são ideias sedimentadas (BUTLER, 1999), nas quais o sexo e o gênero têm características essenciais, heteronormativas, produto da reiteração performática, pertencentes aos discursos pelos quais somos constituídos. Os interagentes universitários deste grupo são jovens (19-23) e alguns ainda estão em processo de formação de suas identidades, ainda arraigados aos discursos provenientes da família, da escola e do contexto social e histórico. Se estivéssemos falando de estudantes de pós-graduação os resultados poderiam ser diferentes.

Uma das parcerias de duas interagentes do sexo/gênero feminino, nas interações gravadas, pareciam estar à vontade, com muito entusiasmo para conversar e aprender, cooperando e contando muitas histórias pessoais, mas paradoxalmente fizeram uma avaliação da parceria que não era esperada. As respostas das interagentes foram: “tive uma menina como parceira, mas prefiro interagir com meninos, pois meninas não são ativas”. Sua parceira também disse que preferia meninos, tendo em vista que “as meninas são muito competitivas”. A construção de identidade de gênero revela a ideologia e os atributos fixos dos gêneros: “As meninas não são ativas” (mas eu sou menina e sou ativa), “as meninas são competitivas” (eu sou menina e não sou competitiva). Nas duas explicações a passividade e a cooperação, as quais parecem ser características sedimentadas, tradicionais e fixas do gênero feminino, são invocadas - uma para não se alinhar com a passividade e a outra para se alinhar com a cooperação e não com a competição.

Sob o ponto de vista pedagógico estes dados poderiam informar pesquisadores, professores e mediadores de *teletandem* sobre a existência de ideias sedimentadas acerca do sexo/gênero, assim como sobre a importância de os interagentes terem também a possibilidade de escolher o seu/sua parceiro/a.

No quadro abaixo mostraremos os tópicos sugeridos pela mediadora.

3.1.3 Tópicos sugeridos pela mediadora

	Áreas de estudo	Música	Filmes e TV	Esportes Capoeira	Política e Economia	Festas Tradicionais	Comidas tradicionais	Papéis de gênero
Pedro Bernardo	1	4	2	2	2	1	1	1
Guilherme Geraldo	1	3	2	2	1	2	3	1
Edson Moacir	1	1	2	2	2	1	1	1
Rosane Rafaela	1	3	2	2	1	1	2	1
Elis Isa	2	3	2	1	1	2	2	2
Priscila Janete	1	3	2	1	1	2	1	1
Luzia Lino	1	3	3	2	1	2	1	1
Orlando Leni	1	3	3	2	1	2	1	1

Quadro 8 – Tópicos sugeridos pela mediadora para as sessões
Escala de 1 a 4 (1 = menos frequente e 4 = mais frequente)

Os tópicos de conversação, acima, foram sugeridos pela pesquisadora. Os interagentes não tinham, obrigatoriamente, que falar desses assuntos. O objetivo da sugestão foi uma solução pedagógica. Enquanto alguns interagentes têm muitos assuntos, para outros, faltam assuntos e não sabem do que conversar. Como se percebe, todos falaram pelo menos um pouco do assunto sugerido. Algumas duplas concentraram-se em um ou dois assuntos e outras seguiram a sugestão do dia e falaram boa parte da sessão sobre o mesmo assunto. As duplas tinham características e dinâmicas típicas de acordo com as preferências pessoais conforme explicado a seguir.

3.1.4 As duplas sexo/gênero masculino/masculino (tópicos)

Pedro e Bernardo tinham um mesmo interesse, a música, que foi o tema que caracterizou a fala deles. Os dois interagentes são músicos de bandas de rock e apreciavam conversar e aprender um do outro sobre música e principalmente rock. Este ponto em comum foi decisivo na satisfação dos parceiros desta dupla.

Guilherme e Geraldo apesar de falarem, também, de música, exauriam o tópico do dia. Por exemplo, no dia “Comidas tradicionais” faziam um levantamento de todas as comidas das regiões dos Estados Unidos e do Brasil para o café da manhã, almoço e jantar.

Edson e Moacir falaram de vários assuntos, mas se concentraram no sexo/gênero feminino, sexualidade, relacionamentos pessoais, religião, palavras com conotação sexual e foram os únicos que discutiram sobre drogas e aborto.

Conclusão das duplas masculino/masculino: Essas três duplas não falaram sobre gramática e duas falaram sobre sexualidade (diferente das duplas femininas) e Edson e Moacir foram mais ousados e os únicos que falaram sobre drogas e aborto, assuntos frequentemente evitados pelos alunos. Poderiam ser muitas as explicações para justificar a quase ausência de discussões sobre esse tópico, mas consideramos que uma bem razoável seja o fato de que falar sobre assuntos polêmicos como drogas, aborto, política e religião pode, dependendo da situação, afetar a imagem de um parceiro (KRAMSCH, 1998) e colocar em risco a continuação e o acordo de compromisso da parceria para se aprender a língua do Outro.

Em um terceiro espaço (BHABHA, 1994) ambivalente e de negociação de poder, os telecolaboradores, constituídos por discursos e ideologias sócio-históricas divergentes e convergentes, encontram-se semanalmente para aprender a língua do outro. Neste terceiro espaço ambíguo, a comunicação é produzida, assim como as identidades dos participantes também são produzidas. Através da comunicação virtual por tecnologia (tecnopaisagem, APPADURAI) estes atores sociais aprendem e se apropriam das práticas linguístico-discursivas do outro (ideopaisagem). Na nossa pesquisa a etnopaisagem (APPADURAI, 1996) se faz muito importante, pois este conceito está pautado nas intensas transferências geográficas de comunidades no planeta, por consequência das migrações e da globalização. No contexto brasileiro as migrações aconteceram principalmente no fim do século 19 e começo do século 20 com a vinda dos japoneses e europeus. No contexto americano, porém, especificamente neste centro urbano onde se localiza a universidade americana, as migrações são recentes começando há duas gerações anteriores e ainda são atuais. Os dados indicam que 14 dos (ver quadro 7 acima) dos 28 participantes que responderam o questionário, apresentam ideias sedimentadas sobre discursos de gênero e de identidade nacional. Depreendemos dessas opiniões (quadro 7), ideias sedimentadas e um conceito de discurso de gênero como essencial, pré-existente, heteronormativo e binário.

3.1.5 As duplas feminino/feminino (tópicos)

Rosane e Rafaela caracterizaram-se por conversas variadas, usando os tópicos sugeridos, principalmente música. O tópico que marcou esta dupla foi referente a relatos do cotidiano, tópico este que se originou dos interagentes e não foi sugerido pela pesquisadora. Relatavam detalhadamente o que haviam feito no fim de semana e o que iriam fazer no próximo. Conversaram rapidamente sobre relacionamentos e namorados. Não incluíram sexualidade, religião, drogas, aborto, nem gramática. Rafaela gostava de aprender palavras em português.

Isa e Elis – Conversaram sobre os tópicos do dia, principalmente música, mas também gastaram tempo com temas do cotidiano, particularmente relatos dos fins de semana, e a gramática. Não falaram sobre sexualidade, religião, palavras, drogas ou aborto.

Priscila e Janete – falaram dos assuntos determinados e principalmente de relacionamentos e histórias pessoais e traição dos namorados, relatos do cotidiano e fins de semana. Não falaram de sexualidade, palavras, drogas, religião, aborto, nem gramática.

Conclusão das duplas feminino/feminino: o tópico do cotidiano (relatos detalhados do último fim de semana e do seguinte) foi recorrente nas três parcerias feminino/feminino.

3.1.6 As duplas de sexo/gênero masculino/feminino (tópicos)

Lino e Luzia seguiam os tópicos, mas se concentraram em música, filmes e programas de TV. Falaram bastante sobre o cotidiano e relatos dos fins de semana e gramática. Luzia insistiu para que aprendessem palavras, o que Lino se recusou a fazer. Não falaram sobre o outro sexo/gênero, relacionamentos e sexualidade, provavelmente por serem de identidades diferentes de gênero; nesse sentido esse assunto poderia trazer um certo constrangimento para o/a parceiro/a. Somente duas interagentes mencionaram que “depois dos assuntos amorosos, não importava se o parceiro fosse do sexo/gênero feminino ou masculino”, outra mencionou que “achava chato ficar falando de meu namorado com ele, diferente de como foi com a minha parceira mulher”. Com esses resultados, percebem-se as ideias sedimentadas sobre os discursos de gêneros (BUTLER, 1999) e também os discursos que nos formam. Para estar de acordo com os discursos patriarcais e falocêntricos, com o mesmo sexo/gênero se tem amizade e intimidade de se falar sobre assuntos pessoais mas com o outro gênero temos que nos comportar como

homens e mulheres que existem para a sedução e a procriação (RICH, 1981). Estes pares não falaram sobre drogas, nem sobre aborto.

Orlando e Leni, como Lino e Luzia, se concentravam em música, filmes e TV e discutiam o tópico do dia. Falaram sobre religião e muito sobre o cotidiano e o fim de semana. Também como a dupla anterior não falaram do outro gênero, de sexualidade, de relacionamentos, de drogas, de aborto, e nem queriam aprender palavras.

Conclusão sobre as duplas de identidades de sexo/gênero masc/fem: Estas duplas não conversaram sobre sexualidade, sobre o outro gênero e sobre relacionamentos, como também não discutiram drogas ou aborto. Estas duplas tiveram a negociação de poder mais intensa, isto é, na parceria Lino e Luzia, Luzia queria conduzir a parceria de uma maneira e um estilo mais informal, mas embora Lino não tivesse aceitado esse estilo, souberam negociar e resolver as suas dificuldades sem alterar a parceria, isto é, Luzia aceitou fazer a parceria como Lino desejava. A outra parceria de Orlando e Leni também teve negociação de poder intensa, pois Orlando não concordava com Leni sobre os seus gostos musicais e a ridicularizava dando risadas. Segundo o conceito de Scott (1999), a primeira dimensão do poder é o gênero e esta dimensão está nos nossos discursos; sendo assim, uma maior negociação de poder era esperada. Vamos voltar a tratar deste assunto quando analisarmos os excertos dessas duplas. Obtivemos resultados similares nas duas duplas masc/fem com relação aos tópicos escolhidos e evitados; lembrando que uma dupla se compõe de brasileira/cubano-americano e a outra brasileiro/cubana-americana.

No próximo quadro fazemos a análise dos tópicos surgidos nas interações. Estes tópicos não foram sugeridos mas eles estiveram presentes nas parcerias.

3.1.7 Principais tópicos surgidos nas interações

	Falando do outro sexo/gên.	Narrativas Pessoais Relaciona.	Drogas Aborto	Sexualidade	Cotidiano fim de semana	Palavras Sentidos duplos	Religião	Gram. Vocab.
Pedro Bernardo	2	1		1	2		1	
Guilherme Geraldo	2	1			2			
Edson Moacir	3	2	1	2	2	2	1	
Rosane Rafaela	1	1			4	1		

Elis	1	1			3			3
Isa								
Priscila	2	3			3			
Janete								
Luzia Lino					3	1		1
Orlando					3		1	
Leni								

Quadro 9 – Principais tópicos surgidos nas interações

No quadro acima os tópicos: falar sobre o outro gênero, relacionamentos e assuntos pessoais, sexualidade, drogas e aborto não ocorreram nas duplas de sexo/gênero masc/fem. Nos nossos dados estas duplas têm características próprias. Conversam de assuntos objetivos, mantêm certa distância e evitam tópicos pessoais (relacionamentos) ou tópicos que geram estranhamentos como aborto, drogas, sexualidade. Acreditamos que uma das razões para a ausência destes tópicos são ideias sedimentadas sobre as pontos de vista convencionais e sedimentados do masculino e do feminino, isto é, as repetições históricas destes discursos de gênero, a iterabilidade mencionada por Butler. Esta imposição social e histórica que trata os gêneros como dois opostos, essenciais e naturais e o comportamento adequado para se ter com o outro gênero, aprendido na família, na escola e no contexto social.

Apresentamos, no quadro abaixo, ideias sedimentadas e generalizações sobre identidades nacionais e de gênero.

3.1.8 Ideias sedimentadas sobre identidades nacionais e de gênero

Masc/am	As mulheres brasileiras são as melhores
Masc/bra	American women are fat. [As mulheres americanas são gordas].
Masc/am	Las chilenas são muito aburridas. As chilenas são chatas.
Masc/am	As mexicanas do norte são santas as do sul são mais relaxed.
Masc/am	Eu quero conhecer mulheres brasileiras. São belas
Masc/bra	Com certeza – mulheres brasileiras – lindas
Masc/am	As americanas são fáceis.
Fem/bra	Os homens aqui são todos feios e baixos e não gostam de mulher.
Masc/bra	As mulheres aqui são muito bonitas, trajes curtos.
Mas/am	As colombianas são lindas.
	Identidades de gênero:
Masc/am	Ser presidente não é trabalho para uma mulher.
Fem/bra	Mulheres são competitivas.

Fem/am	Mulheres não são ativas.
	Identities Nacionais:
Fem/bra	(os interagentes americanos) veem a cultura de fora e falam espanhol.
Masc/am	Os americanos são tontos. They think they are going to die because of global warming. [Eles pensam que vão morrer por causa do aquecimento global].
Masc/am	Os cubanos são muito nefastos

Quadro 10 – Ideias sedimentadas sobre identidades nacionais e de gênero

As ideias sedimentadas presentes e verbalizadas nos dados se referem principalmente às mulheres, que ao mesmo tempo também produzem ideias sedimentadas sobre os homens (BUTLER, 1999). Ideias sedimentadas constituem repetições históricas performáticas discursivas. Os discursos masculinos definem a mulher do norte e a do sul no México mostrando a sua disponibilidade para o sexo. Essa frase é um exemplo: “*As mexicanas do norte são santas e as do sul são mais relaxed.*” As ideias sedimentadas são construídas em relação ao corpo e à beleza física. “Ser presidente não é trabalho para uma mulher” indica o lugar da mulher na sociedade e a reduz a sua biologia, isto é, em casa com filhos, sem poder social ou pessoal. Esta frase também coloca o sexo/gênero feminino como uma criança que não tem decisão própria e que precisa do comando do homem. “Mulheres são competitivas” e “mulheres não são ativas” também representam generalizações a respeito do sexo/gênero que se distanciam da realidade. Há mulheres e homens ativos e passivos e o mesmo se aplica à competitividade.

A ideia sedimentada (BUTLER, 1999) no comentário da brasileira sobre os homens de sua cidade, logo depois que conta toda a história de seu relacionamento que terminou em traição foi “*Os homens daqui são todos feios e baixos e não gostam de mulher*” e a parceira pergunta: “*Por quê? São gays?*” E ela responde “*Sim*”. A nosso ver esta parceira se expôs contando sua história de traição e para controlar a sua imagem (KRAMSCH, 1998) esta interagente culpou os homens de sua cidade. Neste ponto também identifica a identidade gay de seus colegas universitários não como um ato de inclusão, mas com certo ressentimento.

O último comentário sobre os americanos que “são tontos porque tem medo de morrer por consequência do aquecimento global” sugere um discurso daqueles que não acreditam no poder das ciências de fazerem previsões a respeito do meio ambiente, opinião esta popular entre os membros mais tradicionais do partido político mais tradicional americano.

O comentário que “os interagentes americanos veem a cultura de fora e falam espanhol” demonstra a falta de conhecimento sobre os elementos transculturais (WELSCH, 1999;

KRAMSCH, 1998) dos Estados Unidos ou de qualquer outra nação-estado com sua heterogeneidade interna. Os Estados Unidos, como o Brasil, têm muitos contrastes regionais e populações imigrantes vindas há séculos ou recentemente. Nos Estados Unidos, estados como Texas, Califórnia e Flórida, têm populações latinas bilíngues que falam espanhol e inglês e que se denominam por identidades duplas como mexicano-americano e cubano-americano. Esta visão não leva em consideração a heterogeneidade e complexidade internas das culturas, como se elas fossem fechadas (bolhas) e uniformes e que americanos deveriam somente falar inglês ou que o único representante da cultura americana deveria ser monolíngue.

As ideias sedimentadas sobre as identidades de gênero e nacional e a combinação das duas identidades nos mostram como estes jovens reproduzem estes discursos que consideram essas identidades como tendo características essenciais, homogêneas e puras, segundo observamos no comentário de uma interagente “Os interagentes veem a cultura de fora e falam espanhol”, querendo dizer que as populações bilíngues dos Estados Unidos não podem ser chamadas de americanas, pois estão fora ou periféricas a essa cultura, e ainda mais falam espanhol, o que indica o pressuposto de que o verdadeiro americano fala inglês somente. A heterogeneidade interna está presente nas identidades e nas culturas (WELSCH, 1999) e a homogeneidade surge de imposições políticas do contexto social e histórico.

Na próxima seção analisamos as duplas masculino/masculino.

3.2 Colaboração

3.2.1 Análise das duplas masculino/masculino

A discussão que segue se originou a partir da análise dos dados obtidos com base nas gravações em vídeo das interações nas sessões de *teletandem*.

As duplas masculinas são compostas de jovens universitários do sexo biológico/gênero masculino com as seguintes identidades nacionais: do lado do Brasil temos as identidades nacionais de brasileiros paulistas e do lado americano temos identidades: americana, venezuelana e mexicana. Nenhum destes parceiros americanos se definiu com dupla identidade. Isto indica que o mexicano e o venezuelano não estão nos Estados Unidos há muito tempo. O venezuelano veio para os EU aos 16 anos aproximadamente, e o mexicano veio para a Universidade. A

performatividade dá-se, então, a partir da produção dessas identidades nacionais, de gênero, de estudantes universitários e das outras identidades sociais e culturais. Quando duas pessoas do sexo/gênero masculino se comunicam elas fazem uma performance e podem repetir (iterabilidade de Butler) as maneiras típicas de dois homens quando conversam, isto é, fazem uma performance do gênero masculino.

Iniciamos a análise com o aspecto da colaboração. A colaboração, segundo o dicionário Aurélio tem a seguinte definição: “Colaborar: trabalhar junto em um projeto”. O conceito de colaborar sempre envolve mais de uma pessoa. A colaboração está subentendida no conceito da reciprocidade no *teletandem*, pois se eu ajudo você a aprender a minha língua, você também vai me ajudar a aprender a sua língua e então nós colaboramos para as nossas aprendizagens. Brammerts e Calvert (2002) explicam que “aprender em tandem é aprender por intercâmbio”, ressaltando a importância da colaboração e reciprocidade. Estes princípios do *teletandem* também se harmonizam com a teoria sociocultural, pois tanto no *tandem* como na aprendizagem segundo Vygotsky, o processo se dá na interação social, através da colaboração de um falante competente ou nativo da língua em questão. O’Dowd (2007) analisa e discute como a telecolaboração auxilia a competência intercultural e como mediadores e interagentes podem se preparar para obter o máximo das interações virtuais. Também exemplificando como a telecolaboração auxilia a competência intercultural, O’Dowd demonstra nos resultados de sua pesquisa, como, nas atividades colaborativas *on-line*, os interagentes recebem informações culturais de um ponto de vista subjetivo de seus parceiros, sob uma perspectiva de dentro da cultura e não a informação objetiva encontrada em livros. Esta telecolaboração subjetiva se mostrou mais eficiente na formação da competência intercultural, segundo suas pesquisas.

Neste caso serão discutidas a colaboração dos parceiros, ou seja, como eles se ajudam no processo de ensinar e aprender, ou se eles cooperam, colaboram, se equalizam ou se distinguem um do outro (BAHKTIN, 1981). Também discutiremos o que os parceiros estão fazendo com a língua ou como estão usando a língua e produzindo efeitos *em cada* excerto. Para análise das dinâmicas de parcerias com combinações de sexo biológico/gênero masculino e feminino, iniciaremos a discussão com as interações das três duplas masculino/masculino¹³.

¹³ Códigos utilizados na transcrição: Pausas: 0,5 segundo (+), 1 segundo (++), mais que um segundo (+++); Sobreposição de vozes: <; Dúvidas: ((incompreensível)); Truncamentos bruscos: /; Ênfase: letra maiúscula; Sinais de entoação: ?; Prolongamento de vogal: :

Nos excertos que se seguem, vamos analisar a colaboração. Com respeito à performatividade vamos analisar os lugares de sujeito, isto é, os lugares de locutor e interlocutor na parceria e, conseqüentemente, os significados produzidos na interação. Cada um dos excertos que serão apresentados têm um título, por nós dado ou retirado de uma das falas do participante, que busca sintetizar a ideia principal do excerto.

(CENA) No primeiro excerto da primeira parceria masc/masc temos Pedro e Bernardo trocando informações sobre suas famílias. Esta conversa ocorreu na primeira sessão de *teletandem*, na qual os parceiros estão se conhecendo, falando sobre suas famílias, irmãos e irmãs. O interagente brasileiro é o aprendiz e o venezuelano é o falante competente e o tema sugerido foi “Apresentações”.

(As falas dos brasileiros serão sempre em vermelho. Todo excerto terá um título, sugerindo a ideia principal do excerto.)

Parceria 1

Excerto 1. I would not like a sister. We were too many men. We would get jealous.
(Não gostaria de ter uma irmã. Éramos muitos homens. Teríamos ciúme.

A parceria: Pedro (brasileiro) e Bernardo (venezuelano)

1. B-Pedro- **My sisters is married.**
2. V-Bernardo- Your sister is married.
3. B-Pedro- **Elas são casadas, minhas irmãs são casadas. My sisters married.**
4. V-Bernardo- Oh, your sister is married?
5. B-Pedro- **YES. YES.**
6. V-Bernardo- Nice. Do you like... how long has she been married?
7. B-Pedro - (++) **I have two sisters. And you?**
8. V-Bernardo- WAIT. How long have your sister been married? Quanto tempo?
9. B-Pedro- (++) **É, ah, sim, é... Five, é... five years. Yes.**
10. V-Bernardo- Five years?
11. B-Pedro- **And, three year.**
12. V-Bernardo- And the other one three years? So, when are you getting married, man?
 Okay... and do they live with your parents or not?
13. B-Pedro- **É...okay.**
14. V-Bernardo: I have three brothers. Yes. All men. No sisters for me, but I would not like a sister because we were too many men. We would get jealous, you know, like zeloso, jealous.

A parceria de Pedro e Bernardo foi uma parceria na qual os interagentes expressaram satisfação com seu parceiro, dado que havia colaboração no processo de ensinar e aprender com correções, motivação e respeito mútuo, apesar de terem competências linguísticas assimétricas:

Bernardo tinha uma competência intermediária pois era bilíngue espanhol/inglês, o que facilitava a aprendizagem do português. Pedro tinha uma competência mais básica em inglês. Durante as sessões, Bernardo pedia ajuda quando não entendia ou pedia ao parceiro para escrever a palavra ou expressão em questão. Pedro, no entanto, quando não entendia uma pergunta, ignorava-a e mudava de assunto. O parceiro bilíngue da universidade americana ajudava o parceiro do Brasil através do espanhol, o que foi bastante positivo. Esses episódios estiveram presentes consistentemente ao longo do semestre.

No excerto, acima, podemos observar o exemplo em contexto. No diálogo, Bernardo pergunta utilizando o *Present Perfect* (um tempo verbal difícil de ser aprendido por brasileiros): “How long have your sisters been married?” (linha 8) [Há quanto tempo suas irmãs estão casadas]? Pedro não diz que não entendeu, responde outra coisa e segue a conversa. Bernardo ajuda seu parceiro com a compreensão do inglês através da tradução para o espanhol. A parceria Pedro/Bernardo se mostrou colaborativa conforme se observa neste exemplo específico do *Present Perfect* em que Bernardo desempenha um papel de parceiro colaborador com Pedro, pois se dá conta da dificuldade dele com o tempo verbal e o auxilia de uma maneira apropriada: pede para esperar (Wait!) e apresenta uma tradução após fazer a pergunta em inglês (Linha 8), abaixo.

6.E-Bernardo- Nice. Do you like... how long has she been married?

7.B-Pedro - (++) **I have two sisters. And you?**

8.E-Bernardo- WAIT. How long have your sister been married? Quanto tempo?

9.B-Pedro- (++) **É, ah, sim, é... Five, é... five years. Yes.**

No questionário, os dois parceiros também expressaram essa cooperação:

O meu parceiro tinha um aspecto mais cooperativo e não houve aspecto competitivo. (Pedro; Questionário 1)

He was cooperative because we both had benefits from talking to each other. [ele era cooperativo porque nós nos beneficiamos quando falávamos um o idioma do outro.] (Bernardo; Questionário 2)

No excerto, acima, os dois interagentes Pedro e Bernardo estão se conhecendo, compartilhando informações familiares, sobre irmãos e irmãs. Os turnos são bem equilibrados, pois Bernardo muitas vezes repete o que Pedro enunciou para testar a sua compreensão (linhas 1, 2, 3, 4), exceto como ressaltado na última linha, quando Bernardo se estende um pouco mais e explica o fato de não ter irmãs. Nos turnos percebe-se a dificuldade de Pedro com o inglês e

também o fato de Pedro não dizer claramente que não entendeu a pergunta, indicando, talvez, a necessidade de manter a imagem (manutenção da imagem, KRAMSCH, 1998) sobre a sua competência linguística (linhas 6 e 7). O efeito discursivo é o empenho de Bernardo para que Pedro entenda do que estão falando e Bernardo usa o espanhol para facilitar a compreensão. Bernardo parece dominar a conversa no sentido de ser o falante competente.

Coates (2004, p. 126) relata que é uma constante na fala dos homens em contextos e culturas variadas a estratégia de não concordar ou ignorar o enunciado do outro por razões diversas. Como Pedro menciona que suas irmãs são casadas, Bernardo **pressupõe** que este assunto deva ser muito significativo para Pedro e então pergunta quando ele (Pedro) vai se casar (linhas 12 e 13). Há uma possibilidade de que, na família de Pedro, homens e mulheres se casem cedo. Aparentemente Pedro não entende ou não quer responder e não fica claro se ele entendeu a pergunta. Bernardo, por sua vez, menciona que tem somente irmãos e que não gostaria de ter irmãs, pois teria ciúmes.

Esta opinião sobre irmãs, produzida na interação, pode revelar uma ideologia e discurso de gênero nos quais a mulher tem que ser protegida de outros homens, pois é fraca e não tem capacidade de se proteger e escolher o que deseja. Esta ideia de sentir ciúmes das irmãs é uma ideia sedimentada (BUTLER, 1999) sobre ideologia de gênero, típica da ideologia patriarcal, como se a mulher fosse uma posse e não tivesse direito ao desejo.

Nas interações virtuais de *teletandem* há certa divisão do poder, já que quando um interagente está aprendendo a língua do outro, é o outro que possui o saber e, portanto, o poder (atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003). Fairclough define atores sociais com respeito ao agenciamento dos sujeitos, isto é, o poder e as relações de poder entre os atores sociais. Este poder não está meramente restrito à dimensão linguística da interação (poder dado pelo conhecimento da língua estrangeira que está sendo falada), mas, também, à dimensão discursiva, que inclui o “saber” sobre características culturais de seu país e de outros países. Frequentemente os posicionamentos do sujeito se alteram, dependendo da língua que está sendo falada.

(CENA) Este próximo excerto de Pedro e Bernardo se dá durante a aprendizagem do português. Este excerto ocorreu na terceira sessão de *teletandem*. Os interagentes aqui já estão se sentindo mais à vontade com a interação virtual e com o parceiro. O tópico do dia era música, mas estes parceiros falaram sobre música em quase todas as sessões. Este foi o tópico mais frequente entre eles.

Excerto 2. Rock in Rio

Bernardo (Venezuelano) Pedro (brasileiro)

1. Bernardo: Você gosta de música de rock americana?
2. Pedro: **Nickelback.**
3. Bernardo: Nicklelback? Muito muito boa!(surpreso)
4. Pedro: **Você gosta de Nickelback?**
5. Bernardo : Sim!
6. Pedro: **é uma banda legal, né?**
7. Bernardo : Uma banda muito legal. Gosto.
8. Pedro: **Outra que eu gosto é Bon Jovi.**
9. Bernardo: Bon Jovi! Muito bom (surpreso).Você gosta das tradicionais.
10. Pedro : **Tradicionais. isso mesmo. Aerosmith.**
11. Bernardo : Aerosmith! (surpreso)
12. Pedro: **Das músicas em Inglês também gosto do You 2.**
13. Bernardo: You2? é muito bom.!! Eu foi assistir um recital... concerto do You2. (Pedro escreve a frase para Bernardo corrigindo o “recital” e escrevendo show)Isso! É impressionante. Estas pessoas são muito boas! Eu assisti um show do You 2.
14. Pedro: **Você ficou sabendo do Rock in Rio, um show que vai ter aqui, este mês no Brasil?**
15. Bernardo : Eu não conheço bandas brasileiras.
16. Pedro:**Vai ter um show aqui o Rock in Rio.**
17. Bernardo: He escutado. Que bandas ?
18. Pedro: **Virão varias bandas: Cold Play, Riahana, Kate Perry...**
19. Bernardo: Você GOSTA de tudo isso?
20. Pedro: **Não, algumas coisas sim..**
21. Bernardo: Eu também. É importante que estas bandas vão ao Rio. O show é mui grande ?
22. Pedro: **Guns and Roses.**
23. Bernardo : Guns and Roses!!! (com surpresa)
24. Pedro : **O show vai ter 100.000 pessoas.**

O tópico mais popular para Pedro e Bernardo é a música e, principalmente, rock e bandas de rock. O **efeito discursivo** produzido neste excerto indica que Pedro é um entendido em bandas de rock. Na realidade, os dois parceiros tocam em bandas. Mais tarde Bernardo descobre que Pedro não somente gosta de rock, como toca guitarra e toca em uma banda como ele. E ainda mais, através deste diálogo acima descobre que o Rock in Rio vai acontecer no próximo mês no Brasil e que Pedro vai ao Rock in Rio.

Neste excerto, percebe-se que, nas **pressuposições** de Bernardo, não estavam incluídos todos estes conhecimentos de Pedro sobre bandas de rock. Há uma quebra de expectativa evidenciada pela surpresa de Bernardo quando Pedro fala sobre bandas de rock. Há surpresa de Bernardo quando Pedro cita as bandas (linhas 9, 11 e 13) e o Rock in Rio (linha 21). Na verdade quando Bernardo pergunta se o Rock in Rio é muito grande demonstra que não sabia muito sobre o evento (linha 21). Apesar dos turnos estarem relativamente sem dominância, isto é, os interagentes tinham turnos mais ou menos iguais, nesse momento Pedro passa a dominar porque,

primeiramente, está falando português (seu idioma nativo) e está demonstrando seu conhecimento sobre rock, bandas de rock, o famoso “Rock in Rio” e está “playing the expert”, mostrando-se “entendido” no assunto, uma categoria das interações orais, como descreve Coates (2004). O exemplo do brasileiro “entendido” em bandas de rock mostra-nos como o *teletandem* pode desconstruir ideias sedimentadas sobre a identidade brasileira e produzir novos significados de como o Brasil é um espaço transcultural diversificado, no qual os jovens brasileiros, participantes do estudo, apreciam o local e o global.

Neste excerto, então, vemos a dominância de Pedro, não somente pelo uso da língua, mas também pelo conteúdo de seu conhecimento sobre rock. Comparando com o primeiro excerto desta dupla, vemos uma diferença na posição dos sujeitos. No primeiro, Bernardo tinha o poder, caracterizado pelo domínio da língua e no segundo Pedro tem o poder, pois também tem o conhecimento (atores sociais, FAIRCLOUGH 2003). Isto indica que, em um terceiro espaço (BHABHA, 1994) de comunicação intercultural, há um jogo de ideias sedimentadas pelas convenções, pode haver quebra de expectativas, alternância de poder e os posicionamentos do sujeito locutor ou interlocutor podem estar em posições fluídas e produzirem resultados variados. O poder não se refere somente à língua, mas também ao conhecimento.

O nosso principal objetivo na análise desta dupla foi de mostrar como uma parceria entre jovens universitários do gênero masculino pode, também, ser colaborativa, tanto quanto foram as parcerias do gênero feminino nos nossos dados. Diferentemente dos dados de Jeong e Davidson-Shivers (2003), nos quais as parcerias masculinas são mais argumentativas e, portanto, menos colaborativas, os dados referentes a esta parceria específica não corroboram as conclusões desses autores.

O próximo excerto da segunda parceria masculina trata de aprendizagem de vocabulário, quando os interagentes falavam sobre bonés.

Parceria 2

(CENA) Nesta cena Geraldo e Guilherme falam de bonés e de lanchonete. Estes não eram tópicos do dia. Este excerto foi escolhido, pois indica como os telecolaboradores já se sentem à vontade e confortáveis nessa sessão virtual com o parceiro. Esta conversa ocorreu na 5ª sessão de *teletandem*. A pergunta sobre o boné surgiu por causa da câmera pela qual um parceiro vê o boné

do outro e começam a conversar sobre este vocabulário específico. Na negociação sobre snap, surgiu snack, e aí snack bar e lanchonete.

Excerto 3. You are getting better!!! [Você está melhorando!](cantarolando)

A parceria Geraldo (americano) e Guilherme (brasileiro).

- 1.E-Ge –This is a snapcap. (showing his cap)
2. B-Gui – **What is a snap?**
- 3.E-Ge – Snap is when you do this with your fingers (snapping his fingers)
- 4.B-Gui –**What is it? Snack?**
- 5.E-Ge – No, snap (snapping his fingers again). What is lunchnete? (pronúncia de Geraldo)
- 6.B-Gui - **Lanchonete? It is a snack bar. Lunch is snack. YOU ARE GETTING BETTER!** (in a singing voice)
- 7.E-Ge – Obrigado!

Geraldo e Guilherme constituíram uma parceria com competências linguísticas semelhantes, embora o interagente americano bilíngue naturalmente apresentasse vantagens sobre o brasileiro no que se refere ao conhecimento de espanhol. Eles nem sempre obedeciam à regra de “uma língua de cada vez”. Como se pode notar no excerto anterior, foram colaboradores, expressavam agradecimento (linha 7) e se encorajavam (linha 6) quando aprendiam e se sentiam confortáveis na interação. Mesmo com as correções, até brincavam um com o outro quando constataavam o progresso do parceiro, como no exemplo (linha 7) em que Guilherme cantarolando, produz a sentença “ you are getting better.” Você está melhorando.

Esta colaboração foi também mencionada nos questionários:

My partner was more cooperative than competitive. [Meu parceiro era mais colaborativo do que competitivo.](Geraldo; Questionário 3)

O meu parceiro tinha muita disposição para me ajudar nas interações em qualquer necessidade ou dificuldade. (Guilherme; Questionário 4)

Nesse excerto o efeito discursivo está centrado na maneira descontraída e amigável que os interagentes conduzem a interação, apoiando e incentivando-se mutuamente. Há um equilíbrio de turnos e a comunicação flui facilmente. Fica clara a tranquilidade dos interagentes neste processo de ensinar e aprender, provocando um efeito de estarem à vontade e motivados para a sessão de *teletandem*. Os parceiros estão ocupando papéis de colaboradores nesse processo de ensinar e aprender.

(CENA) O excerto a seguir refere-se a uma situação ocorrida anteriormente, quando os parceiros ainda estavam se conhecendo, na sessão 4. O tópico do dia era filmes. Os parceiros gostam de tipos diferentes de filme. O americano não gosta de filmes de Hollywood, mas o brasileiro gosta.

Excerto 4 – You are kind of different...[Você é diferente...]

Guilherme (brasileiro) e Geraldo (americano)

1. Gui – **And what kind of songs do you like? And movies?**
2. Ge-What kind of movies do I like?... I actually like foreign films a lot. I don really like...I don't go see Holywood films a lot. Some of them are good... You know what I mean? I don't like the big Hollywood pictures but some of them are ok...I like foreign films because I like listening to other languages especially like Portuguese and Spanish cause I get to practice and learn new terms and stuff, You know what I mean? I get to listen to other people speak. It is good practice watching foreign films.... I also get to learn about other countries and cultures different than mine so...It is a good way to do that, I think.
3. Gui-**So you are kind of different!!! (surpreso)**
4. Ge- A little bit, maybe, I think everybody is different, though.
5. Gui - **Yeah.**
(5 minutos mais tarde)
6. Ge-Que filmes você gosta?
7. Gui- **Olha, muito ao contrario de você eu gosto dos filmes de Hollywood.**
8. Ge - Não, tá bom !! (risadas), Qual é o seu filme favorito?...Ou não tem?
10. Gui- **São vários...**
11. Ge- Eu sei que é uma pergunta difícil.
12. Gui- **Eu gosto de Benjamin Button...**
13. Ge- Eu conheço.
14. Gui- **Lexl maybe...**
15. Ge-É um filme bom...
16. Gui- **Tem um conteúdo histórico, compreende?**

O excerto registra o momento em que Guilherme e Geraldo ainda estão se conhecendo. O efeito discursivo produzido é a surpresa de Guilherme com relação às preferências de Geraldo sobre filmes. Geraldo explica o seu gosto por filmes estrangeiros em um longo turno (linha 2) talvez por *supor* que o parceiro não tenha a mesma preferência. Geraldo sabe que não é comum um jovem de 22 anos gostar de filmes estrangeiros. Guilherme, por sua vez, com suas *pressuposições* não confirmadas, fica surpreso com seu parceiro, um americano da terra de Hollywood não gostar deste tipo de filmes. Ele então diz: “So you are kind of different” (Então você é diferente, linha 3), analisando o parceiro e colocando-o fora da centralidade das preferências dos jovens em geral. Há também aqui certo julgamento, como se o fato de sermos

diferentes da centralidade, faz com que sejamos periféricos e estranhos. Geraldo, com muita propriedade e seguro de si responde: “I think everybody is different, though”, (Eu acho que todo mundo é diferente, linha 4) explicando e também dissolvendo qualquer mal estar causado por esta divergência. (resolução da diferença, FAIRCLOUGH, 2003). Mais tarde, quando Guilherme expressa sua preferência pelos filmes de Hollywood (linhas 7 e 8), os parceiros riem, pois percebem que houve um mal estar nas suas divergências cinematográficas, mas isso não tem nenhuma importância, pois como disse Geraldo, “everybody is different”, (todo mundo é diferente). Segundo Bahktin (1981) usamos a língua para cooperar e colaborar com o outro ou para distinguir-nos do outro. Neste excerto podemos perceber estas duas forças, pois Geraldo, anunciando sua preferência cinematográfica, que é mais periférica do que central, de acordo com as suposições de Guilherme, demonstra que quer se distinguir do outro, mas depois resolve o antagonismo explicando que somos todos diferentes.

Os posicionamentos dos sujeitos produzidos e observados nestes dois excertos são diferentes. No primeiro excerto, estão aprendendo e ensinando vocabulário com colaboração, um ajudando ao outro em clima de amizade, solidariedade, com agradecimentos e elogios. Já neste último excerto, os interagentes, por suas divergências cinematográficas apresentam certo antagonismo, quando Guilherme diz que Geraldo é diferente (estranho?). Entretanto esta diferença é dissipada por Geraldo com a frase “everybody is different” (todos são diferentes). Neste caso, apesar de terem preferências distintas e discordarem sobre filmes, em seguida riem e este desacordo não tem mais importância na interação. Novamente, como na parceria anterior, queremos enfatizar o caráter colaborativo e de apreciação de diferenças desta dupla de gênero masculino: elas existem, mas são negociadas. Estes dois excertos evidenciaram a colaboração dessa parceria masculina com respeito à produção de significados destes telecolaboradores no ensino e aprendizagem da língua do Outro. Também podemos observar que os diferentes lugares de sujeito do locutor e interlocutor, observados entre o primeiro e o segundo excerto, uma vez que no último, o longo turno de Geraldo sobre a sua preferência cinematográfica provoca certo antagonismo e, finalmente, a diferença é negociada (FAIRCLOUGH, 2003)

Neste próximo excerto temos a terceira parceria masculina, falando sobre o papel da mulher.

Parceria 3

(CENA) Nesta sessão o tópico era política e o fato de que o Brasil tinha uma mulher como presidente. Este excerto ocorreu na 6ª sessão de *teletandem*. Os parceiros já se conheciam bem. Edson informa a Moacir quem é o presidente no Brasil e a conversa vai para discursos de gênero.

Excerto 5. The girls have to cook and take care of babies.[As jovens têm que cozinhar e tomar conta dos filhos]

A parceria Edson (brasileiro) e Moacir (mexicano)

- 1.Ed – Eu tenho uma pergunta para você. Our president was the first woman to open the General Assembly meeting at ONU this year. What do you think of a woman that has great importance and power in politics as president of Brazil?
- 2.E-Mo – I do not like that.
- 3.B-Ed – In Brazil the president is a woman.
- 4.E-Mo - And Lula?
- 5.B-Ed – Ela se chama Dilma, não conhece?
- 6.E-Mo - Lula is not the president? When were the elections? (surpreso)
- 7.B-Ed – I think 2 years ago.
- 8.E-Mo - A man should be the president in every country!
- 9.B-ED – Why? Porquê? Me fala em português.(surpreso)
- 10.E-Mo – Eu acredito que o presidente tem que ser um homem. É uma posição de muita responsabilidade. Não é um trabalho para uma mulher.
- 11.B-Ed – But the president is very good.
- 12.E-Mo – The girls have to cook and take care of babies.

Neste excerto Edson e Moacir falam sobre a presidente do Brasil e Moacir estranha e se surpreende com o fato de que o Brasil tem uma presidente mulher, uma vez que de acordo com seus discursos “as meninas tem que cozinhar e tomar conta dos bebês”. Moacir, ao dizer esta frase, está fazendo uma performance do masculino, pois está afirmando um discurso de gênero a respeito das mulheres. O efeito discursivo aqui é o impacto da ideia sedimentada de Moacir sobre o papel da mulher como um ser que serve para servir e reproduzir (linhas 8 e 10), (BUTLER, 1999). Edson se surpreende com este discurso do parceiro e tenta convencê-lo: “Mas a presidente é muito boa” (11) e Moacir indica sua falta de conhecimento sobre a política no Brasil, pois não sabia que a presidente era uma mulher. Percebe-se aqui a decepção de Edson com relação ao parceiro. Ainda faz parte do efeito discursivo a decepção e a surpresa com a opinião do parceiro sobre o papel do gênero feminino na sociedade. No questionário diz que “tem

mais facilidade em lidar com mulheres”, indicando que não ficou totalmente satisfeito com o seu parceiro.

A parceria Edson e Moacir também demonstrou colaboração, pois os parceiros se ajudavam em vários aspectos da aprendizagem. Edson, por ter uma competência de iniciante em inglês preparava perguntas antes da sessão e muitas vezes conduzia a sessão, tinha mais motivação que o seu parceiro. Seguem as opiniões sobre a cooperação dos parceiros registradas nas respostas ao questionário:

Acredito que meu parceiro é bem cooperativo assim como eu, portanto não houve competição e conseguimos nos ajudar mutuamente. Mas tenho mais facilidade em lidar com mulheres. (Edson; Questionário 5)

Cooperative because we had the same interests, learn a foreign language. We had many things in common. [Cooperativo, pois tínhamos os mesmos interesses, aprender uma língua estrangeira]. (Moacir; Questionário 6)

No excerto a seguir, Edson faz comentários sobre o seu parceiro mexicano, que havia expressado, conforme aparece no excerto anterior, uma opinião negativa a respeito do fato de a presidente do Brasil ser uma mulher. No momento da interação não houve nenhuma reação de Edson sobre a posição de Moacir a este respeito. No entanto, comentou o assunto no questionário e concluiu que seu parceiro tinha uma ideologia de gênero com a qual ele não concordava. Segue a avaliação do interagente:

Eu fiquei feliz de aprender inglês de uma forma nova, e realmente aprendi coisas que não aprenderia de outra forma. Minha única decepção foi com uma característica do meu parceiro. Ele era de um (país latino-americano). Todos gostavam dele no grupo e eu também achei ele legal e bom amigo, no entanto ele era machista e achou absurdo nossa presidente ser mulher. Achei estranho e me decepcionei com (este país latino-americano), que eu achava que era um país mais evoluído nestas questões. Mesmo assim não posso julgar um país por um indivíduo, e nem quero dizer que ele era uma pessoa má, só não concordo com a opinião dele. (Edson; Questionário 7)

Esta divergência de discursos e ideologia de gênero (FAIRCLOUGH, 2003) e a sedimentação (BUTLER, 1999) das convenções sobre a inclusão da mulher no contexto social provocou um antagonismo que levou Edson a classificar seu parceiro, no questionário, como “machista”, afirmando também que gostaria de ter uma parceira do gênero feminino, sugerindo uma acentuação da diferença (FAIRCLOUGH, 2003) ou o conceito de culturas contestadas (LEVY, 2007).

Quando Moacir fala que as mulheres devem ficar em casa, cozinhando e cuidando dos bebês (linha 12), expressando, assim, uma ideologia de gênero patriarcal, Edson, que não concorda com isso, pois tem uma postura inclusiva e liberal sobre as mulheres, estranha esta ideologia vinda de um universitário que estuda em uma universidade nos Estados Unidos. Assim, o choque das pressuposições de Edson sobre um universitário latino que estuda nos Estados Unidos com os fatos, provoca estranhamento.

Do ponto de vista pedagógico esta é uma questão difícil de ser resolvida. Nossos dados, porém, podem ajudar futuros mediadores de *teletandem*, no sentido de pensarem uma preparação dos participantes para tais situações, incentivando a abertura para opiniões, discursos e ideologias diferentes e divergentes entre os parceiros. Afinal, num mundo globalizado, com tantas mobilizações, marcado pela transculturalidade (WELSCH, 1999), as nossas expectativas sobre identidades nacionais e discursivas, dentre outras, cada vez mais colocam em cheque as nossas ideias sedimentadas.

Continuando a análise desta dupla, destacamos uma conversa que segmentamos em seis partes para facilitar a nossa discussão. É uma longa conversa que revela pontos relevantes da interação destes dois interagentes. A conversa representa aspectos transculturais da cidade, onde está localizada a universidade (cidade grande na região sudeste dos Estados Unidos), bem como alguns traços de um estudante universitário deste lugar. O diálogo transcrito a seguir mostra um tipo de interrogatório: Edson pergunta e Moacir responde. Moacir raramente se interessa pelo estudante brasileiro ou a vida no Brasil. Os dados não revelam indícios de curiosidade por parte de Moacir. Por um lado, Edson domina e dirige a conversa, obtendo a informação que deseja. Por outro lado, Moacir não faz esforço algum, somente responde às perguntas, fala de si mesmo e das coisas que sabe. Parece que não há interesse de Moacir a respeito de seu parceiro.

De todas as parcerias somente três interagentes não gostaram de conversar com o mesmo gênero. Edson é um deles e a outra é uma parceria de duas interagentes do gênero feminino, a qual é analisada na seção 2.

Contrariamente ao observado no excerto anterior, nos cinco próximos excertos não foi possível detectar pistas que revelassem divergências ideológicas entre os parceiros. No entanto, as transcrições indicam assuntos proibidos de acordo com os parceiros, aspectos transculturais sobre o parceiro mexicano e a cidade na qual estuda, ideias sedimentadas sobre americanos e informações sobre carros. Enquanto no excerto anterior a interação produziu sujeitos

posicionados, com divergências, estranhamentos e antagonismos, os excertos que seguem produzem posicionamentos mais neutros de interrogador/interrogado, com poder compartilhado, ou seja, um adquire poder através do saber (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003) e o outro exibe o seu saber.

(CENA) Os excertos 6, 7, 8, 9 e 10 fazem parte de uma conversa em uma interação e ocorreram na 6ª sessão de *teletandem* e os tópicos foram escolhidos por Edson, pois é ele que faz as perguntas. Os excertos ocorreram um após o outro, mesmo que não tenham relação entre si. Edson faz sucessivas perguntas a Moacir. Neste primeiro excerto Moacir e Edson falam sobre drogas.

Excerto 6 – Drogas

Moacir (mexicano) e Edson (brasileiro)

- 1.Ed-Laws for drugs in the USA . (Edson traz as suas perguntas escritas de casa)
- 2.Mo-Ok.
- 3.Ed- *Speak slowly please!*
- 4.Mo-What type of drugs?
- 5.Ed-*All the types of drugs. Marijuana?*
- 6.Mo- Ok, Marijuana... I don't know... a lot of the people do it, it is very light.
- 7.Ed- *Slowly, slowly!*
- 8.Mo- Yes... Yes...(Os dois dando risadas)
- 9.Ed- *Cuidado! Cuidado!* (A professora está perto de Moacir no lab)
- 10.Mo -Cuidado! Outra pergunta!

Os parceiros estão trocando informações sobre drogas nos Estados Unidos e as leis que as regulam, curiosidade esta levantada por Edson. Moacir não se interessa em saber como são vistas as drogas no Brasil. As pressuposições dos interagentes comparecem de duas maneiras. Primeiramente, Moacir explica que o uso de marijuana é comum nos EU (linha 6), sem demonstrar preocupação por estar falando sobre o assunto. Os discursos sobre marijuana nos Estados Unidos são liberais. Já o interagente brasileiro, através do video, vê que a mediadora lá nos Estados Unidos está se aproximando do interagente mexicano e o adverte (linha 9), dizendo “Cuidado”, apontando que no Brasil este tópico é menos liberal e mais relacionado à marginalidade, um tabu para não se discutir com professores, pais ou mais velhos. O efeito discursivo é que pelo comportamento dos parceiros, notamos indiretamente as divergências sobre discursos nos Estados Unidos e Brasil sobre drogas, mas não houve nenhum estranhamento

(negociação da diferença, FAIRCLOUGH, 2003) entre o jovem brasileiro e o mexicano. Cabe ressaltar que esta parceria foi a única a incluir o tópico drogas em seu repertório.

(CENA) Neste excerto Moacir e Edson falam sobre cidades onde Moacir já morou e Edson quer saber qual é a cidade preferida de Moacir, e também falam sobre mulheres. Edson fica surpreso com as respostas de Moacir.

Excerto 7 - Cidade do sudeste americano. Espaço transcultural

- 1.Ed- **Outra pergunta! Which cities have you lived Moacir?**
- 2.Mo- I have lived in Cancun, ...
- 3.Ed- **Cancun**
- 4.Mo- Geneva...
- 5.Ed - **Geneva in Italy?**
- 6.Mo – No, in Switzerland.
- 7.Ed- **Switzerland? Ginebra?**
- 8.Mo -Ginebra em espanhol.
- 9.Ed- **Ginebra em português**
- 10.Mo - Em Madrid...
- 11.Ed- **Madrid.**
- 12.Mo- and Chicago.
- 13.Ed- **what is the very good city?**
- 14.Mo- What is the best city?
- 15.Ed - **What is the best city?**
- 16.Mo- [diz a cidade dos sudoeste americano..]
- 17.Ed- **É mesmo?**
- 18.Mo - Eu gosto.
- 19.Ed- **É mesmo?**
- 20.Mo- Lo melhor.
- 21.Ed- **Por quê?**
- 22Mo- para mi lo personal la praia...tener praia para mi is the beach. We are in English. The beach is amazing.
- 23Ed- **It is amazing but is it very good of the Cancun?**
- 24.Mo- Cancun is much better...much better you know the beach, as a city (diz a cidade do sudoeste americano..) is better.
- 25.Ed - **Understand ! The beach Cancun is better.**
- 26.Mo- Yes the sea...
- 27.Ed- **The girls? (surpreso)**
- 28.Mo- - [diz a cidade dos sudoeste americano..]
- 29.Ed- **Cidade do sudoeste americano? (surpreso)**

Neste excerto percebe-se que as perguntas e respostas são curtas e os turnos continuam como um interrogatório. O efeito discursivo é a surpresa de Edson sobre a cidade e as mulheres preferidas de Moacir. Moacir, por outro lado, não faz nenhuma pergunta sobre o Brasil e nem

sobre os lugares em que Edson já morou. A informação obtida representa e advém de um estudante transcultural: nasceu no México e já morou em vários países, fatos estes que, também, se relacionam muito à cidade e à universidade na qual Moacir está agora. As pressuposições de Edson são desconfirmadas quando Moacir expressa a sua preferência por esta cidade e pelas jovens desta cidade (linhas 17, 29). Para Edson, no entanto, aparentemente este lugar não tem prestígio e muito menos suas jovens. Aqui, quando Edson pergunta sobre as jovens e Moacir responde dizendo que suas jovens preferidas são da cidade do sudoeste americano, os parceiros estão fazendo uma performance de gênero, pois estão falando de mulheres, um ritual heterossexual masculino.

(CENA) Neste próximo excerto Edson e Moacir falam de mulheres, dos americanos da praia e Moacir explica a Edson que a primeira sentença de Edson é um estereótipo e Moacir nega este estereótipo.

Excerto 8 -The girls are fat in the US!!! [As meninas...as pessoas são gordas nos Estados Unidos]

- 1.Ed- In USA the girls the... the persons the men are fat?
- 2.Mo- There is everything. There is lot of fat girls. (risadas)
- 3.Ed- All the people think in Brazil the americans are fat.
- 4.Mo - That is like a stereotype, no? Maybe in another parts of the USA but in (diz esta cidade do sudeste americano) it is very superficial the girls go run, to the gym.
- 5.Ed- The persons são mais bonitas.
- 6.Mo- É, muito mais bonitas!!! Hace muito sacrificio para tener um buen corpo, sabe, ginásio e todo.
- 7.Ed- Your university is ... perto da praia como se diz , da praia
- 8.Mo- Close, cerca Close to the beach? Ten, fifteen minutes.
- 9.Ed- With a car?
- 10.Mo- Yes.

Edson, como vimos, produz essa ideia sedimentada (BUTLER, 1999) sobre o peso exagerado das jovens americanas e Moacir explica que este é um estereótipo, que as jovens desta cidade são superficiais e que cuidam bastante do corpo. Moacir produz um paradoxo quando diz que as jovens desta cidade são magras, cuidam muito do corpo e são superficiais, uma vez que, anteriormente, havia dito que prefere as jovens desta cidade. Moacir está sendo incoerente pois está dizendo que gosta de mulheres superficiais, o que faz sentido, pois está de acordo com os seus discursos patriarcais: “As meninas tem que cozinhar e tomar conta dos bebês”. Na verdade os dois parceiros produzem ideias sedimentadas, mas não percebem; somente percebem as ideias

sedimentadas do Outro. O efeito produzido neste excerto é a ideia sedimentada de Edson (linha 1) sobre as mulheres americanas, ou estereótipo como contesta e explica Moacir (linha 4). Eles continuam com os mesmos lugares de sujeito: o locutor pergunta e o interlocutor responde, sem interesse de Moacir pelo Brasil.

Nestes excertos percebe-se a colaboração de Moacir dando informações a Edson, mas não vemos a reciprocidade. Moacir não se interessa por Edson e nem faz perguntas sobre ele. Os dois telecolaboradores fazem generalizações e têm ideias sedimentadas sobre o país do outro, as mulheres do país do outro, mas não percebem que eles próprios também produzem ideias sedimentadas.

(CENA) Neste próximo excerto Moacir responde às perguntas de Edson com respeito a carros, preços de carros, preço da gasolina e Edson se surpreende com os preços dos carros nos Estados Unidos. Edson quer saber as coisas básicas dos Estados Unidos como se estivesse se preparando para mudar-se.

Excerto 9- In the Us you can buy a car for 2 000 dollars!!! [Nos Estados Unidos você pode comprar um carro por 2.000 dólares]

- 1.Ed- *you have a car?*
- 2.Mo- Yes.
- 3.Ed- *Is it hard to have a car in the USA?*
- 4.Mo- It is very easy. In Brazil it is very expensive to have a car. That's what my father said.
- 5.Ed- *What is expensive? What is expensive?*
- 6.Mo- Caro! In the US you can buy a car for 2 000 dollars
- 7.Ed- *And the combustivel?*
- 8.Mo- La gasolina? It is ok. With 40 dollars tanque lleno.
- 9.Ed- *Como se diz barato? cheap. Very cheap (surpreso). Write to me please. Muito barato.*

Neste excerto os interagentes comparam os preços dos carros no Brasil e nos Estados Unidos e Edson aprende as palavras “cheap” e “expensive”. Além do insumo linguístico dado pelo parceiro, o importante neste excerto é, também, a surpresa (efeito discursivo) de Edson ao saber o preço da gasolina e dos carros (linha 9). Alguns consideram que conversar sobre carros é um ritual masculino também, mas precisaríamos analisar mais dados para realmente fazer tal afirmação.

Neste próximo excerto nos deparamos com mais um aspecto da transculturalidade e a heterogeneidade interna das culturas.

(CENA) Neste excerto Edson tem mais surpresas com Moacir, que não gosta de falar inglês e tem amigos do México.

Excerto 10 - I do not like to speak English. [Eu não gosto de falar inglês]

- 1.Ed- *And the American girls what they think of latins?*
- 2.Mo- I do not have a lot of American friends. I do not like to speak English.
- 3.Ed- *You do not like to speak English?*
- 4.Mo- I prefer to speak Spanish.
- 5.Ed- *I understand. Do you have American friends?*
- 6.Mo- I invite them for a party, not to talk. Do you understand? I do not have too much in common with them.
- 7.Ed- *So, existem muitos latinos ai.*
- 8.Mo- Muitos é impressionante.
- 9.Ed- *Você pode ter só amigos latinos?*
- 10.Mo- A maioria são do Mexico de Cancun.
- 11.Ed - *É mesmo? (surpreso)*

A representação transcultural (WELSCH, 1999) e a diversidade populacional desta cidade do sudeste americano, a etnopaisagem (APPADURAI, 1996), vão sendo produzidas por Moacir e através das indagações de Edson este espaço transcultural onde está situada a universidade americana vai ficando mais detalhado. No excerto acima, o efeito discursivo é a surpresa de Edson quando seu parceiro diz que não gosta de falar inglês e que não tem amigos americanos (linha 2), o que novamente não comprova as pressuposições de Edson, surpreendendo-o com essas informações (linhas 3, 9, 11). Por outro lado Edson se apropria não somente de aspectos linguísticos da língua alvo, mas também internaliza conhecimentos sobre o parceiro, sua vida nos Estados Unidos, seus amigos, suas preferências e começa a compor representações transculturais e distintas das que tinha anteriormente. Estas representações da cidade onde Moacir reside e estuda vão aos poucos se tornando mais compreensíveis. Moacir mora em uma cidade nos Estados Unidos na qual o inglês é a língua oficial, mas a segunda língua para Moacir, pois o espanhol é praticamente sua primeira língua, o idioma dos amigos e o idioma no qual se sente mais confortável. Seus amigos são todos de Cancun, no México, e isso nos sugere que esta cidade tem uma população latina muito grande. Aqui temos, então, para surpresa de Edson, uma cidade transcultural, com vários grupos vindos da América Latina e falando espanhol como primeira

língua. Estas considerações nos levam primeiramente aos conceitos de transculturalidade e de heterogeneidade interna das culturas de Welsch (1999), aos deslocamentos geográficos de populações, à *etnopaísagem* de Appadurai (1996) e também a O'Dowd (2007), no que se refere à competência cultural na telecolaboração que se realiza através de narrativas subjetivas do parceiro e não de informações objetivas de um livro ou livro didático.

Esta parceria se caracterizou por ser colaborativa, com muitas coisas em comum. Entretanto, uma opinião divergente do parceiro sobre ideologia de gênero parece ter causado um estranhamento, levando à desmotivação de Edson, pelo fato de suas pressuposições sobre o parceiro não incluírem uma ideologia de gênero tão divergente. No entanto, aparentemente, Edson soube lidar com esta diferença e não quis fazer generalizações sobre um país pelas posições de um indivíduo, mas afirmou que, na próxima vez, gostaria de ter uma parceira. Kramsch (2009) fala da violência simbólica, quando nos deparamos com discursos com os quais não concordamos. Para manter a relação com o parceiro e seguir aprendendo a língua alvo, Edson é racional e registra a sua decepção no questionário.

Em síntese, analisando as duplas masc/masc de nossa pesquisa, verificamos que seus participantes foram colaborativos, pois se ajudaram no processo de ensinar e aprender e nos questionários os interagentes classificaram seus parceiros como colaborativos. Na 3ª sessão, quando lhes foi perguntado se gostariam de alterar a parceria, não quiseram trocar de parceiro. De certa maneira, esta opção indica que apreciavam interagir com o parceiro do mesmo gênero. As duplas masc/masc colaboraram e não eram mais argumentativas do que as outras, porque mesmo tendo opiniões diferentes, souberam resolver a diferença. O estranhamento, como foi o caso do “interagente machista” (assim descrito por seu parceiro), foram diferenças que não chegaram a romper a parceria, mas que fizeram com que o parceiro do Brasil, Edson, decidisse que prefere falar com meninas. Nesse terceiro espaço (BHABHA, 1994) de comunicação, no qual a ambiguidade, os discursos convergentes e divergentes e as relações de poder (FAIRCLOUGH, 2003) se apresentam, os interagentes que estejam dispostos a manter a interação social têm que estar disponíveis para resolver e negociar as diferenças. Edson, da parceria Edson/Moacir, foi impactado pelos discursos de gênero de Moacir e decidiu não mais falar com membros do sexo/gênero masculino, como se todos os participantes da pesquisa tivessem os mesmos discursos. Ao mesmo tempo que Edson reagiu aos discursos sedimentados convencionais do parceiro, produziu discursos sedimentados a respeito dos participantes do sexo/gênero feminino

da universidade e da identidade nacional americana (excerto 8). Poderíamos dizer que as três parcerias foram colaborativas, mas somente as duas primeiras (Pedro/Bernardo e Geraldo/Guilherme) expressaram satisfação com o parceiro. As três parcerias aprenderam e ensinaram a língua-alvo, mas Edson teve estranhamentos com seu parceiro sobre ideologia de gênero e revelou no questionário que gostaria de fazer a próxima interação com uma jovem do sexo/gênero feminino.

As parcerias masculinas têm semelhanças e características próprias. Falaram de vários assuntos, inclusive de sexualidade, drogas e aborto, diferentemente das duplas femininas. No entanto, cada parceria se caracterizou de uma maneira específica.

Chamarei as parcerias por um título, por terem se comportado de maneira específica: a parceria de Pedro e Bernardo foi nomeada *os músicos*, pois se caracterizaram por suas preferências musicais, e isso fez a dupla se manter sempre motivada até o final. Geraldo e Guilherme, *velhos amigos*, pois trabalharam e investiram na aprendizagem da língua, souberam resolver suas diferenças usando o humor; aproveitaram o tópico do dia como motivação para falar e se apropriar da língua do Outro, possibilitando considerável aprendizagem de vocabulário. E finalmente Moacir e Edson, *os ousados* que falaram de assuntos controversos/polêmicos, tais como drogas e aborto (Edson) e expuseram seus discursos de gênero e de nacionalidades (Moacir) abertamente, mesmo constituindo ideias sedimentadas e não muito aceitáveis, por não serem politicamente corretas.

No próximo item falamos das parcerias femininas.

3.2.2 Parcerias feminino/feminino

Examinamos a seguir as duplas do sexo/gênero feminino. A literatura afirma que as mulheres são, no geral, colaborativas (COATES, 2004) e usamos os nossos dados para obter pistas sobre como se dá tal colaboração. Primeiramente, analisamos o tópico colaboração nas duplas fem/fem; em seguida, aspectos da performatividade, isto é, o que as interagentes produzem, conforme se observa no excerto, o efeito discursivo, as pressuposições, os turnos, os posicionamentos do sujeito das interações. As identidades, nestas três próximas parcerias, são de jovens universitárias do sexo/gênero feminino, com identidades brasileiras e americanas sendo

que as brasileiras são paulistas e as estrangeiras com as seguintes identidades: nicaraguense, cubano-americana e chilena-escocesa.

Neste primeiro excerto das duplas feminino/feminino vamos observar Rafaela e Rosane falando do fim de semana.

Parceria 4

(CENA) Este excerto ocorreu na 2ª semana de *teletandem*. Rafaela e Rosane já se sentiam à vontade na interação virtual e não falaram sobre o tópico do dia, mas descreveram o fim de semana com detalhes, como o faziam usualmente.

Excerto 11 . Como estuvo o seu show? [Como foi seu show?]

Foi muito legal.

Rafaela (nicaraguense) e Rosane (brasileira)

1. E - Rafaela – Como você vai?
2. B - Rosane – **Bem e você?**
3. E - Rafaela – Bem bem...Como estuvo o seu show?
4. B - Rosane – **Foi muito legal.**
5. E - Rafaela – Si? ...Valeu a pena?
6. B - Rosane – **Bastante. Acabei voltando só sexta feira pra cá.**
7. E - Rafaela – A viagem muito longe?
8. B - Rosane – **Perto...Uma hora e pouquinho de ônibus.**
9. E - Rafaela – Muito bom! Solo foi você e sua amiga?
10. B - Rosane – **Fui com ela. Eu dormi na casa dela e encontrei algumas amigas dela. Ela mora lá. Os pais dela moram lá, mas ela estuda aqui. Depois a gente saiu e comemos um lanche. Era um lanche enorme.**
11. E - Rafaela – Rico? Bastante bom?
12. B - Rosane – **Bom!**
13. E - Rafaela – E o seu fim de semana como esteve?
14. B - Rosane – **Foi legal. Eu não estava lembrando.**
15. E - Rafaela – Você saiu de festa?
16. B - Rosane – **Só sexta.**
17. E - Rafaela – Sexta e sábado?
18. B - Rosane – **Sexta. Teve um show aqui de uma banda da faculdade e aí eu fui.**
19. E - Rafaela – Interessante!
20. B - Rosane – **Sábado tem uma festa.**
21. E - Rafaela – Este sábado?
22. B - Rosane – **Este sábado.**
23. E - Rafaela – Em uma casa?
24. B - Rosane – **Sim. Em uma casa. Não sei onde fica esta casa.**
25. E - Rafaela – Você vai com suas amigas?
26. B - Rosane – **Acho que sim.**
27. E - Rafaela – Mi fim de semana estuvo bastante bom.
28. B - Rosane – **O que você fez?**

29. E - Rafaela – Sai de festa na sexta. Muito alegre depois... o sábado fui a uma cidade com meu pai que fica a 3 horas de aqui.
30. B - Rosane – **O que tinha lá de bom nesta cidade?**
31. E - Rafaela – É uma ilha.
32. B - Rosane – **Uma ilha.**
33. E - Rafaela – Meu pai queria ir, somente por el dia.
34. B - Rosane – **Legal!**
35. E - Rafaela – Mais ou menos, estava muita cansada do dia anterior e depois no domingo fui de compras...
36. B - Rosane – **Fazer compras...**
37. E - Rafaela – Fiz compras. Isso estive melhor. Mas fue...
38. B - Rosane – **Foi...**
39. E - Rafaela – Foi um fim de semana cansado e eu tinha que estudar mas não estudei nada.
40. B - Rosane – **Cansativo!**
41. E - Rafaela – Foi bastante bom. Meu irmão também estava aqui.
42. B - Rosane – **Matou a saudade?**
43. E - Rafaela – O que é isso?
44. B - Rosane – **Quando você sente falta de alguém e você vê a pessoa de novo você mata a saudade. Vou escrever para você. [digita no chat]**

A parceria Rafaela e Rosane foi colaborativa no sentido já especificado anteriormente nas parcerias masc/masc. No entanto, foi assimétrica quanto às competências linguísticas das interagentes: a parceira nicaraguense tinha competência intermediária em português e a brasileira, competência básica em inglês. As interagentes colaboraram, ajudando-se mutuamente com vocabulário, correções e feedback (linhas 39 e 40), apesar de Rafaela iniciar a conversa mesmo sendo em português. Além da colaboração, as parceiras demonstraram interesse, envolvimento e motivação, pois se lembravam e perguntavam sobre assuntos que tinham conversado na interação anterior (linhas 3 e 4). Os relatos sobre os fins de semana e planos para o próximo eram longos e detalhados.

Rafaela, muito extrovertida, abria espaço para a parceira falar e se mostrava colaborativa, pois fazia muitas perguntas e mostrava poder na condução do diálogo (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003) não deixando a parceira fazer perguntas. Mas na verdade a parceira de Rafaela, posteriormente, teve a chance de fazer suas perguntas. Vygotsky (1989) aponta a importância da colaboração na interação social para a aprendizagem, pois esta produz uma variedade e riqueza de novos processos psicológicos que um indivíduo sozinho não consegue alcançar. Cada indivíduo traz para a aprendizagem suas histórias pessoais, valores, crenças e discursos. Esta parceria, apesar de Rafaela dominar os turnos nas primeiras sessões, foi

uma parceria colaborativa pois a partir da terceira sessão Rosane ficou mais à vontade e passou a fazer muitas perguntas também.

O efeito discursivo é o controle da interação realizado por meio das perguntas repetidas de Rafaela (talvez seja mais fácil fazer perguntas do que iniciar uma narrativa sobre si mesmo na língua-alvo). Esta interação foi uma das primeiras e talvez houvesse um pouco de nervosismo com respeito ao silêncio ou não saber o que falar. Sem dúvida Rafaela é mais extrovertida do que Rosane, mas com a convivência este aspecto se tornou menos evidente. Rosane respondia com respostas curtas e telegráficas, apesar de estar falando o seu próprio idioma (linhas 4, 13, 8 e 14). Com estas perguntas, Rafaela comandava e conduzia a interação (linhas 3, 7, 9, 13, 15 e 25). No entanto, as duas tiveram a oportunidade de descrever o seu fim de semana. Rafaela pedia informações, descrições e detalhes do fim de semana de Rosane. Poderíamos especular que Rosane é mais introvertida do que Rafaela e não se sente bem iniciando a conversa e descrevendo detalhes. Ademais, tem-se a impressão de que as duas cumprem uma obrigação, sem ter muito interesse na sessão ou na outra, dado que esta foi uma interação inicial da parceria, na qual não se conheciam muito bem.

O controle de Rafaela sobre a conversa, com perguntas e respostas curtas, continua na segunda parte do excerto. Na segunda parte Rosane fala e pergunta mais (linhas 28 e 30), conduzindo um pouco mais a interação, demonstrando poder (atores sociais/relações de poder, FAIRCLOUGH, 2003). Nesta parceria, através do excerto observa-se que a colaboração para a aprendizagem desta dupla de gênero feminino foi recorrente, evidenciando algumas das características das parceiras (TELLES, 2014), tais como: correção gramatical e de vocabulário, educação, simpatia e interesse em ensinar e aprender. Rosane repete o uso gramatical apropriado (linha 32) e explica a expressão “matar a saudade” (linha 44). Outro fator que reforça a colaboração e, conseqüentemente, a satisfação a respeito da parceria foi a opinião das interagentes sobre ter uma parceira do gênero feminino. Vejamos como a opinião foi manifestada:

Rafaela gostou de conversar com uma aluna do gênero feminino: *I think it was easier because she was a girl.* [Penso que foi mais fácil porque ela era uma menina.] (Questionário 8).

Rosane mencionou que foi importante no começo da parceria, quando falaram de relacionamentos, mas depois o gênero do parceiro não importou mais: *Acho que no começo foi*

importante para tratar de assuntos “amorosos”, mas depois de um tempo foi indiferente. (Questionário 9).

Na explicação acima, de Rafaela, “Penso que foi mais fácil, pois ela era uma menina” percebe-se a ideia sedimentada (BUTLER, 1999) de Rafaela em considerar o sexo/gênero feminino como essencial, atribuindo a ele a facilidade no relacionamento, pois meninas se dão bem naturalmente. Por outro lado, a afirmação de Rosane de que foi bom falar com meninas “para tratar de assuntos amorosos... mas depois foi indiferente.”, novamente revela outra ideia sedimentada de que as meninas naturalmente falam do sexo/gênero masculino com outras meninas. Esta ideia também nos remete a uma *performance* repetida historicamente e ritualística do sexo/gênero feminino heterossexual: falar sobre rapazes.

No excerto anterior as parceiras compartilham as atividades do fim de semana, querendo saber o que a outra fez, descrevendo, explicando e, de certa maneira, comparando o que fizeram. Além de discursos interculturais entre dois países, os discursos e atividades individuais estão presentes na interação. A brasileira foi a um show com uma amiga, fez uma viagem de ônibus de uma hora, pois não tem carro, dormiu na casa da amiga e, depois, tomaram um lanche. A nicaraguense foi a uma festa, passou o dia com o pai e o irmão e foram fazer um passeio em uma ilha, pois a família não mora no local da universidade, e no domingo foi fazer compras.

(CENA) No próximo excerto temos um diálogo das mesmas interagentes falando de música brasileira. O tópico do dia era música.

Excerto 12. Então, você gosta de sertanejo universitário.

Rosane (brasileira) Rafaela (nicaraguense)

1. Rosane - **Você gosta de música brasileira?**
- 2 . Rafaela - Perdon?
3. Rosane - **Você gosta de música brasileira?**
4. Rafaela - Eu não he escutado muito, mas eu gosto.
5. Rosane - **Você gosta de quê?**
6. Rafaela- Eu tenho no meu ipod, música brasileira. Eu gosto de João Bosco.
7. Rosane - **João Bosco e Vinicius.**
8. Rafaela- Esse. É muito bonito. Uma canção que se chama “ Chora me liga”.
9. Rosane- **Ah eu conheço.**
10. Rafaela- Eu gosto deste canção muito.

- 11.Rosane- Então você gosta de sertanejo universitário que a gente chama aqui este estilo de música.
- 12.Rafaela- Como se chama?
- 13.Rosane- Sertanejo universitário.
- 14.Rafaela- Oh, é muito bonita. Você gosta de música brasileira?
- 15.Rosane- Eu gosto de MPB , rock, rock mais calmo.
- 16-Rafaela- E música em inglês?
- 17.Rosane- Eu gosto também mas não ouço muito. Eu gosto de um cantor que já morreu mas que canta músicas em inglês e espanhol também. Ele era muito bom.
- 18.Rafaela- Agora, na Miss Universo, cantou uma que se chama Claudia eu não lembro... Claudia... ela canta em inglês e português.
- 19.Rosane- Ela é brasileira?
- 20.Rafaela- Sim...Canta como rock.
- 21.Rosane- Ah Claudinha Leite.
- 22.Rafaela - Leite?
- 23.Rosane- Leite . Ela é loira?
- 24.Rafaela- Sim.
- 25.Rosane- Ela canta axé...Ela canta muito no carnaval da Bahia.
- 26.Rafaela- Sim?
- 27.Rosane- Se for a mesma ela canta axé.
- 28.Rafaela- Xe?
- 29.Rosane- Axé.
- 30.Rafaela- E um estilo de música?
- 31.Rosane- E um estilo de música.
- 32.Rafaela- Axé. Axé.

Apesar de Rafaela iniciar a conversa e fazer perguntas repetidas, neste excerto nota-se uma mudança dos posicionamentos de sujeito, na comparação com o excerto anterior. No anterior, na troca de informações pessoais sobre o fim de semana, Rosane respondia com frases curtas às perguntas de Rafaela. Rosane, neste excerto, está com o saber (a interação se dá em sua língua e o assunto trata do Brasil e da música brasileira) e, por isso, ganha poder (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003) na interação, pois conhece a cantora, explica os estilos musicais: o “sertanejo universitário” e o “axé”, mostrando-se conhecedora e entendida (playing the expert, COATES, 2004) sobre música brasileira (linhas 7, 11 e 21). O efeito discursivo produzido é o conhecimento de Rosane sobre estilos de música brasileira atual. Novamente neste terceiro espaço intercultural ambivalente (BHABHA 1994), com discursos e representações convergentes ou não, esta parceria se apresenta com diferentes posições de sujeito, locutor e interlocutor, constituindo novas relações de poder e produzindo novos significados.

Os próximos excertos correspondem à parceria entre Isa (cubano-americana) e Elis (brasileira). Isa e Elis formaram uma parceria com bom entrosamento, pois além de colaborarem no que diz respeito aos assuntos linguísticos, ajudavam-se frequentemente, comunicavam-se pelo *Facebook* e, depois de terminado o semestre, continuaram as sessões, apesar de suas proficiências diferentes. Isa estava em nível intermediário e Elis ainda não tinha uma proficiência intermediária.

Parceria 5

(CENA) Neste excerto, na 2ª sessão de *teletandem*, Isa soluciona um problema de vocabulário para Elis com colaboração e solidariedade. Estas parceiras se deram bem desde o primeiro dia de interações. E o excerto é sobre vocabulário e não segue o tópico do dia.

Excerto 13 - Trust me I know your pain! [Acredite...eu sei o que você está sentindo]

Elis (brasileira) Isa (cubana-americana)

1. Elis – Estas 3 palavras...
2. Isa – “Hope”, “wait” and “expect”...
3. Elis – Para mim é a mesma coisa, as três. Quando eu tenho que escrever e escolho uma, eu escolho errado. Ela (a professora) tira sarro de mim.
4. Isa – Quando você vai falar “hope” como esperança, mais ou menos...
5. Elis – Eu espero que dê certo.
6. Isa – I hope I am right.
7. Elis – E “wait”?
8. Isa – Wait? I’ll wait for you.
9. Elis – Você vai ficar me esperando em algum lugar. E “expect”?
10. Isa – I expect a good grade. Eu espero uma boa nota.
11. Elis – Ah! De expectativa. Não vou errar mais!
12. Isa – A mesma coisa que eu estava falando a você, hope, expect e wait, mais ou menos as três coisas se você translada a português é a mesma coisa para você. Trust me I know your pain. If you have problems with these words write to me on Facebook and I will help you.

Neste excerto o efeito discursivo é a solidariedade de Isa para a sua parceira “I know your pain” [eu entendo o que você está sentindo]. Discutem o significado e uso dos verbos *hope*, *wait* e *expect*, um tanto problemático para os falantes de português. Isa se posiciona como uma parceira que motiva, pois é colaborativa e compartilha com a parceira as dificuldades que se tem para aprender uma língua estrangeira (linha 12) e faz isso de forma solidária (linha 12). Isa

também domina essa interação (relações de poder/atores sociais FAIRCLOUGH, 2003), pois seus turnos são longos e se mostra detentora do poder ao explicar o vocabulário para sua parceira. É interessante notar como a explicação da interagente através de exemplos foi de certa forma simples, não que tenha solucionado todas as dúvidas. Nesta parceria, foi recorrente a solução de problemas de vocabulário e gramática, tanto em inglês como em português.

Em termos da performatividade os significados produzidos no excerto acima foram de “aquele que ajuda” (o locutor) e de “aquele que recebe a ajuda” (interlocutor). Esta dinâmica poderia produzir uma relação assimétrica de poder considerando que aquele que ajuda detém o poder, mas como vamos observar no próximo excerto o poder transita e vai ser a outra parceira que vai se empoderar, pois detém o conhecimento sobre música brasileira.

A colaboração e a satisfação das interagentes a respeito da parceria ficam evidentes também nos relatos do questionário:

Isa: I do not think the gender of my partner dramatically affected our friendship but I am glad that she is a girl because we are both more comfortable. [Não acho que o gênero da minha parceira tenha afetado muito a nossa amizade, mas estou feliz que ela seja uma menina porque assim ficamos mais confortáveis} (Questionário 10)

Elis: Acho que foi importante estudar com outra menina. Até porque acredito que meninas se entendem melhor... E têm mais paciência. Nada contra interações com meninos, mas, das experiências que tive, as com meninas foram mais tranquilas e produtivas. Talvez o fato de nós termos nos dado muito bem também tenha colaborado para que a parceria fosse de sucesso. Isa foi a melhor parceira que já tive no teletandem. (Questionário 11)

As interagentes nesta parceria alegam que preferem fazer parceria com pessoas do mesmo gênero, pois “as meninas se entendem melhor”, “têm mais paciência”, “as parcerias são mais produtivas” e “ficam mais confortáveis”. Estas afirmações parecem óbvias, naturais, sedimentadas e naturalizadas e atribuem ao sexo/gênero feminino características essenciais como se todos os membros do sexo feminino fossem intrinsecamente portadoras destas qualidades (BUTLER, 1999). A explicação sobre o sucesso da parceria é atribuída ao gênero e não a características individuais de personalidade.

(CENA) O próximo excerto trata de uma canção brasileira. Neste dia o tópico era música e os telecolaboradores da universidade americana e brasileira tinham que ter escutado a música

em casa, como tarefa, e depois, durante a interação, discutir o vocabulário com o parceiro. Isa e Elis estão em uma conversa descontraída.

Excerto 14 – Eu num tô legal.

Isa (cubana-americana) e Elis (brasileira)

1. Isa – Hoje temos que falar de Eduardo e Monica. Não sei quem são. Vou pesquisar no youtube. (risadas)
2. Elis – **Pega a letra da música É uma música (risadas).**
3. Isa – Você sabe quem são?
4. Elis – **Sei. É enorme a música, é muito grande.**
5. Isa – um momentinho.
6. Elis - **Neste site tem a letra (enviando por skype). Ah errei, pera ai, faltou uma barra. A letra escrito, sabe?.**
7. Isa- Que tipo de música, es ? (recebeu no chat) Legião Urbana...
8. Elis – **Essa banda é tipo pop rock. Eu não gosto muito, mas eu acho que a professora quer que fale sobre o conteúdo da música. (risadas) Eu recebi um email falando.**
9. Isa – Acho que eu também mas não li nada. (risadas)
10. Elis – **Você viu que era do TT mas nem abriu. Que beleza, hein, dona Isa! (risadas)**
11. Isa – Eu não gosto muito. Estou vendo agora mesmo!
12. Elis – **Tem umas músicas que contam tipo uma história, acho que é o caso desta, tipo a história de amor do Eduardo e Monica.**
13. Isa – Vou ler a letra. Um minutinho. Oh God! um pouquinho dramático, hein? . (risadas)
14. Elis – **Se você quiser uma ajuda você fala.**
15. Isa - Que significa “Eu num tô legal. Não aguento mais biritá”. (risadas)
16. Elis – **Eu não estou bem.**
17. Isa – Eu sei...esta parte, a segunda parte “Não aguento mais biritá”.
18. Elis – **Nem eu sei o que significa. (risadas) Vou perguntar, pera ai....É uma bebida.**

Neste excerto as interagentes estão escutando e analisando uma canção brasileira que deveriam ter escutado em casa. O efeito discursivo neste excerto é a descontração das interagentes. As parceiras não estavam entusiasmadas com essa tarefa, não a prepararam com antecedência e a parceira brasileira comentou que não gostava da música “Eduardo e Monica”, que era muito longa. Os posicionamentos de Isa e Elis são diferentes neste excerto. No excerto anterior, o tom da conversa era sério e mais formal (estilo, KRAMSCH, 1998); Isa ensinava vocabulário a Elis e tinha poder (atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003), pois tinha o saber. Neste excerto, mais adiante no semestre, as interagentes estão descontraídas, pois já se conhecem melhor, o estilo da conversa é mais informal, dão muitas risadas; aparentemente não fizeram a tarefa designada e não estão preocupadas. Neste excerto Elis tem o poder, já que agora tem o saber: explica o vocabulário da música para a interagente com exceção da palavra “biritá”, um

termo genérico para bebidas alcóolicas (que Elis parece desconhecer, por se tratar de vocabulário de 30 ou mais anos atrás), o que provoca mais risadas ainda. Depois, quando começam a escutar e compreender a música se posicionam com mais entusiasmo com relação a ela. Este excerto mostra bem como esta parceria foi colaborativa e as participantes ficaram satisfeitas com suas respectivas parceiras. Também dedicaram tempo para correções gramaticais e lexicais, e ofereceram ajuda com respeito a vocabulário apropriado. Caberia dizer que houve relações de poder equilibradas. Se na meia hora de aprender inglês Isa dominava, na hora de aprender português Elis dominava, por ser o par competente e também por saber as informações culturais de seu país. Assim como a primeira dupla, esta parceria também conversou sobre fins de semana e o cotidiano, com detalhes. As diferentes posições de locutor e interlocutor e as diferentes relações de poder produzidas nesta parceria resultaram em diferentes efeitos discursivos: na primeira Isa ensinando vocabulário à parceira de uma maneira solidária e na segunda Elis ensinando Isa sobre aspectos culturais do Brasil: a música Eduardo e Mônica, de uma maneira descontraída.

A terceira parceria a ser analisada é a de Priscila (chileno-escocesa) e Janete (brasileira). Apesar de Priscila falar português, mas usar muitas palavras em espanhol, sua parceria com Janete também se caracterizou pela assimetria de competências, visto que Priscila, sendo de origem escocesa e chilena, falava inglês e espanhol muito bem e Janete tinha fluência básica em inglês. Dispunha de vocabulário, mas não era tão rápida na produção. Aprenderam muito uma com a outra, principalmente vocabulário sobre rapazes e namoros (linhas 47 e 54 no excerto abaixo). Ao produzirem suas narrativas pessoais, falaram de relacionamentos com namorados.

Janete e Priscila demonstram colaboração, pois ajudam-se no processo de ensinar e aprender, corrigem gramática e vocabulário e oferecem ajuda com respeito ao vocabulário, quando compartilham relatos pessoais de relacionamentos e traições. Colocam-se na mesma situação: são jovens que passam por problemas de relacionamento, Janete, como brasileira, e Priscila, como chileno-escocesa que mora nos Estados Unidos. Com o objetivo de indicar a complexidade e de certa forma a incoerência dos parceiros, os títulos dos excertos 15 e 16 não foram tirados dos excertos, mas foram as opiniões das duas parceiras no questionário.

Parceria 6

(CENA) Neste excerto na 2ª sessão de *teletandem*, Janete e Priscila conversam sobre relacionamentos e namorados. O título do excerto foi escolhido para indicar a complexidade e os paradoxos das interações humanas. Aparentemente no diálogo não há estranhamentos, mas no questionário esta foi a resposta de Janete com relação a sua parceira.

Excerto 15. “Eu prefiro parceiros pois mulheres são muito competitivas.”Janete

1. Janete – **Se eu já tive um namorado?**
2. Priscila – Ah, se você já teve um namorado? Sim ou não?
3. Janete – **Sim, já.**
4. Priscila – Sim?
5. Janete – **Sim.**
6. Priscila – Quando? [...] Então, você teve... Ok, quando?
7. Janete – **Quando? Antes de eu vim pra faculdade, quando eu fiquei estudando, fazendo vestibular no ((incompreensível)).**
8. Priscila – Na escola?
9. Janete – **Na escola.**
10. Priscila – Ah, por quanto tempo você saliste con ele?
11. Janete – **(++) Quatro anos.**
12. Priscila – Quatro anos?! O, o my God! E por que terminaron?
13. Janete – **Porque ele não queria que eu viesse pra outra cidade fazer faculdade.**
14. Priscila – Porque você iba ir à universidade?
15. Janete – **quando eu vim fazer a faculdade, eu tive que trocar de cidade.**
16. Priscila – Ah, e ele ficou na cidade de tua escola?
17. Janete – **Sim. E eu me mudei pra cá.**
18. Priscila – Tu família também tá morando aí nessa cidade?
19. Janete – **Não, eu vim sozinha.**
20. Priscila – Ah, então você nunca... você não pode ver a tu ex namorado? Nunca?
21. Janete – **Só uma vez por mês, quando eu volto pra minha cidade.**
22. Priscila – Ah, você fala com ele, ou não?
23. Janete – **Não.**
24. Priscila – Ah, por que NÃO? Vocês terminaram mal ou terminaram amigos?
25. Janete – **Terminamos amigos. Mas ele foi trabalhar ((incompreensível)). Não sei se (...) vou estar com ele de novo. ((incompreensível)). E agora somos ((incompreensível)).**
26. Priscila – Então, a ver... Então vocês ficaram bem, amigos, mas por que você não fala com ele?
27. Janete – **A gente conversava por MSN...**
28. Priscila – Ah, vocês falavam por MSN?
29. Janete – **Sim, só que depois ele fez uma coisa que eu não gostei.**
30. Priscila – Que falou?
31. Janete – **Me deu um bolo, sabe o que que é um bolo?**
32. Priscila – NÃO.
33. Janete – **Um bolo é uma expressão aqui no Brasil quando uma pessoa marca um encontro com você e não aparece.**
34. Priscila – Ah ver, escreve “bobo”?

35. Janete – Bolo.
 36. Priscila – Bolo. Bolo. E que é bolo? É quando ele (++)... Quê?
 37. Janete – Bolo é quando uma pessoa marca um compromisso... e não aparece.

O efeito discursivo no excerto 15 é uma certa invasão de privacidade com as perguntas insistentes de Priscila sobre um assunto mais íntimo, o antigo namorado da interagente e a infeliz história com ele. Neste excerto e no próximo há um compartilhamento das interagentes sobre namorados e relacionamentos mal sucedidos. Priscila domina a conversa, pois é extrovertida e fala muito. O excerto mostra que ela faz perguntas constantes (linhas 2, 4, 6, 8, 10 e 12), como se fosse um interrogatório, e Janete dá respostas telegráficas, como se as respostas lhe fossem tiradas à força, ainda que esteja falando português, sua língua nativa. No excerto que segue, Priscila fala por mais tempo com turnos mais longos (linhas 38, 40, 42, 44), sem a interrupção de Janete. Estes dois pontos indicam que a colaboração da parceria ficou limitada pelo domínio de Priscila. Nas parcerias femininas estudadas por Coates (2004), as participantes tinham como tópicos principais das interações, pessoas e relacionamentos. Nesta parceria as interagentes não falam sobre relacionamentos em geral; falam de relacionamentos fracassados e traição. Nos dois excertos domina o compartilhamento de histórias amorosas, que neste caso terminam em traição. Leone (2012) em um estudo sobre tópicos de conversação e competência linguística conclui que em seus dados os interagentes participavam mais e tinham um papel mais ativo na interação quando estavam familiarizados com o tópico ou quando eram “expert” em um tópico, não importando a língua que estava sendo falada. Nesta parceria de Priscila e Janete as duas falaram sobre este assunto com longos turnos e detalhes, pois este tópico era familiar a elas.

Se, de um lado, através do compartilhamento de experiências pessoais, as interagentes aprenderam a língua-alvo, de outro, o domínio, os longos turnos de Priscila (como no próximo excerto) e a sua falta de atenção ao interromper a conversa repetidamente e falar com colegas de classe, fato este observado no vídeo (TELLES, 2009), desmotivaram a interagente brasileira, como vemos a seguir.

(CENA) Novamente neste excerto a conversa é sobre relacionamentos, mas agora é a vez de Priscila contar a sua história com muitos detalhes. O título também é o comentário de Priscila no questionário e sua insatisfação de ter falado com uma jovem.

Excerto 16. It would have been good to talk to boys. They are more active.”Priscila” [Teria sido melhor falar com meninos. Eles são mais ativos]

38. Priscila – Eu terminei com mi namorado hace três anos. Fazi, fize três anos, três anos. Então é muito tempo. Agora eu não quero namorado, mas eu acho que eu vou querer em um tempo mais ter um outro namorado. Mas eu não tive com ele por quatro anos, eu somente fiquei com ele por três ou nove meses.

39. Janete – **Mas é bastante também.**

40. Priscila – Mais ou menos, si. Era difícil porque eu morava no Chile, então eu tenia que viajar muito, fazer coisas assim, mas, tá bom. É... esse, não... Então, agora, mas agora eu falo muito com ele. Ayer (++)... como se diz ayer, yesterday? Eu não pode lembrar isso.

41. Janete – **Ontem.**

42. Priscila – Ontem. Ontem. Eu não sei por que não pode lembrar isso. Ontem eu falei com ele por um hora en el Skype. Então, mi melhor amiga disse que tá muito mal, que eu não pode falar com ele, que é mal e não sei, então. É difícil, né?

43. Janete – **Mas é gostoso conversar.**

44. Priscila – Si, é, mas, também é difícil porque eu não moro no mesmo país que ele, então é uma coisa que eu não pode chamar a ele, ele tampouco me pode chamar. Nunca podemos fazer coisas juntos, então é difícil porque ele queria venir a Miami, é... mas eu não sei que eu vou fazer, porque ele vá venir por como três ou quatro semanas, eu acho que vai ficar comigo, mas eu não sou namorada de ele. Ele agora não tem namorada, então.

45. Janete – **Tudo pode acontecer.**

46. Priscila – Sim, pode ser. Mas eu terminei com ele porque, mal. Porque ele foi à Argentina e (++)... como se dice? Cheated?

47. Janete – **Cheated.**

48. Priscila – Sabe o que é cheated?

50. Janete – **Enganado?**

51. Priscila – Enganado com outra garota.

52. Janete – **Ele traiu?**

53. Priscila – Sim. Si. Escriva isso pra mim. Ah, ele me traiu?

54. Janete – **Ele te traiu.**

55. Priscila – Então, sim.

56. Janete – **Você foi traída?**

57. Priscila – Eu fiquei muito triste e muitas coisas passou, mas... eu... somos amigos, eu falo muito com ele, é, tá bom.

No excerto acima os turnos de Priscila são longos, pois conta a sua história com muitos detalhes. Nestas duas passagens, nota-se colaboração entre as duas, quando compartilham vivências, usando a língua para compartilhar experiências sem julgamento e sem medo de serem mal interpretadas e revelarem uma fragilidade pessoal, sem nenhuma preocupação com imagem ou reputação. Há colaboração, pois as parceiras se ajudam nos aspectos linguísticos (linha 52). Assim, Priscila, depois de escutar o relato de Janete, conta sua própria experiência, que também não teve final positivo. Priscila, no último excerto, mostra-se dominante (relações de poder/atores

sociais, FAIRCLOUGH, 2003), com turnos mais longos e sempre rápida com as perguntas; ela é muito falante e mal dá tempo para Janete responder.

Com respeito à performatividade, a dominância são os turnos longos de Priscila, o efeito discursivo é a traição (linha 46,47) que ela relata a Janete e a ajuda solidária de Janete com o vocabulário. As interagentes compartilham assuntos de relacionamentos e fazem uma *performance ritualística* do sexo/gênero feminino heterossexual com relação ao sexo/gênero masculino.

Faz parte da negociação social a manutenção da imagem e, para mantermos o princípio da cooperação em nosso grupo, a construção de uma imagem positiva, respeitada, nos faz mais desejados socialmente e serve para que a comunicação continue (KRAMSCH, 1998). No entanto, este intercâmbio entre Priscila e Janete mostra a despreocupação com a imagem, tendo em vista que relatam histórias de relacionamentos fracassados, um tipo de relato pessoal de relacionamentos/traição com tantos detalhes e finais fracassados que não foi encontrado nas falas das duplas masc/masc, masc/fem ou mesmo fem/fem. Uma das duplas masc/masc fala de traição, mas de um ponto de vista diferente. Moacir pergunta ao parceiro: “*Já pus corno a tu novia?*”, com uma expectativa positiva, esperando que o parceiro responda afirmativamente, pois este é o código de conduta masculina de Moacir (excerto 26, p.132). As duplas de sexo/gênero diferente não apresentam este tópico e as fem/fem comentam sobre namorados rapidamente, mas não de maneira tão reveladora e detalhada e muito menos mencionam aspectos tão emocionais e negativos como na parceria de Priscila e Janete. O vocabulário aprendido relativo ao tema estendeu-se de verbos como “*trair*” e “*cheat*” até a expressão idiomática “*dar um bolo*”. Outro ponto é que Janete, a interagente brasileira, não corrige Priscila, mas ajuda sua parceira com o vocabulário.

No excerto 16 Priscila e Janete compartilham relatos pessoais com muitos detalhes, como duas amigas íntimas costumam fazer. O relato de uma serve como ajuda emocional para o problema do final do relacionamento/traição da outra, além de, também, expressar solidariedade. Através da interação oral, tem-se a impressão de que as interagentes ficaram satisfeitas com a parceria. Paradoxalmente, no questionário, Priscila e Janete afirmaram que gostariam de ter feito parceria com o gênero oposto:

Priscila: *We talked about things that happened in our everyday life, what girls do, boys, friends, so we just had things to talk about. It would have been good to talk to a boy because it seems they*

are more active (sports) so that it would have been interesting. [Falamos sobre coisa que aconteciam no nosso cotidiano, o que as meninas e meninos fazem, amigos ...somente tinhamos estas coisas para falar. Teria sido bom se eu tivesse falado com um menino, , parece que eles são mais ativo,s dinâmicos (esportes), por isso teria sido mais interessante. (Questionário12)

Janete: Tínhamos bastante assunto comum e a idade ajudou. Eu prefiro parceiro, pois as mulheres são competitivas. (Questionário 13)

Janete apontou os pontos negativos da interação e da parceira com esta ideia sedimentada: *Veem a cultura americana com olhos de quem é de fora e sabem espanhol (BUTLER, 1999).* (Questionário 14)

Os dados indicam que Priscila considerou sua parceira muito calma e gostaria de ter alguém com mais energia, ou “mais ativa”, como ela mesma menciona. Janete prefere o gênero masculino, pois *mulheres são competitivas*. Nota-se o discurso de que as mulheres são competitivas, generalização sedimentada (BUTLER, 1999), que não auxilia a comunicação intercultural e sugere que os homens não sejam competitivos. Talvez Janete preferisse falar com um americano que não soubesse espanhol, pois assim teria oportunidade de entrar em contato com a cultura americana “pura” e os dois parceiros teriam as mesmas dificuldades. Outra ideia sedimentada implícita no relato do questionário é que o verdadeiro americano não fala espanhol, somente inglês. O conceito de transculturalidade de Welsch (1999) fala sobre o fato que as culturas são híbridas, heterogêneas e complexas. No século 21, com a globalização e a movimentação em massa de populações pelos continentes, o cubano-americano de Miami, o chicano da Califórnia e os descendentes de irlandeses em Boston e Nova York são todos americanos.

Outro fator importante a ser considerado é o fato de que os interagentes americanos, neste estudo, sabem espanhol e isto criou uma assimetria de poder, pois entendem português facilmente e, portanto, têm vantagem sobre os interagentes brasileiros.

Nas observações, acima, encontramos várias convicções e ideias sedimentadas sobre gênero e cultura, tais como: “*rapazes são mais ativos*”, “*mulheres são competitivas*”, “*parceira vê a cultura americana com olhos de quem está de fora*”, “*falam espanhol*”, além da ideia sedimentada do mito do falante nativo.

Na verdade, observando o vídeo, percebe-se que Priscila, da universidade americana, interrompia a conversa com a brasileira frequentemente para conversar com os colegas de classe

e Janete, a interagente brasileira, ficava olhando a tela e esperando a parceira voltar para reiniciar a conversa. Este aspecto da comunicação virtual com vídeo e a presença da tela indicam a importância semiótica do corpo, (CONNEL, 2009; TELLES, 2009), uma vez que pela linguagem corporal percebia-se a atitude de Priscila, que alternava conversas com a parceira e com seus colegas de classe, como se estivesse entendida com a parceira. Este comportamento de Priscila, além do domínio das falas e do fato de fazer muitas perguntas pessoais, e o fato de algumas vezes demonstrar um maior poder aquisitivo (como quando afirma que “quando as distâncias são muito grandes eu prefero voar”), provavelmente contribuíram para a parceria não ter sido tão satisfatória quanto se esperava. Poderíamos dizer que a parceria foi colaborativa no sentido de que as parceiras se ajudaram especificamente com a língua em seus aspectos gramaticais e lexicais, mas num sentido mais abrangente, não foi considerada satisfatória pelas parceiras, pois houve certa competição entre elas.

As duas primeiras parcerias fem/fem foram colaborativas e as parceiras declararam satisfação com a parceira e este fato foi expresso e corroborado pelas interagentes no questionário. No entanto, na terceira parceria, na interação de Priscila e Janete, houve certa colaboração observada pela pesquisadora, mas as interagentes gostariam de ter interagido com o sexo/gênero masculino, sugerindo que a parceria não tenha tido o resultado esperado. As competências linguísticas assimétricas das parceiras: Priscila, extrovertida e falante, e Janete, mais introvertida, o domínio de Priscila nas perguntas e falas, sua falta de atenção com a parceira brasileira, o “falar espanhol”, tudo isto contribuiu para que as duas interagentes não aproveitassem totalmente a parceria.

(CENA) Neste próximo excerto temos Priscila e Janete com posicionamentos diferentes de sujeito, ao falarem sobre o fim de semana, em uma conversa ocorrida mais tarde no semestre, na 7ª sessão de *teletandem*. As longas narrativas do fim de semana foram recorrentes nesta parceria.

Excerto 17 - Cheguei em casa às 7 horas da manhã com sol.

Priscila (estrangeira) e Janete (brasileira)

1. Priscila - O que vc fez?... na semana passada?
2. Janete - **Está certo, o que fez... Nossa. No sábado teve uma festa aqui da bateria. Eu fui com meus amigos, dancei muito . Cheguei em casa às 7 horas da manhã, com sol.** (Priscila expressa surpresa)
3. Priscila - Voce pode comer o desayuno. Como se diz desayuno?

4. Janete - **Cafê da manhã.**

Priscila - Você pode comer um pouquinho antes de dormir. Que legal. E no domingo você estava cansada, não?

Janete - **Não. E aí domingo eu fui para, como se diz, uma aula de teatro para aprender a fazer teatro.**

Priscila - Por que você quer fazer teatro agora? (entonação de surpresa demonstrando não entender a finalidade).

Janete - **Não, é que eu faço contação de estórias e queria aprender um pouco para colocar junto para ficar mais divertido**

Priscila - Você conta estórias a crianças ou a todo o mundo?

Janete - **A crianças. Crianças de 9 anos.**

Priscila - Tá bom. Que legal. Se você está fazendo teatro, vai ser mais divertido.

Neste excerto nota-se uma mudança dos posicionamentos de Priscila e Janete. Janete tem turnos mais longos, fala mais de si própria e exerce dominância nesta interação (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003), pois fala português e descreve um fim de semana incrível, principalmente quando diz que chegou a casa às sete da manhã, surpreendendo Priscila (linha 2). Priscila neste dia estava cansada e repetiu isso várias vezes, fazia perguntas e dava atenção à parceira. O efeito discursivo é a dominância de Janete nos turnos e também a surpresa de Priscila com respeito ao horário de chegada da parceira. E o fato de ter tido um fim de semana tão movimentado e ter chegado de manhã em casa a coloca em uma posição importante, independente e muito moderna. Priscila não tem as suas suposições confirmadas, pois se surpreende não apenas pelo fato de Janete chegar de manhã em casa, como também com o desejo de Janete de fazer teatro.

Podemos afirmar que as duas primeiras parcerias fem/fem foram colaborativas, quando as parceiras corrigiram gramática e vocabulário, e além de colaborativas, as interagentes ficaram satisfeitas com suas respectivas parceiras, mesmo tendo desafios de competências linguísticas assimétricas, fato este observado pela pesquisadora e corroborado pelas interagentes. No entanto, a terceira parceria, poderíamos dizer que foi colaborativa, pois ensinaram a língua uma à outra, mas foi afetada por outros fatores como a relação de poder pessoal que se estabeleceu entre as interagentes, o domínio da fala e das conversas pela interagente estrangeira, o fato de a interagente estrangeira ser bilíngue e falar espanhol e não dar atenção total à parceira brasileira, indicando certo desprestígio, além de convicções, crenças e ideias sedimentadas expressas por ambas as interagentes como, por exemplo, “*rapazes são mais ativos*” (Priscila) e “*meninas são mais competitivas*” (Janete), e convicções relacionadas com a ideia de transculturalidade e hibridismo interno das culturas (WELSCH, 1999; BHABHA, 2010) como, por exemplo, “*veem a*

cultura americana de fora”, como se a interagente estrangeira, por falar espanhol, não fosse a verdadeira representante de “*ser americana*” (Janete).

Uma característica encontrada nestas três parcerias de gênero feminino são os relatos longos e muito detalhados dos fins de semana e dos relacionamentos. Por um lado, poderíamos dizer que é uma característica, então, de interação das duplas do sexo/gênero feminino analisadas neste estudo. Por outro lado, também poderíamos caracterizar este traço como uma estratégia do discurso das interações virtuais entre parcerias do sexo/gênero feminino. Quando um parceiro tem cinquenta minutos para falar com o outro e não se conhecem bem, pelo menos nas primeiras sessões, a estratégia do detalhamento pode ajudar para não haver silêncios e mal estar. Mais pesquisa deveria ser feita a este respeito.

Concluindo, o gênero e principalmente os discursos de gênero são fatores importantes a serem levados em consideração, assim como outros fatores, tais como semelhança nas competências linguísticas, correção apropriada e não autoritária, atitude, atenção e satisfação com o parceiro (TELLES, 2014), enfoque na conversa e interesse para que se obtenha resultados positivos na colaboração, isto é, na correção e auxílio aos desafios linguísticos como gramática e vocabulário.

Fazemos em seguida uma análise de duas parcerias de sexo/gênero diferente. Na primeira parceria teremos um elemento do gênero masculino, cubano-americano, e uma brasileira, e na segunda teremos uma cubano-americana e um brasileiro.

3.2.3 Análise das duplas de sexo/gênero masculino/feminino

Nas parcerias de sexo/gênero masc/fem, iremos analisar a colaboração e também outros aspectos que marcaram duas parcerias, uma composta de brasileira e cubano-americano, e a outra de brasileiro e cubano-americana. Primeiramente analisamos a parceria de Lino (cubano-americano) e de Luzia (brasileira).

Parceria 7

(CENA) Neste excerto, na 2ª sessão de *teletandem*, os telecolaboradores ainda estão se conhecendo e descrevendo as suas universidades. O tópico “apresentações”, da primeira sessão,

se estendeu à segunda sessão. Luzia tem interesse sobre as fraternidades nas universidades americanas.

Excerto 18 – Mas aí acontece como nos filmes que você vê que tem fraternidades?

A parceria Lino (cubano-americano) e Luzia (brasileira)

1. **Lino:** A universidade aqui é muito bonita. Eu adoro a universidade.
2. **Luzia:** *Mas aí acontece tal como nos filmes que você vê, que tem fraternidades?*
3. **Lino:** Eu estou no processo de entrar em uma.
4. **Luzia:** *Olha! que legal, como é que é?*
5. **Lino:** É tipo... cada fraternidade é diferente, né? ...você tem que ...você vai no “rushing” para conhecer os irmãos, os Brothers, você conhece para ver se você gosta e aí eles te oferecem para entrar na fraternidade. É muito legal, e você conhece muitos amigos.
6. **Luzia:** *Que gostoso! Como se chama?*
7. **Lino:** Se chama Delta Lambda PHI.
8. **Luzia:** *São todas em latim?*
9. **Lino:** São gregos... Neste domingo eu vou ser oficialmente da universidade.
10. **Luzia:** *Olha que legal! Você vai ganhar um irmão!*

A parceria Lino e Luzia caracterizou-se por proficiências semelhantes. Ambos tinham um nível intermediário das línguas que queriam aprender. Faltaram pouco às sessões e expressavam sempre muito interesse e motivação nas interações. No excerto ora apresentado os turnos fluem e aparentemente não há dominância de um dos parceiros. O efeito discursivo é uma curiosidade de Luzia sobre as fraternidades e Lino lhe explica e a deixa muito animada (linhas 4, 6, 10). Luzia, de ascendência japonesa tinha muito interesse por aspectos culturais universitários americanos como as “fraternities” e “sororities” e as explicações de Lino sobre a universidade e as fraternidades revelam claramente sua colaboração. Aqui, Lino está sendo o “entendido” no assunto (COATES, 2004) e tem o poder, pois tem o conhecimento sobre fraternidades (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 1003). Luzia expressava, também, muito interesse pelos Estados Unidos, filmes, música e programas da TV americana. Lino, sendo cubano-americano, por sua vez, admirava bastante a música e as novelas brasileiras. Foi uma parceria colaborativa e os interagentes desta parceria expressaram satisfação com seus parceiros, conforme descrita nos questionários:

Luzia:

Meu parceiro sempre foi muito cooperativo. Alguma dúvida ou desconhecimento sobre qualquer coisa, ele fazia questão em me explicar e mostrar através de imagens e vídeos na internet. Em

nenhum momento senti um tom de competição vindo dele. Sempre foi muito amoroso e carismático. (Questionário 15)

Lino:

Eu descreveria meu parceiro como mais cooperativo. Não houve nenhum aspecto competitivo na relação com minha parceira. (Questionário 16)

(CENA) O próximo excerto entre Luzia e Lino ocorreu na primeira sessão de *teletandem*. Eles estão negociando o estilo que vai dominar em suas interações. Luzia propõe um estilo mais íntimo e de jovens, sem interferência do mediador.

Os atores sociais - relações de poder e obscenidades:

Excerto 19 - E palavrão, você sabe falar algum palavrão?

Lino (cubano-americano) e Luzia (brasileira)

1.Luzia.. Eles tão de olho toda hora. (falando que a professora caminha no laboratório)

2.Lino. Pois é.

3.Luzia.. É estranho. Acho...

4.Lino É a professora.

5.Luzia.: É...(++) parece que ela fica te escutando, sei lá.

6.Lino.: Sim...

7.Luzia.. E palavrão, você sabe falar algum palavrão?

8.Lino. Você QUÊ?

9.Luzia.: E você sabe falar algum palavrão em português?

10.Lino. Sei, mas agora eu não posso.

11.Luzia.. Ah, não pode... (++)Nossa! Ah, que merda, o povo fica passando aí ((incompreensível)).

12.Lino. Mas é, pra tipo, quando eu falo assim com as minhas amigas brasileiras...que a gente fica falando...

13.Luzia.. Você fala português?

14.Lino. ...com as minhas amigas, é.

15.Luzia.. Olha, que legal. Por isso você fala tão bem português.

Você fala bem, você conversa, treina.

As parcerias de sexo/gênero masc/fem, assim como as parcerias de sexo/gênero masc/masc e fem/fem fazem uma *performance* das ideias sedimentadas reiteradas, convencionais e históricas de como estas dinâmicas “devem” se comportar dentro de um padrão heteronormativo. Os parceiros podem aderir a essas sedimentações ou não.

Esta parceria com um interagente do sexo/gênero masculino (cubano-americano) e outro do feminino (brasileira) não incluiu em seu repertório conversas sobre relacionamentos heterossexuais, como fazem as parcerias de gêneros iguais. A parceria também se caracterizou pela tentativa de Luzia de se posicionar como um sujeito com mais intimidade forçando e

exercendo poder (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003) com respeito ao estilo da conversa, isto é, um estilo mais informal (KRAMSCH, 1998) e uma identidade de estudante, mais informal e com o uso de palavrões. Esses episódios aconteceram três vezes durante o semestre. Lino não aceitava tais posicionamentos e reposicionava Luzia colocando limites ao estilo linguístico (KRAMSCH, 1998) e a intimidade que ela queria impor. Ele também, por sua vez, impunha o seu estilo mais formal, pois como mencionou estavam sendo gravados e aquele não era o espaço adequado para palavrões.

No que tange a relações de poder, parece que Luzia assumiu que uma conversa virtual entre jovens poderia ser uma conversa mais íntima e rebelde, sem a presença de adultos ou professores. Essa atitude de Luzia teve um efeito discursivo de forçar um estilo que Lino não considerava adequado, porém esse episódio não provocou resultados negativos na parceria. A tentativa do locutor de reposicionar-se e reposicionar o interlocutor (exercer poder) faz parte das interações interpessoais (FAIRCLOUGH, 2003). Nesse caso, o interlocutor não aceitou o reposicionamento e o estilo mais íntimo de interagir e continuaram com o estilo informal, mas sem incluir intimidades, como o uso de palavrões; nesse sentido, o aspecto da colaboração ficou comprometido quando Lino se recusou a usar palavrões, mas Luzia entendeu e houve uma solução da diferença (FAIRCLOUGH, 2003), sem alterar a relação entre os parceiros.

No excerto em questão, diferentemente do anterior, com o desejo de dar as regras da interação, Luzia parece dominar e ter turnos mais longos e decididos (linhas 1,3,5,7,9), incluindo reclamações (linha 11). Lino, por sua vez, responde com frases curtas e quando ele impõe limites e não aceita as regras de Luzia, esta se torna menos direta, recua e elogia o parceiro para manter o princípio da cooperação das interações orais (linha 15). Coates (2004) relata estudos sobre “xingamentos e palavras tabus” (“swearing and taboo words”) e conclui que homens e mulheres usam palavrões, mas os homens usam com maior liberdade, muito embora em parcerias de gêneros masculino e feminino, haja uma diminuição drástica desse uso. Contraditoriamente, nos nossos dados de contexto virtual, a parceira do sexo/gênero feminino é quem força o parceiro do sexo/gênero masculino a usar palavrões em suas interações. Se considerarmos que, convencionalmente, em parcerias com membros do sexo/gênero masculino e feminino há uma diminuição do uso de palavrões, nesta parceria de Lino e Luzia, ela não adere a convenções e nem a ideias sedimentadas sobre o uso de palavrões, pois tenta forçar o parceiro a usar este estilo informal.

(CENA) O próximo excerto ocorreu na 7ª sessão de *teletandem* e o tópico sugerido era capoeira. Os telecolaboradores negociam a identidade brasileira e Lino assume que a capoeira é parte da identidade nacional brasileira e que é popular em todo o Brasil.

Capoeira – heterogeneidade interna das culturas - identidade nacional – paulistas e baianos/cariocas :

Excerto 20 – Lino e Luzia - Capoeira – Nossa! quem escolhe estes temas? (com desaprovação)

1.Luzia Oh, cause I have a friend and his brother actually teaches capoeira in the United States.

2.Lino Oh, really?

3.Luzia.. Yes. But I have never seen it live or anything. Just actually on TV and stuff. I don't think we have it here in my city, capoeira lessons.

4.Lino NO?

5.Luzia.. No, I don't think so. I've never seen it or heard of it, but...

6.Lino (++)But why...

7Luzia.. WHAT?

8.Lino. Why not?

9.Luzia. I have no idea. I know that in my town... the city that I lived, where my family lives, they have, because I have a friend that she used to take capoeira lessons when she was a child. But here I've never heard of it.

10.Lino. I see.

11.Luzia.. Would you like to try one day?

12.Lino. I don't think so, it looks really hard.

13.Luzia.. It does... ((incompreensível)).

14.Lino Is it really popular over there?

15.Luzia.. Actually, not that much. I mean, everybody knows it, but it is not a lot of people that actually play it. ((incompreensível)). You would play Capoeira?

16.Lino I think you'd do capoeira.

17.Luzia.. Oh, okay. So I don't think ((incompreensível))

18.Lino But is it something, like, everyone, I mean, like, that any kind of people do...?

19.Luzia.. Ah, no, not really. I think it is more famous in Bahia and cities like that. In São Paulo it is not that common, no, not really.

Ah, isso. Nossa. Quem que escolheu esses temas?

20.Lino. A professora.

21.Luzia.. Ah...(++) é um tema difícil, né? Capoeira...

22.Lino. Que que eu sei?

23.Luzia.. Eu tou falando que é um tema meio difícil, capoeira, pra conversar.

24.Lino. Ah, não, tipo capoeira, não...

25.Luzia.. É, não é muito interessante assim, né?

26Lino. Mas eu acho que é por isso, né? Pra saber, né, se brasileiro, como é, gosta...

27.Luzia.. É, acho que sim, como é. Pois é, eu não conheço gente que luta capoeira aqui.

Mas aqui nem na faculdade não tem nada disso.

28.Lino. Eu acho que é mais popular aqui, né?

No excerto acima, os turnos mais longos, diretos e dominantes são de Luzia, mas o tema foi introduzido por Lino. O efeito discursivo deste excerto é a insistência de Lino no que tange à capoeira (linhas 4, 6, 8). Lino supõe (pressuposição) que a capoeira tem o mesmo lugar central em todo o Brasil. A parceira irrita-se a certa altura, porque não sabe a razão para se discutir tal tema (19, 21 e 25). Luzia, a parceira brasileira, explica que a capoeira é mais comum na Bahia e Rio de Janeiro, sendo a Bahia o estado brasileiro com uma das maiores populações afro-descendentes do Brasil e também com status social e econômico de menor poder aquisitivo. Na verdade Luzia, do interior do estado de S. Paulo, o estado mais próspero da nação, não se identifica com a capoeira por razões já mencionadas. Luzia se nega a aceitar esta representação ou identidade brasileira contruída por Lino, pois não se inclui nesta representação. Neste excerto Luzia e Lino estão produzindo performances sobre identidade nacional brasileira e suas representações imaginadas e contestadas (LEVY, 2007). Em termos de performatividade, o lugar de sujeito do locutor e do interlocutor se produz com uma diferença de poder, pois Luzia impõe e dá a palavra final no que se refere à capoeira que de acordo com ela é periférica em São Paulo. Há uma contestação de Luzia com relação a uma ideia sedimentada (Butler, 1999) produzida por Lino sobre a importância da capoeira na identidade nacional brasileira.

Outro item a ser discutido sobre este excerto tem a ver com a questão dos diferentes mundos e da heterogeneidade interna das culturas (KRAMSCH, 1998), assim como de aspectos da transculturalidade (WELSCH, 1999) e hibridismo (BHABHA, 2010), no que diz respeito a conceitos de que as fronteiras das culturas não são mais perfeitamente delineadas, mas híbridas. Fazem parte dos nossos discursos não somente os aspectos nacionais como também aspectos regionais ou subculturas. As nossas histórias de vida são marcadas pelas nossas subculturas, do que é típico e central. O conceito de *transculturalidade* também se pauta na heterogeneidade interna das culturas. A capoeira é muito popular fora do Brasil, com 10 milhões de praticantes no mundo, como afirma Marina de Mello Souza em seu livro *África e Brasil africano*, de 2007. Esta arte marcial é considerada como a arte marcial brasileira por excelência, no entanto, dentro do Brasil ela é muito conhecida na Bahia, no Rio, e no nordeste em geral, sendo estes, espaços e portos de chegada dos africanos em séculos anteriores e também espaços onde há um maior contingente de população afro-brasileira. Sendo assim, embora a capoeira seja conhecida no Brasil, não faz parte da centralidade da região sul do país ou do interior de São Paulo, por exemplo.

Na última linha (linha 28), o interagente cubano-americano conclui que a capoeira, com vários grupos na cidade americana e também na universidade, é mais popular lá do que no interior de São Paulo. A aprendizagem cultural sobre o Brasil com sua diversidade e contrastes vai se estreitando e ficando mais complexa. Esse diálogo e essa aprendizagem intercultural entre os parceiros de *teletandem* enriquecem o processo de aprender, é algo colaborativo, pois, ao mesmo tempo em que Luzia percebe a construção de Lino sobre a equivocada relação entre capoeira e identidade nacional, por sua vez, Lino desconstrói e reconstrói esta mesma relação. Este excerto traz à tona os aspectos transculturais das sociedades pós-modernas, com sua heterogeneidade, suas imigrações e seus deslocamentos (WELSCH, 1999; BHABHA, 1994).

Com respeito à construção de identidades, em todo o processo da parceria, Lino constrói sua identidade como um rapaz cubano-americano, falante e conversador, mas sério e conservador no que concerne ao estilo linguístico (estilo, KRAMSCH, 1998) que usa nas interações. Já Luzia, que é brasileira com ascendência japonesa, também é extrovertida e quer construir uma interação com um estilo linguístico mais informal e íntimo. As identidades, como sabemos, não são fixas, são construídas no individual e no social. A construção de identidades também passa pela construção do “Outro” (WOODWARD, 1997). Lino assumiu e construiu uma ideia sobre a “identidade brasileira”, na qual a capoeira ocupa um lugar central, até porque a capoeira, fora do Brasil, representa a arte marcial brasileira por excelência. No entanto, após o contato com sua interagente do interior de São Paulo, teve que reconstruir sua representação dessa “identidade brasileira”, na qual a capoeira é periférica em algumas regiões do Brasil. Neste excerto, Lino compreende este aspecto da heterogeneidade interna das culturas. Luzia também aprendeu que as construções e representações que se fazem fora do Brasil são muitas vezes equivocadas e não levam em conta que as culturas são heterogêneas internamente. Aqui há um exemplo de culturas contestadas (LEVY, 2007), mas de resolução da diferença (FAIRCLOUGH, 2003), visto que Luzia repudia a representação nacional que Lino faz dela como brasileira, amante da capoeira. No entanto, resolvem o dilema e chegam à conclusão de que a capoeira é mais famosa nos Estados Unidos do que no interior de São Paulo.

Tanto para Lino, que aprendeu que a capoeira não é popular em todo o Brasil, como para Luzia, que aprendeu sobre fraternidades americanas e também que nem todos os jovens são informais como ela, o contato com a cultura do “Outro” se mostrou nesta parceria relevante para o ensino/aprendizagem dos telecolaboradores em *teletandem*. Estes pequenos estranhamentos não

produziram sequer efeitos negativos na colaboração da parceria, pois foram resolvidos e a parceria seguiu até o final do semestre. Nesta parceria, as posições de sujeito modificaram-se entre um excerto e o outro, alterando a dinâmica da parceria. No primeiro, Lino impôs seu desejo de ser mais conservador com respeito ao estilo; no segundo, no entanto, Luzia dominou dando a palavra final sobre a capoeira e a identidade nacional de uma brasileira paulista.

No próximo excerto temos a nossa segunda dupla de sexo/gênero masc/fem, Orlando e Leni. Neste primeiro excerto eles estão calmos, mas os antagonismos aparecem no excerto seguinte.

Parceria 8

(CENA) Este excerto ocorreu na 7ª sessão de *teletandem* e, depois de faltar a algumas sessões, Orlando faz perguntas sobre vocabulário e gramática para relatar o que fez durante sua ausência. Falam de comida e de trabalho, mas não seguem o tópico do dia. Os parceiros conversam e Orlando faz perguntas com respeito ao inglês e Leni o ajuda de uma maneira colaborativa.

Excerto 21-

Como digo four people, quatro pessoas?

Four people, You had it!

A parceria Leni (cubana-americana) e Orlando (brasileiro)

1. **Leni:** How was your break, vacation?
2. **Orlando:** It was nice. How do you use “eat” in the past?
3. **Leni:** “ate”.
4. **Orlando :** Write for me please! I ate a lot of food.
5. **Leni:** What kind of food?
6. **Orlando:** All kinds of food, diferent kinds of food everyday.
7. **Leni:** Like what?
8. **Orlando:** Arabic food.
9. **Leni:** A lot of spices. Do you like it a lot?
10. **Orlando:** More or less. So, so. How do I use swim in the past?
11. **Leni:** swam.
12. **Orlando:** I swam a lot too with my friends.
13. **Leni:** Where did you swim, in a pool, in the beach or at a lake?
14. **Orlando:** In a pool, piscina.
15. **Leni:** What else?
16. **Orlando:** Eu apresentei uma palestra. I do not know how to say that in English., course workshop?
17. **Leni:** About your work?
18. **Orlando:** About my work. It is about a tool that I developed to facilitate...(5 minute interruption in the communication)
19. **Leni:** What were we talking about? Ok, was it a one day presentation?
20. **Orlando:** One hour presentation.

21.**Leni:** Was it a presentation about your job? Were there more people presenting from their jobs?

22.**Orlando:** Yes, four people. Como digo quatro pessoas?

23.**Leni:** Four people. You had it!

Nesta parceria, houve semelhança das proficiências linguísticas, visto que ambos tinham um nível intermediário na língua-alvo. Os dois interagentes estavam sempre muito motivados para aprender, interagiam sobre assuntos variados, principalmente música e esportes. Não falavam de relacionamentos como acontece nas parcerias de sexo/gênero masc/masc e fem/fem. No excerto, acima, após duas semanas sem falar com a parceira, Orlando pede ajuda com os verbos e com o vocabulário. Os turnos são equilibrados, embora Leni tenha um certo controle e domine a interação, pois sabe as respostas. Aqui observamos um sujeito que pergunta e o outro que responde em uma troca sem muito entusiasmo como se fossem professor e aluno e não telecolaboradores. O efeito discursivo é então este pedido repetido de ajuda que Orlando faz para poder se comunicar.

A parceria foi colaborativa e houve satisfação dos parceiros como se pode observar nas respostas de ambos ao questionário.

Leni :

1. *Colaboração : My partner was cooperative but shy sometimes. [Meu parceiro era cooperative mas tímido às vezes]* (Questionário 17)
2. *Gênero do parceiro : His gender did not affect the interaction. [O gênero dele não afetou a parceria].*(Questionário 18)
3. *We usually disagreed with topics because of diferent personalities and age diferences. [Nós usualmente não concordávamos nos tópicos por diferenças de personalidade e idade]* (Questionário 19)
4. *My perspective of Brazil changed and I feel more comfortable with Brazilian culture. [Minha percepção do Brasil mudou e me sinto mais confortável com a cultura brasileira].*(Questionário 20)

Orlando:

1. *The interactions were very sastisfactory. [As interações foram muito sastisfatórias]* (Questionário 21)

A afirmação 4 de Leni acima é pertinente para nossa discussão. As interações virtuais por *teletandem* são um espaço para pares de alunos de línguas estrangeiras aprenderem a língua um do outro. Entretanto, essas interações virtuais são, também, um espaço no qual as ideias sedimentadas (BUTLER, 1999) sobre cultura, gênero e outros elementos se encontram, se

produzem e também são desconstruídas. Leni afirma que “adquiriu uma nova perspectiva sobre o Brasil e que se sente mais confortável com a cultura brasileira; mesmo que ela e seu parceiro discordassem em alguns pontos, dado que tinham idades e personalidades diferentes”. Leni não atribui tal fato ao gênero do parceiro, conceito este não pautado por sedimentações sobre discursos convencionais e essencialistas de gênero. Percebemos aqui a importância de se aprender cultura de uma maneira subjetiva com um parceiro e não através de um livro didático (O'DOWD, 2007).

(CENA) No próximo excerto, mais no começo do semestre, na 3ª sessão, com o tópico sugerido “música”, vemos novamente o tópico de identidade nacional e o pagode.

Pagode – Central ou periférico? Identidade nacional – Cultura popular ou intelectualizada?:

Excerto 22 - REVELAÇÃO? Nossa, não acredito nisso. Você gosta disso? I can't believe that. You like this? (rindo)

1.Leni. Do you like this group? Well..(writing)

2.Orlando. REVELAÇÃO? Nossa, não acredito nisso. I can't believe that. You like this? (incredulidade, surpresa, acompanhado de risada)

3.Leni. I love it! I love them. Their rhythm. Their rhythm is good, WHY?

4.Orlando. [risadas] For, eh...((++)) With all my respect, it is not ((incompreensível)) for me. But the fact is... .

5.Leni. This is one band that... I forgot their name. They sing like reggae.

6.Orlando. Like reggae?

7.Leni. I forgot their name.

8.Orlando. Tijuana? Tijuana?

9.Leni. No, eh, este. I think it starts with an R... rrrr... I am gonna forget. Wait. I am gonna google it.

10.Orlando. Never mind.

11.Leni. Hold on. I am gonna look for it. Gimme a sec...

12.Orlando. Okay, okay.

13.Leni. How about this one? (writing)

14.Orlando. Ah, yes, Skank. Skank.

15.Leni. Yes, sorry.

16.Orlando. It's a nice band. I like it...

17.Leni. But.. but...

18.Orlando. Great musics...

19.Leni. But, Grupo Revelação. Why? WHY you don't like it? This is it. This is it. Tell me...

20.Orlando. (+++)... Revelação is pagode.

21.Leni. Huh hum...

22.Orlando. I like samba. Pagode is a kind of samba, but samba is more classic, more pure.

23.Leni. So, the rhythm will be like a street-kind of samba, like... is not...

24.Orlando. No, it is not the festival, the rhythm, the music only. Because you associate the festival with the music, the style, but it is still different things.

25.Leni. Oh...

26.Orlando. Samba is one thing. The samba festival is another.

Leni e Orlando estavam sempre abertos para aprender coisas novas sobre o Brasil e os Estados Unidos. Não havia dominância nos turnos, mas Orlando era direto (linha 2) e sarcástico (linha 2, 4) quando ria e não gostava de algo; a parceira Leni se chocava (linha 4) e queria saber os porquês. Quando Orlando dá risada e se surpreende pelo fato de que Leni gosta do Grupo Revelação e de pagode, ele de certa forma ridiculariza, julga e afeta a imagem de Leni com relação ao seu gosto musical. Isto nos remete a imagem dos bens sociais e imagem (KRAMSCH, 1998), isto é, manter a imagem positiva dos participantes nas interações sociais. O efeito discursivo deste excerto é esta atitude de desaprovação de Orlando com respeito ao gosto musical de Leni. Leni pergunta várias vezes por que ele não gosta de pagode e ele responde que aprecia samba, que é um ritmo puro. Mais adiante, Orlando dirá que o pagode não é um estilo intelectualizado e que é muito comercial, romântico e repetitivo. Porém, a atitude de rir de uma maneira sarcástica afeta a interação, visto que a cooperação e a confiança do parceiro ficam abaladas. A interagente comentou esse fato com o professor no dia da interação. Contudo, quando respondeu ao questionário mencionou que o único problema que teve com o seu parceiro foi a diferença de idade, ele tinha 27 e ela, 22. Tudo indica que houve um estranhamento de Orlando ao se dar conta de que a cultura popular brasileira era conhecida nos Estados Unidos, principalmente porque ele não adere a esta cultura e não quer ser representado por ela, o que nos leva ao conceito de *culturas contestadas* (LEVY, 2003). Este comportamento de Orlando (de rir e não concordar com Leni) obviamente comprometeu a colaboração entre eles, mas resolveram esta diferença e seguiram até o final do semestre. Coates (2004) afirma que, em vários estudos de duplas de idades distintas e distintos contextos, os homens tendem a ignorar ou não concordar com o enunciado do outro. Nesta dupla, após alguns episódios de risadas e da reação da parceira, Orlando reposicionou-se e começou a explicar o seu comportamento, a fim de manter a interação e aprender a língua-alvo como vemos no próximo excerto.

Os episódios de risadas aconteceram várias vezes durante a parceria. Tudo indica, no entanto, que a parceira se acostumou com esse fato e que isso, aparentemente, não afetou a parceria, conforme a participante americana mencionou no questionário.

(CENA) Neste excerto o assunto é: “novelas brasileiras”, mas este não foi um tópico sugerido. Este excerto vai demonstrar uma mudança no tom desta dupla; Orlando coloca-se mais

acessível e menos sarcástico. Neste excerto Orlando deu uma explicação para seus posicionamentos e ambos os parceiros marcaram suas identidades de sexo/gênero; Orlando tentou ser menos direto, mais simpático, para que a interação social continuasse.

Novelas da TV – Discursos de gênero:

Excerto 23 - Novelas no UTube: Os parceiros **performatizam seus gêneros**

1.Leni. Eu assisto novelas no Youtube.

2.Orlando. Ah, é? Do Brasil? É, quais?

3.Leni. Sete Pecados, Camin...

4.Orlando. [risadas]

Leni. WHY are you laughing? Por que você...? Eu não sou engraçada. Why? Why are you laughing?

5.Orlando. [risadas] Não, eu fico feliz. Apesar de ser novela... Eu não gosto muito de novela...

6.Leni. Mas...

7.Orlando. Mas eu assisto, eu assisto. Essa por ex... (++) De vez em quando eu assisto com a minha mulher.

8.Leni. Ah, tá bom.

9.Orlando. Tá bom? Mas é legal saber que vocês gostam das coisas aqui do Brasil.

Leni. Eu sou uma menina. Novelas, novelas, partidos de futebol, Miss Universo...(++) Those are things I like.

10.Orlando. É, é. Girl things.

11.Leni. Caminos das Índias.

12.Orlando. Caminhos das Índias.

13.Leni. Eu assisti essa. Que mais?

Nessa passagem Orlando ri novamente, mas muda a sua posição de sujeito e explica que fica feliz, já que as pessoas de fora do Brasil assistem às novelas brasileiras. Leni, no entanto, mostra-se incomodada e continua indagando a razão das risadas. O efeito discursivo deste excerto é a mudança de Orlando, pois neste excerto está menos antagônico e menos direto, e diz que às vezes assiste a novelas com a esposa, concordando com Leni. Quando Leni justifica suas preferências pelo fato de ser “menina” (pois gosta de novelas, futebol e Miss Universo), afirma então, a sua identidade feminina de uma jovem mulher que se distingue de Orlando, um jovem do gênero masculino, responsabilizando, assim, os discursos sedimentados e fixos do gênero feminino (novelas e Miss Universo). Orlando, então, reafirma a identidade feminina de Leni e ao mesmo tempo a sua identidade masculina, dizendo que estas coisas são de meninas (linha 10), porém o futebol não é, tradicionalmente, uma atividade do gênero feminino. Na parceria como um todo, Leni quer criar um vínculo (ENRIQUEZ, 2001) com o parceiro, compartilhar tudo aquilo de que gosta e quer saber sobre o Brasil e a língua portuguesa. Orlando, quando diz: “Não

gosto de...” provoca uma quebra na comunicação. A maneira brusca e direta de discordar de Orlando remete-nos à ideia de colaboração e negociação da diferença (FAIRCLOUGH, 2003), isto é, ao fato de que usamos a língua para cooperar, compartilhar ou para nos distinguir do outro. Aqui Orlando parece usar a língua para se distinguir de Leni, pois ela gosta de música popular e ele de música mais pura, entre outras coisas, mas com esse modo direto de expressar suas ideias, Orlando parece que desconcerta Leni, a qual tem dificuldade de entender as risadas. De certa forma, Orlando, quando discorda da parceira, e o faz de uma maneira direta, com negativas e ironia, cria distância, significando e mostrando com a língua que ele é diferente dela, ou porque é do sexo/gênero masculino, ou porque mais intelectualizado, quando expressa que não gosta de pagode. Ao mesmo tempo, ele se coloca de uma maneira assimétrica a ela, criando poder e dominância (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003) sobre Leni, dado que quer afirmar a sua diferença, mesmo causando uma quebra na cooperação.

Com relação à questão do pagode, Leni também constrói e pressupõe uma “identidade brasileira”, na qual esse tipo de música é central (WELSCH, 1999), já que transmite um ritmo envolvente e popular. Ao descobrir que Orlando não gosta de pagode, tem que reconstruir a sua percepção sobre o pagode e a identidade brasileira, não porque seja uma questão regional ou geográfica, mas sim outra subcultura, intelectual, relacionada ao capital simbólico (BOURDIEU, 2005), a qual não valoriza aspectos populares da cultura de massa e supervaloriza o erudito, o puro e o intelectualizado.

Nestes três excertos de interações de Leni e Orlando, observamos que ele muda a sua posição de sujeito em cada interação. Na primeira ele se posiciona como um estudante que quer aprender e faz perguntas sobre a gramática e o vocabulário da língua-alvo, indicando que Leni tem o poder, pois é detentora do conhecimento da língua inglesa. Na segunda interação, com suas respostas negativas a respeito do pagode, depois que a parceira diz que adora este tipo de música, Orlando exerce poder (relações de poder/atores sociais, FAIRCLOUGH, 2003) na parceria, quando é direto e zomba da parceira com suas risadas, ameaçando romper com a colaboração. No último excerto Orlando muda novamente sua posição de sujeito, explica suas posições, não é mais tão direto e se comporta como um colaborador. No entanto, classifica as preferências de Leni como “girls things”, conferindo a ela a identidade do sexo/gênero feminino para também se diferenciar dela pois ele é do gênero masculino. Nesta parceria percebe-se uma progressão com respeito a Orlando, primeiramente trata a parceira como uma professora, em um segundo

momento é sarcástico e não se dá bem e finalmente se comporta como colaborador, principalmente porque quer continuar as interações.

Nos nossos dados, estas duas parcerias de sexo/gênero masc/fem, Lino e Luzia, Orlando e Leni, foram colaborativas, ajudaram-se mutuamente no que se refere a aspectos linguísticos como gramática e vocabulário e também houve satisfação com respeito aos parceiros, como revelaram no questionário. Coincidentemente, os parceiros tinham proficiências semelhantes na língua alvo, o que é ideal para que os interagentes possam interagir de uma forma mais natural e equitativa, se apropriando da língua e da cultura do “Outro”, negociando poder e representações sobre identidade nacional e discursos de gênero, testando, confirmando e desconfirmado pressuposições, com posicionamentos e reposicionamentos do locutor e do interlocutor, resolvendo diferenças e, finalmente, com uma avaliação positiva de todo o processo do semestre, por eles próprios.

As duas parcerias fem/fem e masc/masc que expressaram satisfação com relação ao parceiro não tiveram as características destas duas parcerias com relação às negociações de poder. As parcerias de mesmo sexo/gênero, além de não falarem sobre relacionamentos também não falaram de sexualidade, drogas ou aborto. (ver quadro 9).

O que se observou nestas duas parcerias foi uma certa tensão e negociação de poder. Na primeira delas Luzia queria ditar como a parceria deveria ser: aberta, com palavrões e privacidade, para que os parceiros pudessem conversar sobre qualquer assunto. Lino não aceitou, pois considerava que não era o espaço apropriado para isso. Na segunda parceria, Orlando discordava de Leni de uma maneira direta, dava risadas, como se estivesse se colocando em uma posição de maior poder, comprometendo a colaboração entre eles. Não observamos características de identidade nacional atrelada a identidade de gênero. Como os estranhamentos foram a respeito de aspectos culturais brasileiros como a capoeira, o pagode e as novelas brasileiras, não houve oportunidade de se observar nestas duas parcerias quando os/as brasileiros/as fazem representações equivocadas sobre a identidade americana ou latino-americana.

Essas negociações de poder (FAIRCLOUGH, 2003) das parcerias fazem parte da comunicação humana e têm implicações para a aprendizagem em geral e para a aprendizagem de línguas, tanto face a face quanto virtual. Partindo do pressuposto de que para Vygotsky (1987) a aprendizagem se dá na colaboração social com um expert ou um falante competente, como é o

nosso caso na aprendizagem de línguas em *(tele)tandem*, e de que também para Bahktin (1981) a aprendizagem é de natureza dialógica e se dá na interação social com o contexto e com o Outro, estas negociações de poder entre telecolaboradores com identidades nacionais e sexo/gêneros diferentes fazem parte do processo de ensinar e aprender em *teletandem*. Parcerias como essas duas, de Lino/Luzia e Orlando/Leni, que tiveram desafios com respeito às suas relações de poder, uma por querer impor como a interação deveria ser realizada, outra pelo também persistente desejo de poder, quando não concordava e desrespeitava a parceira no que dizia respeito a suas preferências musicais, precisam de maior atenção, preparação e orientação dos mediadores. Neste terceiro espaço (BHABHA, 1994) de comunicação e produção de significados, as variáveis são muitas: o lugar do sujeito, os discursos socioculturais, as relações de poder, as pressuposições dos participantes, a comunicação virtual e os deslocamentos imigratórios (tecnopaisagem e etnopaisagem, APPADURAI, 1996). Estas variáveis fazem com que o processo de ensinar/aprender em *teletandem* seja complexo, mas também enriquecedor.

3.3 Narrativas sobre relacionamentos e assuntos pessoais

Nesta seção analisamos três parcerias de sexo/gênero masculino, com relação a relacionamentos e assuntos pessoais, para estabelecer se nos nossos dados, assim como nos de Coates (2004), os homens falam mais de ação e de esportes.

Nas seções 1, 2, 3 e 4, acima, concentramo-nos no tópico colaboração, analisando as características gerais das parcerias, as parcerias masc/masc, fem/fem e masc/fem de acordo com:

- a) a proficiência linguística na língua-alvo,
- b) a performatividade,
- c) atos da fala,
- d) efeito discursivo,
- e) pressuposições e
- f) diferentes aspectos da análise do discurso, tais como: 1.estilo, 2.intertextualidade e negociação da diferença, 3.atores sociais e negociação de poder, 4. bens sociais e imagem, 5. diferentes mundos e a heterogeneidade interna das culturas e 6.ideologias e discursos.

Nesta seção fazemos a análise das narrativas sobre relacionamentos e assuntos pessoais em três parcerias masc/masc.

Coates (2004) afirma que “mulheres em parcerias fem/fem tipicamente escolhem tópicos sobre pessoas e relacionamentos e os homens em parcerias masc/masc escolhem frequentemente tópicos relacionados a assuntos atuais, viagens, esporte e ação”. O nosso propósito, aqui, é verificar se estes resultados, apontados na literatura, sobre parcerias masc/masc emergem e como emergem nos nossos dados, bem como se corroboram os resultados obtidos por Coates (2004). De forma geral, adiantamos que a presença de conversas sobre relacionamentos e assuntos pessoais nas parcerias masc/masc foi constatada no nosso corpus de interações on-line em teletandem.

Observamos a seguir como essas parcerias masculinas conversam sobre relacionamentos e assuntos pessoais:

3.3.1 Análise das duplas masculino/masculino

Parceria 1

(CENA) Este excerto não segue nenhum tópico sugerido. Ocorreu mais no final do semestre, na 7ª sessão, e demonstra que as parcerias falam de assuntos pessoais, ainda que sejam expressos indiretamente.

Excerto 24. A poção sedutora: “*Girls were drunk. They were gone. I know why you do it, man.*” [*As meninas ficaram bêbadas, Elas apagaram. Eu sei porque você faz isso*]
Pedro (brasileiro) e Bernardo (venezuelano)

(Pedro has taught Bernardo how to prepare a “brazilian drink”)

1. Bernardo - I did the one drink that you taught me.

2. Pedro - *What drink?*

3. Bernardo – Sangria, wine with strawberry and leche condensada. Girls were drunk, they were gone.

4. Pedro - *Girls like it? Very good!*

5. Bernardo- I did it in the blender, strawberry, condensed milk, I put everything in the blender. Do you drink it with ice or no ice?

6. Pedro - *Ice, yes.*

7. Bernardo -People loved it.

8. Pedro - *Women love it the drink.*

9. Bernardo - Because it is very sweet.

10. Pedro - *Sweet drink.*

11. Bernardo -And the ladies go crazy. I know why you do it, man.

12. Pedro – *I understand.*

Pedro e Bernardo têm proficiências linguísticas diferentes. Bernardo tem uma proficiência intermediária em português, ao passo que Pedro uma proficiência básica em inglês. Os turnos são relativamente equilibrados, mas Bernardo tem turnos mais longos, pois fala inglês, e Pedro, com proficiência básica, usa frases simples e mais curtas.

O efeito discursivo deste excerto é o compartilhamento de informações pessoais e de intimidades a respeito de sedução e da sexualidade, indiretamente, por meio de brincadeiras (linha 11), códigos de interpretação e significados subentendidos sobre conquistas amorosas e sedução (linha 12) a partir de um “drink brasileiro”. Com esta frase “And the ladies go crazy. I know why you do it, man.” (“E as mocinhas ficam doidas. Agora eu sei porque vocês fazem isso, cara.”) (linha 11), há a sugestão de Bernardo que Pedro faz e oferece a bebida doce para as meninas a fim de seduzi-las. Esta interpretação está sugerida quando Pedro diz “Women love it” (“As mulheres adoram”). De qualquer forma, Bernardo gostou da “performance de homem sedutor” de Pedro e entendeu a leitura do parceiro brasileiro quando ele diz “I understand”, de uma maneira ambígua. Como se pode observar, esta dupla masc/masc inclui em seu repertório narrativas pessoais, usando estratégias discursivas, e é um exemplo da performatividade de gênero masculino entre dois membros heterossexuais do sexo/gênero masculino com respeito à sedução. Primeiramente Bernardo ensina a Pedro como preparar o aperitivo. Depois de aprovado pelo parceiro, Pedro diz “As mulheres adoram!”, e Bernardo entende a função do aperitivo. O discurso indireto, quando falam de intimidades, caracteriza-se por meias palavras, deixando para o outro o efeito discursivo: decifrar os sentidos e tirar conclusões.

Tannen (1994) afirma que o discurso feminino é principalmente indireto (ex. Você não acha que comida hoje está sem gosto?) e o masculino direto (ex. A comida hoje está sem gosto). No excerto 24 encontramos os dois parceiros usando discurso indireto, o que nos indica que a afirmação de Tannen não se repete no nosso estudo. Esta oscilação entre discurso direto e indireto pode, também, estar relacionada aos diferentes contextos sociais e não somente ao gênero dos parceiros.

Neste excerto Pedro é indireto, tendo em vista que se trata de assunto pessoal - a sedução - e existe um alto custo e risco na colaboração virtual dos parceiros se Bernardo não aprovar a sua sugestão do “aperitivo brasileiro” para seduzir o sexo/gênero feminino. Na eventualidade de isso acontecer, Pedro seria considerado um manipulador e sua imagem alterada. O discurso indireto

tem uma função específica: a de não comprometer o locutor, protegendo a sua imagem (KRAMSCH, 1999) perante o interlocutor.

Parceria 2

(CENA) Este excerto na 6a sessão de *teletandem* não segue o tópico do dia. Guilherme conta ao parceiro um problema pessoal diretamente. Temos novamente telecolaboradores do sexo/gênero masculino compartilhando assuntos pessoais.

Excerto 25. I broke up with my old feelings. [Eu rompi com meus sentimentos antigos]
Geraldo (americano) e Guilherme (brasileiro)

Neste excerto os parceiros falam do término de um relacionamento:

- 1.Ge -What else is going on?
- 2.Gui - *I broke up with my old feelings.*
- 3.Ge - You did? Lamento!
- 4.Gui - *I broke up with my old feelings.(rolling a piece of paper around his finger in a nervous way)*
- 5.Ge- Sinto muito.
- 6.Gui - *Eu não!*
- 7.Ge- Você rompeu com sua noiva ou namorada?
- 8.Gui- *Noiva? Wow!*
- 9.Ge- Is that not correct?
- 10.Gui- *Namorada. Noiva is very serious.*
- 11.Ge - Em espanhol dizemos noiva, não é serio.
- 12.Gui- *Em português noiva é quase casamento.*

Neste excerto, assim como no excerto no qual Priscila e Janete compartilham histórias de traição, um parceiro conta para o outro que rompeu o relacionamento com sua namorada e expressa este fato com emoção (*I broke up with my old feelings*). A diferença é que este relato feito entre dois membros do sexo/gênero masculino é rápido e o das parceiras Priscila e Janete é longo. Percebemos aqui que tanto os parceiros do sexo/gênero masculino quanto do feminino conversam sobre assuntos pessoais e íntimos. Também discutem os sentidos diferentes de “namorada” e “noiva” nos dois idiomas. Esta parceria fala a respeito de relacionamento pessoal e do término de um relacionamento, revelando aspectos da vida pessoal e intimidades emocionais de uma maneira direta. A escolha da sentença “*I broke up with my old feelings*” é de certa maneira ambígua, pois em inglês, em geral, se diz “*I broke up with my girlfriend/boyfriend*”, determinando o gênero do objeto que sofreu a ação. O interagente brasileiro está aprendendo

inglês e pode ser um problema de competência linguística. O parceiro bilíngue que está aprendendo português assume e supõe (pressuposição) que o outro esteja falando de sua namorada - a heteronormatividade, isto é, a regra social, na qual a heterossexualidade é o padrão (RICH, 1980) e discutem, então, os significados discursivos em espanhol e português de “namorada” e “noiva” (que, ao contrário de português, significa “namorada”). O assunto é um relato sobre o relacionamento que terminou. Quando Geraldo diz “sinto muito” (I am sorry), expressão inglesa socialmente adequada para expressar solidariedade nestas situações, Guilherme faz uma brincadeira e diz “Eu não”, afirmando que está bem com o término do namoro ou dos sentimentos que tinha anteriormente, embora indicando sarcasmo. Novamente encontramos narrativas nos nossos dados com parcerias masc/masc que se referem a relacionamentos pessoais. O efeito discursivo deste excerto é a revelação de um problema pessoal de um lugar do sujeito (locutor) e do Outro, o interlocutor, de expressar-lhe solidariedade. Com seis turnos, o problema é explicado e os interagentes já mudam o foco da conversa e retornam para o processo regular de aprender e ensinar, quando falam do significado das palavras “namorada” e “noiva”.

Neste excerto também observamos que os parceiros estavam falando inglês e o interagente bilíngue passa para o espanhol e contrasta e aprende as diferenças discursivas e semânticas entre “novia” do espanhol e “noiva” do português, não mencionando a frase “I broke up with my girlfriend” em inglês para o interagente brasileiro. O espanhol nesta parceria e em outras parcerias deste grupo tem funções contraditórias: por um lado ajuda na compreensão e por outro acaba se inserindo na interação e tirando o foco de se aprender inglês e português.

Parceria 3

(CENA) Este excerto na 5^a sessão de *teletandem* não usa o tópico sugerido e os telecolaboradores falam de assuntos pessoais e conduta pessoal sobre sexualidade e discursos de gênero.

Excerto 26. Quase todo dia eu passo esta provação mas eu me aguento!

Edson (brasileiro) e Moacir (mexicano)

1.E -make me personal questions ...

2.M - Em português?

3.E - Pode ser.

4.M –tu já pus corno a tu noiva ... é muito difícil porque moram juntos.

5.E - Mas eu me aguento, é muito difícil, é muito difícil, todo dia eu passo esta provação, quase todo dia.

- 6.M - Há quanto moram juntos?
 7.E -Dois anos.
 8.M - Em meu (país de origem) isto é muito sério.
 9.E - Mas nós moramos como em uma república, com amigos.
 10.M - Quantos são?
 11.E -Só nós dois, parecido...
 12.M- Você gosta?
 13.E -Eu gosto. Eu já morei muito tempo sozinho. Hoje eu gosto, sabe, ja vivi 7 anos sozinho.
 14.M - Solo?
 15.E- Hoje em dia prefiro morar com alguém.
 16.M -Tu não te vas a casar?
 17.E- Não, porquê? (perguntando a si mesmo) Por que não tenho religião.
 18.M- Ela te exige ? Vamos a casar!
 19.E -Não, mais moderno. Se a gente não ficar juntos podemos nos separar.
 20.M- El problema é quando vienem los filhos.
 21.E - Não quero filhos.
 22.M - Há um dicho em mi país, sim globo no hay fiesta.

Este excerto indica que estes parceiros compartilham problemas de ordem pessoal e íntima. Sem medo de ser criticado, Edson indica não apenas que não gosta de morar sozinho (linha 13), expondo fragilidade, afetando sua imagem (KRAMSCH, 1998), como revela, também, sua luta diária para se manter em um relacionamento (linha 5).

Coates (2004, p.137) conclui que “as narrativas orais femininas se concentram em pessoas e relacionamentos e as masculinas em ação”. Nos nossos dados constatamos que nem todas as duplas masc/masc se concentram em ação como esportes, viagens, etc. e subvertem as regras de comportamento rígido e sedimentado de discursos de gênero, apresentando uma nova ordem de feminilidades e masculinidades. As duas parcerias Geraldo/Guilherme e Edson/Moacir conversam diretamente sobre problemas pessoais, compartilhando problemas e dificuldades de ordem mais íntima como sexualidade, sedução e fidelidade. Fazem uma performance portanto, de suas masculinidades de modo alternativo ao pré-estabelecido e sedimentado, não corroborando, portanto, com os resultados do estudo de Coates (2004).

Os parceiros Moacir e Edson tratam de assuntos pessoais, comparando as suas posições ideológicas sobre sexualidade e relacionamentos. As falas, perguntas, comentários e pressuposições de Moacir indicam discursos de gênero rígidos e sedimentados. Na pergunta “Já pus corno a su novia?”, além de aludir a um uso animalesco, a expressão “pus corno”, aponta para uma ação que deve ou que deveria já ter acontecido, uma característica típica da ideologia sedimentada de comportamento patriarcal e de superioridade do sexo masculino, orientado por regras unilaterais de comportamento que não podem considerar a fidelidade como parte de um

relacionamento com o outro gênero e minimiza e objetifica a parceira do sexo feminino, regulando também o comportamento de Edson, fazendo um patrulha de sua ideologia. Ao que parece Moacir está, nos termos de Butler (1999), fazendo uma “performance” da sua masculinidade e repetindo, historicamente, uma ideologia patriarcal hegemônica, como se estivesse dizendo: “Você já traiu a sua namorada? Você tem que trair! Nenhum homem deve ser fiel a uma mulher!”. Edson, no entanto, a princípio, deixa-se levar por Moacir, quase como se desculpando por ser fiel dizendo que é uma “provação diária”! Subsequentemente, Edson se contrapõe a esta ideologia, fazendo a “performance” de sua própria masculinidade, pois que abriga uma posição mais contemporânea, livre de sedimentação destes discursos patriarcais de gênero. Edson mora com uma jovem e não pensa em se casar, pois não acredita na instituição do casamento e não quer ter filhos. Aqui percebemos duas ideologias e discursos divergentes de sexo/gênero masculino, o que nos remete à acentuação da diferença (FAIRCLOUGH, 2003) e a culturas contestadas (LEVY, 2007), mas que não chegou a causar uma ruptura na parceria, já que seguiram juntos até o fim do semestre. No entanto, Edson registrou essa divergência de ideologia de gênero no questionário e adicionou que se dá melhor com as meninas.

Ao perguntar “tu já pus corno a tu noiva ... é muito difícil porque moram juntos.” (linha 4), Moacir acaba fazendo uma “performance” de sua identidade de sexo/gênero masculino, fundamentada em um discurso de ideologia de gênero patriarcal e sedimentado, a de que homem que não trai é menos homem (BUTLER, 1999), com repetições históricas (iterabilidade), a que Moacir continua aderindo e repetindo. A resposta de Edson parece indicar que foi coagido a responder como se aderisse à ideologia de Moacir, para manter a colaboração da parceria (linha 5) e, talvez, reproduzir a posição que Moacir espera de seu parceiro (princípio da cooperação de GRICE, 1975). Edson, por sua vez, apesar de ter nascido em um país latino-americano com tradição patriarcal, não adere a este discurso, pois mora com a namorada e não pensa em se casar. Segundo Butler (1999), o fato de o sujeito ser interpelado pelo discurso e de ter a possibilidade de se reposicionar como sujeito dá origem a transformações individuais e sociais. Neste sentido, fica claro que os discursos nos determinam, mas também determinamos os discursos.

Kramsch (2009), em seu livro *The Multilingual Subject*, discorre sobre “a violência simbólica e a tática da oposição,” relatando uma situação em sala de aula de ensino de inglês no Vietnã, na qual se discutia um texto que tratava de comidas saudáveis. O professor, então, não se identificando com aquele discurso, diz aos estudantes que no Vietnã as comidas são todas

saudáveis. Ao encontrar discursos divergentes e não tendo a habilidade de discenir o que é importante em uma cultura, muitas vezes nos sentimos violentados simbolicamente, pois o discurso do “Outro” nos impõe um conceito (nos interpela, nos termos de BUTLER, 1999) que, ou não entendemos ou ao qual não aderimos. Os nossos discursos que foram naturalizados fazem parte de nós (nos interpelam) e quando são questionados, empregamos a tática da oposição e não a da compreensão.

Moacir termina a conversa com um conselho para Edson “Sin globo no hay fiesta” expressão esta usada para as festas das crianças, “globo” significando balão, bexiga. No entanto, neste contexto “globo” significa “preservativo, camisinha”. Temos um exemplo de citacionalidade, um discurso repetido (em forma de provérbio) e sedimentado, que Moacir utiliza para legitimar a performatividade de seu gênero masculino. Com este “conselho” para Edson, parece que Moacir quer alertá-lo para o perigo de uma gravidez involuntária.

O efeito discursivo deste excerto é este conselho e chamado de Moacir a uma ideologia patriarcal a qual Edson não adere. A parceria Moacir e Edson inclui, em seu repertório, narrativas de ordem pessoal e íntima. O excerto acima mostra uma divergência de ideologia de gênero, que não chegou a afetar ou romper a parceria, e que deve ter ocorrido, me parece, com a finalidade de se manter a colaboração e, também, com o propósito de aprender a língua do Outro. No entanto, ao responderem o questionário, Moacir não toca neste assunto e só faz elogios ao parceiro (ver apêndice 4, questionário 6), como já vimos anteriormente. Por outro lado, Edson escreve um parágrafo sobre a parceria, definindo o parceiro como “machista” e que gostaria de fazer a parceria com uma estudante do gênero feminino (ver apêndice 4, questionário 5).

Concluindo esta seção, observamos que as duplas masculinas falam sobre assuntos pessoais, íntimos, sobre sentimentos e relacionamentos. Uma das duplas focou o relacionamento e sentimentos e as outras duas sexualidade, sedução e fidelidade. Os diálogos foram curtos, se comparados ao diálogo da dupla feminina Janete e Priscila sobre infidelidade (ver apêndice 3, excertos 16, 17 e 18) O diálogo destas parceiras femininas caracterizou-se por narrativas de relacionamentos mal sucedidos, com muitos detalhes. Em contrapartida, nessas duplas masculinas, falou-se rapidamente de um relacionamento terminado (mas sem detalhes, nem muita emoção) e de sexualidade (sedução e (in) fidelidade.) Nas parcerias masc/fem estes dois tópicos não estiveram presentes. As duplas masc/masc conversaram sobre tópicos pessoais e

relacionamentos, mas de uma maneira mais rápida. As duplas fem/fem não incluíram em seu repertório a sexualidade.

Em seguida analisamos as duplas femininas, com respeito a narrativas de ação e esportes.

3.4 Narrativas de ação (esportes)

3.4.1 Análise das duplas feminino/feminino

Continuando com os resultados do estudo de Coates (2004), que sugere que “as narrativas orais femininas se concentram em pessoas e relacionamentos e as masculinas em ação e esportes” (p. 137), indagamos agora, a partir dos dados do questionário, se nossos resultados estão de acordo com os resultados de Coates (2004), que fez pesquisa quantitativa e qualitativa com jovens e também com indivíduos de meia idade.

No quadro abaixo estão as respostas às seguintes perguntas do questionário:

1. Se seu parceiro era do gênero masculino, quais tópicos você não discutiria com ele, mas discutiria com um parceiro do gênero feminino?
2. Se seu parceiro era do gênero feminino, quais tópicos não discutiria com ela, mas discutiria com um parceiro do gênero masculino?

No quadro abaixo estão os tópicos dos quinze interagentes (sete do sexo/gênero masculino e oito do sexo/gênero feminino), com discursos sedimentados, convencionais, essencialistas sobre o sexo/gênero masculino e feminino. Estes participantes do sexo/gênero masculino e feminino propõem que o sexo/gênero determina tópicos diferentes em parcerias do mesmo sexo/gênero. No quadro abaixo verificamos uma binaridade: de acordo com os participantes da pesquisa os membros do sexo/gênero masculino falam de esportes, mulheres, atualidades, política, sexualidade e festas e os membros do sexo/gênero feminino falam de homens, relacionamentos, sapatos, roupas, moda, novelas, religião e filosofia. Um interagente pode ter mencionado mais de um tópico. Esta sedimentação convencional que considera o sexo/gênero uma marca biológica e contruída através do contexto social e histórico, com a prevalência da heteronormatividade e determinante no comportamento humano é o conceito

principal ao qual Butler refuta. Butler (1999) afirma que as identidades são formadas através da iterabilidade histórica, isto é, somos interpelados pelos discursos e repetimos as convenções que nos foram ensinadas ou engessadas, mas como os significados são produzidos na performatividade dos discursos e interações humanas e as identidades são fluídas, assim como os lugares de sujeito estão em movimento e transformação, os sujeitos inconscientemente transitam em suas posições e se transformam, de forma a podermos afirmar que somos produzidos pelos discursos, mas também transformamos esses mesmos discursos.

Tópicos	Interagentes gên masculino falam de:	Interagentes gên feminino falam de:
Esportes	4	
Sexo/Gên feminino	5	
Atualidades e Política	1	
Sexualidade	1	
Sexo/Gên masculino		2
Relacionamentos		4
Sapatos e roupas Moda		1
Festas	2	
Novelas		1
Religião e Filosofia		1

Quadro 11 – Tópicos que os participantes propõem para os membros do sexo/masculino e feminino para conversas em parcerias do mesmo sexo/gênero

Os números do quadro acima mostram quantas vezes foi mencionado o tópico em questão, relacionado com o sexo/gênero masculino ou feminino.

Também observamos no quadro acima que, de acordo com esses interagentes, os parceiros do sexo/gênero masculino falam sobre esportes (quatro interagentes mencionaram esta característica), sobre gênero feminino (cinco menções), sobre sexualidade (uma menção), bem como sobre atualidades, política e festas (duas menções). Por outro lado, de acordo com os interagentes desse grupo, as parceiras do gênero feminino falam do gênero masculino (duas menções), de relacionamentos (quatro menções), de sapatos, roupas e moda (uma menção), de novelas (uma menção), assim como de religião e filosofia (uma menção).

Já no quadro abaixo os interagentes não têm uma ideologia pautada pelas diferenças de tópicos para as identidades de sexo/gênero masculino e feminino. No quadro anterior, no grupo

das ideias sedimentadas havia 15 telecolaboradores, sendo sete participantes do sexo/gênero masculino e oito do feminino. Neste próximo quadro temos sete participantes com discursos não pautados por diferenças de tópicos para as identidades de sexo/gênero. Estas sete participantes são todas do sexo/gênero feminino, sendo que duas são brasileiras e cinco dos Estados Unidos. Este grupo, que representa um terço dos participantes, é todo constituído de interagentes do sexo/gênero feminino e apresenta conceitos não sedimentados, assim como não coloca o gênero atrelado a conceitos essencialistas e naturalizados, expressando que o gênero não determina os tópicos das conversas entre telecolaboradores do sexo/gênero masculino ou feminino.

Interagente	Discursos
Fem- bras	Não teria problemas em discutir assuntos diversos pela diferença de gênero. Isso está mais voltado à intimidade, mais facilidade em conversar sobre assuntos mais polêmicos ou pessoais.
Fem – amer	I would like to talk about sports, since I do a lot, and we see what their (boys) hobbies are and what the guys do for fun. It would have been cool to see the difference between guys act here and there. [Gostaria de falar sobre esportes porque eu pratico muito, e ver quais os hobbies dos meninos e o que eles fazem para divertir-se. Teria sido legal ver a diferença de como os meninos são lá e aqui]
Fem – bras	Sinceramente não sei ... Nós conversamos sobre tudo que gostaríamos de discutir. Além de questões culturais, falamos sobre estudos, família, um pouco de política, artes e nosso dia a dia. O gênero não atrapalhou em nenhum momento.
Fem – amer	I had a female partner. There was not much we discussed that was genderized. We had discussions about regular topics.[Eu tinha uma parceira, não havia muito em nossa conversa que fosse específico de um gênero. Conversamos sobre tópicos normais].
Fem- amer	I am a very open person and do not think I would have any topic preferences if partner was a male. [Eu sou uma pessoa aberta e não acho que teria preferências de tópico se meu parceiro fosse homem]
Fem- amer	I had both male and female and I talked to them the same way about everything. [Eu tive parceiros e parceiras e falei com eles da mesma maneira sobre tudo]
Fem – amer	I do not think her gender really made a difference in our topics. But as I said before I was happier she was a girl simply because we both felt more comfortable. [Acho que seu gênero não fez diferença em nossos tópicos. Eu fiquei feliz que era uma menina simplesmente porque nos sentimos mais confortáveis]

Quadro 12: Sete dos interagentes têm discursos não pautados por diferenças de tópicos para identidades de sexo/gênero

Duas respostas foram ambíguas 1. “Com um parceiro do gênero masculino, falaria de futebol, assuntos menos pessoais, mas falaria as mesmas coisas com ambos os gêneros (fem-bra), 2. Eu não falaria com ela de temas esportivos, mas ela é muito eclética e gosta de muitas

coisas (masc – am). Nesse sentido, a resposta “Talvez poderia perguntar sobre a representação feminina no país da possível parceira e a visão da mesma na sociedade” (fem - bra) revela que essa interagente adicionou um tópico novo referente à ideologia de gênero no país da possível parceira. Os três interagentes restantes não responderam a esta pergunta do questionário, mencionada anteriormente.

No grupo dos discursos rígidos e sedimentados dos gêneros, há sete interagentes do sexo/gênero masculino e oito do feminino e no grupo dos discursos não pautados por sedimentação há sete interagentes do sexo/gênero feminino. Os interagentes do sexo/gênero feminino estão divididos mais equilibradamente entre os dois discursos. Os interagentes do sexo/gênero masculino (sete) estão praticamente todos no grupo dos discursos rígidos e sedimentados sobre os tópicos que os parceiros discutem.

Na sessão virtual dedicada aos esportes, todas as parcerias falaram de esportes, incluindo a capoeira e o jiu-jitsu. Alguns falaram mais, outros menos, dependendo se praticavam esportes ou não, mas não houve uma parceria na qual os esportes dominassem as interações. Houve duas observações sobre esportes. A primeira foi de uma interagente feminina, descrevendo sua identidade de gênero e incluindo o futebol (atividade tradicionalmente apreciada por meninos) para se posicionar em relação ao seu parceiro do gênero masculino: “**Leni**: Eu sou uma menina. Novelas, novelas, partidos de futebol, Miss Universo...(++) Those are things I like.” (Ap3, exc.24, linha10,). A lista “novelas, partidos de futebol e Miss Universo” revela uma ideologia já marcada por um não alinhamento às características tradicionais do gênero feminino, pois, tradicionalmente, o futebol é esporte de homens e as equipes femininas, em geral, encontram muitos obstáculos para jogar, principalmente na América Latina.

A outra observação é de uma parceira que prefere interagir com o sexo/gênero masculino - **Priscila**: “tive uma menina como parceira, mas prefiro interagir com o gênero oposto, pois meninas não são ativas, não praticam esporte” (ver apêndice 4, questionário 12). Esta interagente do sexo/gênero feminino pratica esportes e prefere conversar com o sexo/gênero masculino, pois “meninas não são ativas e não praticam esportes”. Ao mesmo tempo que generaliza que as meninas não praticam esportes, contraditoriamente ela se identifica como uma menina que pratica esportes! Há meninas que praticam esportes e outras que não. Paralelamente ao discurso sedimentado de que “meninas não são ativas e não praticam esportes”, Priscila se coloca como diferente. Indiretamente ela se define como ativa e praticante de esportes.

Resumindo, os interagentes do sexo/gênero masculino (sete de oito) mencionaram os esportes como um tópico de conversa do gênero masculino somente, mas paradoxalmente todas as duplas falaram sobre esportes. Das quinze interagentes do gênero feminino, oito mencionaram que esportes é assunto de homens e não de mulheres. As sete interagentes restantes mencionaram uma igualdade de tópicos para homens e mulheres.

Concluimos, então, que 2/3 dos interagentes se alinham a uma ideologia sedimentada e compartimentalizada sobre os gêneros, ao passo que 1/3 se alinha a uma ideologia não sedimentada e inclusiva sobre os tópicos sobre os quais os diferentes gêneros conversam (BUTLER, 1999). Duas participantes revelaram gostar de esportes; uma gosta de assistir ao futebol e a outra pratica esportes.

No próximo capítulo respondemos às perguntas da pesquisa e tecemos considerações sobre desafios de nossa pesquisa e projetos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem de línguas estrangeiras através de sessões virtuais do Projeto Teletandem é um contexto interacional, no qual os telecolaboradores fazem uma *performance* de identidades nacionais, de gênero, de etnias e de classe social.

Neste estudo, procurou-se fazer a primeira análise do Projeto Teletandem sobre as dinâmicas e as identidades de gênero provenientes da auto-identificação dos participantes nas interações, através das concepções e da matriz teórica da performatividade de Butler (1999). Complementamos a reflexão sobre os dados, fundamentados em seis pontos da análise do discurso baseados em Kramsch (1998) e Fairclough (2003), e orientados por conceitos da transculturalidade de Welsch (1999), assim como por conceitos da teoria pós-colonial sobre terceiro espaço de Bhabha (1994) e, com respeito a globalização, pelos conceitos de fluxos culturais globais de Appadurai (1996). Com relação à aprendizagem, esta análise teve como ponto de partida a teoria sociocultural de Vygotsky, o dialogismo de Bahktin e também a teoria de aprendizagem sociocultural de línguas de Lantolf (2000). Acreditamos que cada uma dessas perspectivas teóricas nos ajudou a fornecer um panorama das possibilidades de se verificar o papel do gênero no contato intercultural *on-line* entre os alunos interagentes, por meio do *teletandem*.

Com todo o panorama sobre as parcerias, discutido no capítulo anterior: discursos (sedimentados ou não), negociações de poder, estranhamentos, posicionamentos de sujeitos e diferenças individuais, as avaliações do processo das sessões virtuais foram positivas, tanto do ponto de vista da pesquisadora quanto dos participantes da pesquisa.

Os três objetivos específicos da tese estão inseridos nas perguntas da seguinte maneira:

O primeiro objetivo, inserido na pergunta número um, é descrever aspectos da performatividade, as identidades produzidas e conceitos sedimentados, posicionamentos e reposicionamentos dos interagentes durante uma interação ou mais interações no processo das 10 sessões de *teletandem*. Também os turnos, o efeito discursivo e as suposições são analisadas.

O segundo objetivo, sobre os seis aspectos da análise do discurso como: estilos, relações de poder, negociação da diferença, imagem, aspectos transculturais e discursos e ideologia estão inseridos nas perguntas um e dois. Faz mais sentido analisar, por exemplo, relações de poder com posições de sujeito, pois estas são interdependentes.

O terceiro objetivo está inserido na pergunta número dois: analisar as dinâmicas das combinações de duplas de: sexo biológico/gênero masculino/feminino, masculino/masculino,

feminino/feminino, com respeito a assuntos preferidos e evitados, características próprias das duplas e ideias sedimentadas sobre nacionalidades e gênero. A intenção é analisar as características das interações em parcerias com sexos/gêneros: masc/masc, fem/fem masc/fem e as implicações de tais características no processo de ensino/aprendizagem em língua estrangeira em *teletandem*.

Primeiramente, neste capítulo, buscaremos responder às perguntas da pesquisa que relembramos, abaixo :

- 1) Como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos?
- 2) Como a dinâmica das parcerias das identidades dos sexos/gêneros emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários destes mesmos países?

Devido à interligação entre negociação intercultural, performatividade e dinâmicas das duplas dos sexos/gêneros, respondemos à pergunta um a qual tece referências à pergunta dois e vice-versa.

- 1) Como a comunicação e a negociação intercultural, sob os aspectos da performatividade, emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários do Brasil e dos Estados Unidos?

Um dos conceitos principais da performatividade de Butler (1999) é a iterabilidade e a citacionalidade, isto é, a repetição histórica dos discursos e ideologias. Esta repetição nunca é exatamente a mesma, pois os contextos históricos são diferentes. Nesse sentido, a possibilidade de transformação e mudanças advêm dos posicionamentos e reposicionamentos do sujeito e é esta característica que possibilita, segundo Butler (1999), orientações de identidades de gênero que fogem à binaridade do mas/fem, distintas das que tradicionalmente recebemos nos nossos discursos. Encontramos no nosso estudo ideias sedimentadas sobre identidades de gênero e

identidades nacionais. Na verdade, as ideias sedimentadas, após recorrentes repetições, se tornam naturalizadas e funcionam no indivíduo como uma rede de significados suspensos, construída em e por seus discursos, as quais Geertz (1973) descreveu ao definir “cultura”.

Fazemos uma discussão dos resultados das três combinações de identidades dos gêneros. Iniciamos pelas duplas de sexo/gênero masculino. As três duplas de sexo/gênero masculino fizeram *performances* contendo aspectos do gênero masculino heterossexual, como por exemplo: falaram sobre meninas, sobre sexualidade, sedução, uma dupla falou sobre drogas e aborto, mas houve um estranhamento com relação a discursos de gênero, no qual um dos parceiros queria convencer e relembrar o outro parceiro dos códigos convencionais, falocêntricos e patriarcais de comportamento do sexo/gênero masculino (“Já pus corno em su novia?” Moacir, excerto 27, linha 22). Por outro lado, falaram sobre relacionamentos e assuntos pessoais, os quais foram elementos novos na tradição sedimentada das identidades do sexo/gênero masculino, uma vez que tradicionalmente não conversam sobre estes assuntos, de acordo com os dados de Coates (2004). Aqui percebemos novos posicionamentos de sujeito, principalmente na *performance* de Guilherme, quando fala de um relacionamento que terminou: “I broke up with my old feelings” [Eu rompi com sentimentos antigos] (Guilherme, Ap. excerto 26, linha 2). Na verdade, Moacir, o interagente mexicano que estuda nos Estados Unidos, mas que é do México, trouxe aos dados muita informação sobre seus discursos de gênero, calcados na tradição patriarcal, como por exemplo, “que meninas têm que preparar comida e tomar conta dos bebês”.

Moacir também invoca uma metáfora “sin globo no hay fiesta” [sem camisinha não tem festa], aliás, muito apropriada para todos os jovens de sua geração. No entanto, o uso de uma metáfora ou dito popular revela a cristalização de aspecto linguístico-discursivo, que faz muito sentido nos discursos de Moacir. Estes ditos populares sedimentados atravessam historicamente gerações e línguas geograficamente posicionadas no mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

As duplas femininas fizeram *performances* do gênero feminino heterossexual; falaram de meninos, de relacionamentos e uma das duplas demorou-se muito neste assunto e relatou relacionamentos fracassados, acompanhados de traição. Essas duplas falaram de assuntos variados inclusive de esportes, discordando dos resultados de Coates (2004), de que os homens falam geralmente de assuntos de ação e esportes e as mulheres de pessoas e relacionamentos. As duplas femininas não falaram de sexualidade, nem de aborto ou drogas. As *performances* não sedimentadas envolveram novas posições de sujeito dessas meninas, quando quiseram saber

sobre palavrões, tópico geralmente usado pelos membros do gênero masculino, e falaram sobre esportes pelo menos uma vez. A característica persistente dessas duplas femininas foram as narrativas com muitos detalhes dos fins de semana. Passavam boa parte da sessão falando sobre o fim de semana anterior e o seguinte. Os rapazes também trataram deste assunto, mas não dando muitos detalhes. Ainda não sabemos se este traço de longas e detalhadas narrativas sobre o fim de semana é característico das parcerias femininas ou se é uma estratégia encontrada pelas participantes do gênero feminino para preencher o tempo em uma sessão de *teletandem*. Para alguns interagentes é difícil falar com uma pessoa estranha, desconhecida, do outro lado do mundo.

Nessas parcerias de sexo/gênero feminino, houve também uma dupla (Priscila e Janete) que teve estranhamentos, pois se instalou entre elas certa competição, que fez com que, ao término do semestre, decidissem que gostariam de fazer a próxima interação com um interagente do gênero masculino. Esta decisão revela discursos de gênero sedimentados e essencialistas nos quais o sexo/gênero é determinante no comportamento e por isso “as meninas não são ativas” (Priscila, ap.4, quest 12) e “as meninas são competitivas” (Janete ap.4, quest 13). Tanto o parceiro do sexo/gênero masculino Edson (que teve um estranhamento com seu parceiro Moacir, sobre ideologia de gênero) como Priscila e Janete atribuíram ao gênero seus problemas na parceria. Edson também relatou que queria fazer a próxima parceria com um membro do sexo/gênero feminino. Nossas identidades são uma amálgama de significados de gênero, individuais, sociais, discursivos e ideológicos (WOODWARD, 1997). Nenhum desses três parceiros disse: Quero fazer com um parceiro/a que seja “....”. Tanto Priscila como Janete produzem ideias sedimentadas, como se a competitividade e a passividade fossem traços essenciais do sexo/gênero feminino. Edson, que estranhou os discursos convencionais de gênero de Moacir, também atribui ao sexo/gênero de Moacir o seu desencanto com o parceiro. Estes desencontros e estranhamentos interculturais sobre discursos de gênero apontam para o terceiro espaço de Bhabha (1994), ambivalente, com relações de poder instáveis no que tange aos discursos que nos constituem (BUTLER, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), à negociação da diferença (FAIRCLOUGH, 2003) e também ao conceito de culturas contestadas de Levy (2007).

As parcerias constituídas por um membro do sexo/gênero masculino e um feminino fizeram performances ritualizadas e convencionais sobre as relações entre os gêneros: (a) não falaram de relacionamentos nem de assuntos pessoais, (b) negociaram e disputaram poder mais

intensamente do que as outras parcerias. Este resultado nos leva a crer que este poder poderia se originar do fato de terem competências semelhantes, mas com gêneros diferentes, pode existir uma tendência de marcar a diferença entre o masculino e o feminino levando em consideração que as outras parcerias tinham competências diferentes e que também houve certa disputa de poder nas parcerias de sexo/gênero fem/fem e masc/masc. As parcerias com uma identidade masculina e a outra feminina devem ser mais estudadas a partir destes resultados. Luzia queria conduzir a parceria com um estilo mais informal (com palavrões), colocando sua identidade de jovem universitária; no entanto, Lino deu a última palavra e não aceitou tal estilo. Orlando criou antagonismos com Leni, pois discordava dela usando sarcasmo, ironia e risadas. Na parceria de Orlando e Leni, Leni faz uma performance de gênero e declara a sua identidade feminina: “Eu sou uma menina, eu gosto de novelas, futebol e Miss Universo” (ver apêndice 3, excerto 24, linha10). Parece muito provável que Leni não faria tal afirmação se estivesse falando com outra menina. Ela está se diferenciando do parceiro Orlando e afirmando sua identidade de sexo/gênero feminino ao interagir com seu parceiro de sexo/gênero masculino.

As duplas de sexo/gênero fem/masc tiveram alguns estranhamentos referentes às representações das identidades nacionais. Quando Lino pergunta a Luzia sobre capoeira, ele pressupõe que a capoeira seja uma dança/luta praticada em todo o Brasil, e faz uma representação da identidade nacional brasileira equivocada. Luzia recusa tal representação, pois é de São Paulo, e considera que esta representação não se aplica a ela. Leni também faz o mesmo: supõe que o pagode seja um ritmo nacional apreciado por todos os brasileiros; porém, através dos comentários de Orlando (que também rejeita esta representação brasileira) aprende que o pagode é um ritmo popular, repetitivo e que não agrada a ele, que afirma gostar de ritmos puros, com raízes, desejando, assim, mostrar a sua intelectualidade.

Apesar de quinze dos vinte e oito interagentes preferirem um/a interagente com a mesma identidade de gênero, houve um estranhamento em uma das parcerias masculinas (Edson e Moacir) e em uma das parcerias femininas (Priscila e Janete). Nas parcerias de sexo/gênero fem/masc houve alguns estranhamentos, porém os interagentes fizeram uma avaliação positiva das parcerias e resolveram suas diferenças de uma maneira conciliadora.

Um dos elementos mais desafiantes para aqueles que pesquisam a aprendizagem de línguas estrangeiras, mediada por tecnologia, são as ideias sedimentadas (BUTLER, 1999), generalizações e representações equivocadas a respeito do Outro, produzidas pelos jovens

interagentes, nos nossos dados. Estas ideias sedimentadas sobre identidades de gênero e nacionais distanciam o Outro, não só o outro de outra identidade de gênero, mas também o outro de outra identidade nacional ou de outra classe social. Este distanciamento traz desafios à aprendizagem e à apropriação da língua-cultura do parceiro, pois a alteridade como oposição e não como complementação se instala (BAHKTIN, 1981), comprometendo a colaboração e a reciprocidade, conceitos importantes para a aprendizagem em *teletandem*. Através da participação de professores-mediadores de línguas estrangeiras que conheçam a língua-cultura do parceiro e que possam interceder neste processo de distanciamento do Outro, estes desafios podem ser antecipados e trabalhados nas *sessões de mediação*, realizadas com os interagentes logo após as sessões de teletandem.

Retomemos agora a segunda pergunta da pesquisa:

2. Como a dinâmica das parcerias das identidades de sexos/gêneros emergem e se apresentam no ensino/aprendizagem dos telecolaboradores universitários destes mesmos países?

A primeira parte desta pergunta se refere à identidade de sexo/gênero identificada pelos telecolaboradores. Todos se identificaram como membros do sexo/gênero feminino ou masculino. Com esta identificação binária obtivemos então resultados nos quais a heteronorma se estabeleceu, não aparecendo ou apagando outras possibilidades de orientações e identidades de gênero.

Primeiramente, constatamos, em nossos dados, que 15 dos 28 interagentes do nosso estudo preferem ter um parceiro com a mesma identidade de gênero e que a colaboração esteve presente em todas as duplas, incluindo as parcerias masculinas. Concluímos, com base nos dados do corpus analisado, que as parcerias de sexo/gênero masculino também tratam de relacionamentos e assuntos pessoais, mas não dão tantos detalhes como as parcerias fem/fem. (ver ap.3, excerto 26, 27).

Em segundo lugar, observamos que entre os 28 participantes há dois grupos de acordo com ideologias e discursos sobre gênero: (a) Um grupo com discursos nos quais os parceiros com identidades de gênero convencionalmente conversam de tópicos distintos, isto é, homens falam entre si de determinados assuntos e as mulheres entre si também (o grupo das ideias sedimentadas) e (b) o grupo cujos discursos indicam que as identidades de gênero incluem em

seu repertório qualquer tópico (o grupo cuja ideologia não é pautada por diferenças de tópicos para as identidades de gênero). No primeiro grupo há um posicionamento dos sujeitos em relação aos discursos que indicam posições essencialistas sobre gênero e no segundo grupo os posicionamentos mostram uma ruptura com relação aos discursos essencialistas. Aqui verificamos variações nas posições de sujeito e nos discursos sobre gênero (BUTLER, 1999; FAIRCLOUGH, 2003).

Em terceiro lugar, temos a questão dos tópicos tratados durante a interação. Todas as parcerias falaram sobre o tópico “esportes” no dia designado. Não houve uma parceria, de sexo/gênero fem/fem, masc/masc ou fem/masc que tivesse “esportes” como tópico dominante. Algumas parcerias tiveram um tópico de interesse comum, o que motivou a parceria até o final, enquanto outras falaram de tópicos variados. Percebemos, através dos dados, que as parcerias têm características próprias; aquelas que têm um interesse comum muito acentuado são colaboradoras e estão sempre motivadas para aprender (parceria Pedro e Bernardo, ap3, excerto 2) O compartilhamento de interesses é um ponto muito importante nas parcerias, como se pôde observar na que se estabeleceu entre duas interagentes do sexo/gênero feminino, que se mostraram muito interessadas em esportes; uma gosta de assistir e a outra de praticar. Estas duas interagentes, da universidade americana, fazem uma ruptura com os discursos de gênero sedimentados, nos quais os integrantes do gênero masculino se caracterizam por gostar de esportes, como atestaram os resultados de Coates (2004). Segundo Butler (1999) é a possibilidade de se posicionar como sujeito e ser interpelado por um discurso livre de ideias sedimentadas que faz com que surjam transformações e novas identidades.

Nossos dados apresentaram um conjunto de ideias sedimentadas sobre identidades de gênero e identidades nacionais. Houve duas parcerias que tiveram estranhamentos: uma sobre ideologia de gênero, e a outra por diferenças individuais. O estranhamento sobre ideologia de gênero ocorreu a partir da divergência dos papéis que os gêneros ocupam. Para Moacir, as mulheres têm que cozinhar e tomar conta dos bebês e e aos homens é permitido trair. Edson, seu parceiro, não estava de acordo e foi “cobrado” pelo parceiro, em uma atitude de trair sua namorada. Edson relatou no questionário que não gostaria de ter um parceiro do gênero masculino novamente. O estranhamento ocorreu porque Moacir quis exigir de Edson uma atitude realmente de “homem”, de acordo com seu discurso patriarcal e falocêntrico e Edson não aceitou. Edson, por sua vez, partiu para um conceito essencialista e sedimentado, segundo o qual todos os

membros do gênero masculino teriam os mesmos discursos de seu parceiro Moacir. O paradoxo desta parceria é que tanto Moacir quanto Edson produzem ideias sedimentadas, convencionais e generalizações em suas interações, mas Edson tem um estranhamento com respeito a Moacir, enquanto que Moacir não tem reação alguma com respeito a Edson. A outra situação de algum embate ou rejeição aconteceu entre duas parceiras, Priscila e Janete, que fizeram uma avaliação da parceria e disseram que gostariam de ter falado com o gênero oposto; também como no caso de Edson, traziam ideias sedimentadas e essencialistas sobre os gêneros. Segundo Janete, Priscila era competitiva e, de acordo com Priscila, Janete não era ativa e não praticava esportes. Nos dois casos das parcerias que tiveram estranhamentos, houve divergências de discursos e expectativas.

O espaço do *teletandem* parece ser um espaço que tanto propicia a desconstrução de ideias sedimentadas, como também a produção de generalizações e ideias sedimentadas. As parcerias fem/masc não falaram sobre relacionamentos ou sexualidade e tiveram mais marcadas negociações de poder. As parcerias do sexo/gênero feminino falaram sobre meninos e evitaram falar sobre sexualidade, mas uma parceira demonstrou grande interesse em palavrões. Já as parcerias do sexo/gênero masculino falaram de meninas, de palavrões, de sexualidade e uma parceria teve como tópico drogas e aborto. Nos discursos masculinos patriarcais, tradicionais e sedimentados parece haver uma maior liberdade para se falar de assuntos como drogas, aborto e sexualidade, assuntos evitados pelas parceiras do gênero feminino. Esta liberdade dada aos homens e proibições e normas dadas às mulheres fazem parte dos nossos discursos. Se revisitarmos o dispositivo da sexualidade de Foucault (1979) vamos compreender todas estas normas, regras e proibições que integram os nossos discursos.

Importantes resultados desta pesquisa foram os achados sobre colaboração (FAIRCLOUGH, 2003; BRAMMERTS, 2003; TELLES; VASSALO, 2009), a qual é igualmente praticada pelo sexo/gênero feminino e masculino, assim como foram relevantes as confirmações de utilização de ideias sedimentadas, com respeito a discursos e ideologias de gênero e de identidades nacionais, historicamente reiteradas, que se tornam naturalizadas (BUTLER, 1999; HARISSI; ORSUJI; PENNYCOOK, 2012). Outro resultado significativo é o fato de que os participantes do gênero sexo/masculino incluem em seu repertório tópicos pessoais e relacionamentos, e as participantes do sexo/gênero feminino incluem tópicos relacionados à ação e esportes, fugindo então das convenções tradicionais sobre as identidades de gênero. Nos nossos dados, então, esta ideia sedimentada de que homens não falam de relacionamentos e assuntos

pessoais e mulheres não falam de esportes, não se confirmou. Sabemos que temos uma amostra pequena para fazer tais afirmações, porém pensamos que os telecobradores da pesquisa são muito jovens e que, quando comparados aos jovens de pesquisas feitas há dez anos, podem indicar transformações sociais e individuais significativas.

Por fim, com relação aos resultados sobre preferências a respeito do sexo/gênero do parceiro, às características das parcerias femininas, masculinas e fem/masc e aos tipos de parceria, sejam elas as que têm um *tópico especial* em comum ou *as que seguem o tópico do dia*, consideramos que são pertinentes para professores e mediadores do Projeto Teletandem e para que possamos entender como funcionam estas parcerias e também incorporar, na medida do possível, os elementos novos nos nossos planejamentos.

Um dos resultados do estudo de Vassallo (2010) é que as relações de poder são independentes da língua falada. Nos nossos dados, tais resultados ocorrem e estão de acordo com Vassallo (2010) quando as parcerias têm competências discursivo-linguísticas semelhantes na língua alvo. No entanto, quando as competências são assimétricas, o “saber a língua” é uma fonte de poder (FOUCAULT, 1972), como foi a interação da parceria masculina Pedro e Bernardo.

Outra fonte de poder que emergiu nos nossos dados foi o conhecimento sobre um tópico específico (LEONE, 2012), que ocorreu, por exemplo, com Pedro, na mesma parceria mencionada acima, que mostrava poder e dominância por conta do seu conhecimento sobre bandas de rock e sobre o famoso festival “Rock in Rio” (ver apêndice 3, excerto 2), assim como aconteceu na parceria de Rafaela e Rosane. Rosane, mesmo tendo uma competência básica em inglês, dominava quando falava e era uma *expert* em música brasileira (ver apêndice 3, excerto 12).

Do ponto de vista pedagógico e de formação de mediadores do Projeto Teletandem, este estudo procurou informar os pesquisadores e mediadores deste projeto, principalmente, sobre os discursos e ideologias de gênero e, perifericamente, sobre identidades nacionais dos interagentes brasileiros e americanos, suas representações equivocadas e pontos de divergência. O estudo também buscou fornecer um panorama das ideias sedimentadas acerca das identidades de gênero e nacionais. Diante dessas constatações e conclusões, podemos pensar nas possíveis implicações pedagógicas deste estudo e as enumeramos a seguir. Ao organizar as parcerias de suas sessões de teletandem, os professores de línguas estrangeiras deveriam pensar acerca das seguintes questões:

- (a) Os telecolaboradores poderiam ser consultados sobre o gênero do/a parceiro/a e também sobre os seus interesses.
- (b) Os professores/mediadores poderiam alertar os telecolaboradores sobre o fato de que o *teletandem* pode ser um espaço para a desconstrução e construção de ideias sedimentadas.
- (c) Nos grupos de *teletandem* alguns estudantes trazem discursos com posições essencialistas sobre identidade nacional e identidade de gênero mas outros não. É necessário respeitar estas diferenças mas ao mesmo tempo desconstruir generalizações e ideias sedimentadas.
- (d) A colaboração no ensino/aprendizagem da língua estrangeira nos nossos dados foi uma constante nas combinações masc/masc, fem/fem e masc/fem.
- (e) Os professores e mediadores também trazem em seus discursos ideias sedimentadas e generalizações e o exercício de auto-reflexão pode beneficiar tanto telecolaboradores quanto mediadores.
- (f) Discursos divergentes – Ao se deparar com um discurso divergente do seu, os mediadores poderiam sugerir aos telecolaboradores uma estratégia para lidar com o estranhamento: tentar compreender e não julgar.
- (g) Motivação para as sessões. Em algum ponto das interações, surgem duplas (como a de Janete e Priscila) que gastam muito tempo com assuntos do dia a dia e detalhadas narrativas do fim de semana e se desmotivam. Neste ponto os mediadores poderiam organizar uma sessão para remotivar os interagentes e lembrá-los que os seus parceiros trazem um universo linguístico-discursivo único e que assuntos mais interessantes poderiam fazer parte das interações.

Uma proposta que poderíamos fazer a partir de nossos dados e resultados seria a de promover uma primeira mediação no semestre intitulada “Não a generalização”, antes do início das sessões virtuais. Esta sessão poderia tratar ou explorar os discursos divergentes e as atitudes de respeito ao parceiro como escutá-lo/la com atenção e expressar interesse em negociar as diferenças.

Consideramos este tópico vasto e complexo e temos que encaminhar questões para próximos trabalhos. Constatamos que as identidades tanto do sexo/gênero masculino quanto feminino conversaram sobre quase todos os tópicos, excluindo sexualidade, aborto e drogas para os membros do sexo/gênero feminino em suas interações orais; mas quando perguntados nos questionários, sobre quais tópicos os homens e as mulheres conversam entre si em parcerias

fem/fem e masc/masc, 15 dos 28 telecolaboradores expressaram uma divisão e binaridade rígida de tópicos: os tópicos dos homens e os tópicos das mulheres. Parece haver uma diferença entre os significados produzidos nas *performances* desses interagentes e os discursos presentes nas respostas do questionário, constituídos por ideias sedimentadas, aprendidos e incorporados. Essa diferença parece nos informar que a *performance* ou ação precede a internalização, a apropriação e a incorporação dos discursos e que o fazer informa as estruturas do pensamento. Esta questão da diferença de resultados na oralidade e na escrita seria um tópico para estudos futuros.

Tendo em mente a frase de Freire (1921, 1989) sobre a aprendizagem da leitura: “ler a palavra e ler o mundo” poderíamos dizer que na aprendizagem da língua do Outro, os telecolaboradores do projeto *teletandem* se apropriam e aprendem a língua, a cultura, o mundo e os discursos do outro através do contexto social, pressupostos da teoria sócio-cultural da aprendizagem defendidas por Vygotsky (1987) e Lantolf (2000). Neste processo dialogam e refletem sobre os discursos e ideologias do parceiro e também sobre seus próprios. Butler (1999) e Harissi, Otsuji e Pennycook (2012) ressaltam que o sujeito é formado pelos discursos fixos de seu tempo histórico, mas, uma vez formado este mesmo sujeito o qual foi discursivamente construído, pode se transformar e adquirir novas posições de sujeito e se tornar diferente. Na pós-modernidade este processo ocorre não somente por meio da palavra escrita mas também virtualmente, por meio dos fluxos culturais globais, como o fluxo tecnológico (APPADURAI, 1996), com a presença síncrona, virtual e face a face do locutor e interlocutor por meio de *webcams*, em um terceiro espaço (BHABHA, 1994) no qual as diferenças estruturais e individuais de poder são negociadas e os significados são produzidos na *performance* da comunicação e da interação entre os telecolaboradores. Neste contato intercultural on-line, os participantes trazem, constroem e desconstroem ideias sedimentadas. Com tal saber se empoderam e chegam a legitimar suas identidades, transformando-se e transformando o seu contexto.

Nossa pesquisa traz limitações no que se refere à ausência de outras orientações de gênero. Gostaríamos de fazer um estudo incluindo as identidades LGBT no futuro, mas sabemos das dificuldades em fazê-lo, sendo uma delas a dificuldade dos telecolaboradores de definirem sua identidade de gênero quando fogem à binaridade masculino /feminino. Outra limitação do nosso estudo foi que os parceiros foram designados pela pesquisadora, não tendo sido permitida a escolha do gênero dos parceiros. Estudos subsequentes poderiam investigar, também, os atributos de que os interagentes se utilizam para escolher seus parceiros.

Este estudo surgiu da nossa indagação pessoal acerca das dinâmicas das identidades do sexo/gênero masculino e feminino e suas combinações, dos discursos e ideologias de gênero nas parcerias de *teletandem* em um contexto intercultural. Nossa trajetória acadêmica na preparação desta tese fez um percurso pelas teorias e retornou não somente com mais compreensão sobre este vasto tópico dos discursos de gênero, mas também com muitas indagações para o futuro das pesquisas sobre aprendizagem em teletandem e sobre contatos interculturais on-line facilitados pelas tecnologias que, a cada dia, se aperfeiçoam e se desenvolvem. O gênero e os discursos de gênero são fatores importantes nessas interações interculturais e virtuais de aprendizagem de línguas. Não obstante, estão atrelados a outros fatores sociais, individuais e discursivos.

Com esta pesquisa esperamos ter contribuído com a produção científica do Projeto Teletandem e trazer novas informações aos pesquisadores, mediadores e interagentes do projeto. Este projeto é um dos mais significativos em ensino de línguas dos últimos anos, pois não somente abre possibilidades de se aprender uma língua estrangeira de qualquer parte do mundo, mas também abre fronteiras para reflexão e autorreflexão, pontos de estranhamentos e de confronto entre culturas, discursos, ideologias e conhecimento global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.V. Do Feminismo a Judith Butler. In: UNIPOP (Org.). *Pensamento Crítico Contemporâneo*. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 144-151. Disponível em: <www.academia.edu>. Acesso em: 02 mar. 2015.

ALSOP, R.; FITZSIMONS, A.; LENNON, K. *Theorizing Gender*. Cambridge: Polity Press, 2002.

APPADURAI, A. *Dimensões Culturais da Globalização*. Tradução de Telma Costa. Editorial Teorema. Portugal, 1996.

ARANHA, S., CAVALARI, S.M.S. A Trajetória do Projeto Teletandem Brasil: da modalidade institucional não-integrada à Institucional Integrada. In: *the ESpecialist*, São Paulo, vol. 35, n. 2, p. 183-201, 2014.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BHABHA, H. K. *The Location of Culture*. London and New York: Routledge, 1994.

BAKHTIN, M. Discourse in the Novel. Tradução M. Holquist, C. Emerson. In: HOLQUIST, M. *The Dialogic Imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981, p.259 - 422.

BAKHURST, D. *Consciousness and Revolution in Soviet Philosophy. From the Bolsheviks to Evald Ilyenkov*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BEAUVOIR, S. de. *The Second Sex*. Tradução H. M. Parscheley. New York: Vintage Random House, 1989.

BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Tradução Richard Nice. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BRAMMERTS, H.; CALVERT, M. Aprender através da comunicação em tandem. In: DELILLE, K.A; CHICHORRO, A. (Coord.). *Aprendizagem autônoma de línguas em tandem*. Lisboa: Edições Colibri, 2002, p. 37 - 52.

_____; CALVERT, M.; KLEPPIN, K. Objetivos e Formas de Aconselhamento Individual. In: DELILLE, K. A; CHICHORRO, A. (Coord.). *Aprendizagem de línguas autônomas em tandem*. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

_____; CALVERT, M. Learning by Communicating in Tandem. In: LEWIS, T; WALKER, L. (Eds.). *Autonomous Language Learning in Tandem*. Sheffield UK: Academy Electronic Publication, 2003, p. 45 - 60.

BUCHOLTZ, M. Theories of Discourse as Theories of Gender: Discourse Analysis in Language and Gender Studies. In: HOLMES, J. E; MEYERHOFF, M. *The Handbook of Language and Gender R*. Edinburgh: Blackwell Publishers, 2003, p. 43 - 68.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Undoing Gender*. Routledge, 2004.

CALLARI, A.; RUCCIO, D. F. *Postmodern Materialism and the Future of Marxist Theory: Essays in the Althusserian Tradition*. Middletown, Connecticut: Wesleyan University Press, 1996.

CIXOUS, H.; CLEMENT, C. *The Newly Born Woman*. London: I.B. Tauris, 1996.

CHARMAZ, K. *Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis*. London: Sage, 2006.

COATES, J. *Men and Masculinities*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. *Women, Men and Language*. London: Pearson Longman, 2004.

CONNELL, R. *Short Introductions: Gender*. Cambridge: Polity Press, 2009.

DERRIDA, J. *Positions*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1981.

_____. *Margins of Philosophy*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press, 1982.

_____. *Limited Inc*. Northwestern University Press. Gerald Graff (Ed.), 1988.

DONATO, R. Sociocultural contribution to understanding the foreign and second language classroom. In: LANTOLF, J. P. *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

ENGELS, F. The origin of the Family, Private Property and the State. *Marx/Engels Internet Archive*, v. 3, p. 1 – 99, 1884/1993. Disponível em:
< http://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/origin_family.pdf>. Acesso em: 03 set. 2014.

ENRIQUEZ, E. O vínculo grupal. Tradução: Marília da Mata Machado. In: LEVY, A. (Org.). *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *The History of Sexuality: An Introduction*. London: Penguin, 1978.

_____. *The Archeology of Knowledge*. London: Tavistock, 1972.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1921, 1989.

FREUD, S. Three Essays on the theory of Sexuality. In: STRACHEY, J. (Ed.). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogarth, 1905, 1953, p. 123 - 246.

GEE, J. P. *An Introduction to Discourse Analysis*. New York: Routledge, 1999.

_____. *How to do Discourse Analysis*. New York: Routledge, 2011.

GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures*. London: Hutchinson, 1973.

GUERIN, W.L.,LABOR E.,MORGAN L.,WILLINGHAM J.R. *The Handbook of Critical approaches to Literature*. New York Oxford, Oxford University Press, 2005.

GRICE, P. H. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. L. (Eds.). *Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41–58.

HALL, S. Representation, Meaning and Language. In: HALL, S. (Ed.). *Representations: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Open University, 1997.

HALL, S. Who needs identity. In: DU GAY, P.; HALL, S. (Eds.). *Questions of Cultural Identity*. England: Sage Publications, 1996.

HARISSI, M.; ORSUJI, E; PENNYCOOK, A. The performative fixing and unfixing of subjectivities. *Applied Linguistics*, [s.l], v. 33, n. 5, p. 54 - 43, 2012.

HERRING, S.; JOHNSON, D.; DIBENEDETTO, T. “The discussion is going too far”: male resistance to female participation on the Internet. In: HALL, K.; BUCHOLZ, M. (Eds.). *Gender articulated: Language and the socially constructed self*. New York: Routledge, 1995, p. 67 - 96.

HIBBARD, D. R.; BUHRMESTER, D. The role of peers in the socialization of gender related social interaction styles. *Sex Roles*, v. 39, n. 314, p. 185 - 202, 1998.

HOLLAND, D. et al. *Identity and Agency in cultural worlds*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

JEONG, A.; DAVIDSON-SHIVERS, G. *Gender interactions in online debate: Look who’s arguing with whom*. In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION, 2003, Chicago, 2003.

JOHNSON, M.; LAKOFF, G. *Metaphors We Live by*. Chicago, Illinois: Chicago University Press, 1980.

KANEOYA,M.L.C.K.A formação Inicial de Professores de Línguas para/em Contexto mediado pelo computador (teletandem): Um Diálogo entre Crenças, Discursos e Reflexão Profissional.

Tese de Doutorado PPG em Estudos Linguísticos, UNESP, S. J. do rio Preto, 2008.
www.teletandembrasil.org

KOSCHMANN, T. *Toward a dialogic theory of learning: Bakhtin's contribution to understanding in settings of collaboration*. In: COMPUTER SUPPORT FOR COLLABORATIVE LEARNING MEETING, dec. 12 - 15, 1999, California, 1999.

KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

_____. *The Multilingual Subject*, Oxford: Oxford University Press, 2009.

_____.; URYU, M. Intercultural Contact, Hybridity, and Third space. In: JACKSON, J. (Ed.). *The Routledge Handbook of Language and Intercultural Communication*. Routledge, 2012.

LACAN, J. *Ecrits: a Selection*. London: Tavistock, 1977.

LAKOFF, R. *Language and Women's Place*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

LANTOLF, J. P. (Ed.). *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford University Press, 2000.

LEONE, P. Content Domain and Language Competence in Computed Mediated Conversation for Learning. Apples, *Journal of Applied Languages Studies*, v. 6, n. 2, 2012.

LEVY, M. Culture, Culture Learning and New Technologies: Towards a pedagogical framework. *Language Learning and Technologies*, v. 11, p. 104 - 127, 2007.

LUVIZARI-MURAD, L.H. Aprendizagem de Alemão e Português via Teletandem: um estudo com base na teoria da atividade. Tese de doutorado, PPG em Estudos Linguísticos, UNESP S. J. do rio Preto, 2011. www.teletandembrasil.org

O'DOWD, R. *Online Intercultural Exchange: and Introduction for Foreign language Teachers*. Cromwell Press, 2007.

PARSONS, T.; BALE, R. *Family Socialization and Interaction Process*. London: Routledge & Kegan Paul, 1956.

PENNYCOOK, A. Performance and Performativity. In: _____. *Global Englishes and Transcultural Flows*. Routledge, 2006.

RICH, A. Compulsory Heterosexuality and the Lesbian Experience. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 5, n. 4, p. 631 – 660, 1980.

ROBINSON, K.H. Queering Heteronormativity in _____. *Early Childhood Education in Australian Journal of Early Education*, v. 30, n. 2, June 2005.

SALIH, S.; BUTLER, J. *The Judith Butler Reader*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SALOMÃO, A.C.B. A Cultura e o ensino de Língua Estrangeira: Perspectiva para a Formação Continuada no Projeto Teletandem. Tese de doutoramento PPG em Estudos Lingüísticos, UNESP S. J. do rio Preto, 2012. www.teletandembrasil.org

SAUSSURE, F. *Course in General Linguistics*. Tradução Wade Baskin. London: Collins, 1974.

SCOTT, J. W. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, 1999.

SPIVAK, G. C. *A Critique of Postcolonial Reason: Toward a History of Vanishing Present*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

SWAIN, M. The Output Hypothesis and Beyond: Mediating Acquisition through collaborative Dialogue. In: LANTOLF, J. P. *Sociocultural Theory and Second Language Learning*. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 97 - 114.

TANNEN, D. *Gender and Discourse*. New York: Oxford University Press, 1994a.

_____. The display of gendered identities in talk at work. In: BUCHOLTZ, M.; LIANG, A.; SUTTON, L. *Reinventing Identities: The Gendered Self in Discourse*. New York: Oxford University Press, p. 221 - 240, 1999.

TELLES, J.A. (Org.). *Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI*. Campinas SP: Pontes Editores, 2009.

_____. Do we Really Need a Webcam? The uses that Foreign Language Students Make out of Webcam Images during Teletandem Sessions. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 65-79, 2009.

_____. Teletandem: Transculturalidade na comunicação on-line em línguas estrangeiras por webcam. *Teletandem News*, ano V, n. 1, p. 2-3, jan./abr. 2011. Disponível on-line: <http://www.teletandembrasil.org/site/docs/Newsletter_Ano_V_n_1.pdf>. Acesso em 1 de setembro de 2012.

_____ e FERREIRA, M.J. Possibilidades, Dificuldades e Abrangência de um Projeto de Comunicação on-line de PLE. *Horizontes de Linguística Aplicada* v.9, n.2, p. 79-104, 2011. www.teletandembrasil.org. Acesso em 1 de setembro de 2014.

_____. *How students learn in teletandem? A critical perspective*. 2014

VASSALO, M. L. *As relações de poder nas parcerias de teletandem*. 2010. 296f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Università Ca'Foscari di Venezia, 2010. Disponível em: <<http://www.teletandembrasil.org/site/docs/VASSALLO.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2014.

VYGOTSKY, L. *The Collected Works of L.S.Vygotsky*. vol 1. Thinking and Speaking. New York: Plenum Press. 1987.

WELSCH, W. Transculturality: the Puzzling of cultures today. In: FEATHERSTONE, M.; LASH, S. (Eds.). *Spaces of Culture: City, Nation, World*. London: Sage, 1999, p. 194 - 213.

WERTSCH, J. *Mind as action*. New York: Oxford University Press, 1998.

WOODWARD, K. Concepts of Identity and Difference. In: WOODWARD, K. (Eds.). *Identity and Difference*. London: Sage, 1997, p. 8 - 50.

APÊNDICES

Apêndice 1

Questionário 1

1. Assista ao vídeo da presidente do Brasil, Dilma Rousseff nas Nações Unidas e depois responda à seguinte pergunta:

HYPERLINK

"<http://www.youtube.com/watch?v=fnDreVbha3Y>"

www.youtube.com/watch?v=fnDreVbha3Y

A.O que você acha de uma mulher ocupar a posição de maior poder político no Brasil ou em qualquer outro país? Explique os seus comentários.

B.Esta é uma questão hipotética. Se você tivesse um amigo casado, com um bebê, cuja esposa tivesse um bom salário, e ele resolvesse ficar em casa tomando conta do bebê, enquanto a mulher trabalhasse, o que você pensaria sobre ele e sobre a situação?

A. E se você fosse um dos cônjuges deste casal, como se sentiria?

Apêndice 2

Questionário 2

Name/Nome:

Your partner's name/ Nome do parceiro:

1. Cooperation and Competition are present in social relationships.

Would you describe your partner as more cooperative or competitive?

A Cooperação e a Competição estão presentes nas relações sociais. Você descreveria seu parceiro como mais cooperativo ou mais competitivo? Por acaso houve algum aspecto competitivo na relação com seu parceiro? Qual?

2. Do you think you or your partner dominated the conversation, spoke too much or too little? Você acha que um de vocês dominou a conversa, falou muito ou pouco?

3. In your opinion, your partner made corrections less often or too often? How did you feel about the corrections? Na sua opinião seu/sua parceiro/a fez correções muito frequentemente ou não? Como você se sentiu com respeito às correções?

4. Were there any disagreements or conflicts or misunderstandings with your partner? If there were none, can you explain why? If there was some kind of misunderstanding, can you explain why? Houve algum conflito ou mal entendido entre vocês? Se não houve nenhum você sabe dizer a razão? Se houve, você pode explicar?

5. In which ways his/her gender has affected your partnership? De que maneira o gênero do seu/sua

parceiro/a afetou a parceria?

6. In which ways cultural differences have affected your partnership? De que maneira diferenças culturais afetaram a sua parceria?

7. Did you and your partner manage the sessions in a satisfactory manner? Were you both in charge? Você e seu/sua parceiro/a gerenciaram as sessões de maneira satisfatória? Vocês dois eram responsáveis pela sessão?

8. Human interaction has positive and negative aspects. What were the positive and negative aspects of your TT partnership this semester? O relacionamento humano tem aspectos positivos e negativos. Quais foram os pontos positivos e negativos da sua parceria nas sessões de teletandem neste semestre?

9. If your partner were male, what would be a few topics you would not have discussed with him that you would discuss with a female partner? Se seu parceiro era do gênero masculino, quais tópicos você não discutiria com ele, mas discutiria com um parceiro do gênero feminino?

OR/OU

If your partner were female, what would be a few topics you would not have discussed with her that you would discuss with a male partner? Se seu parceiro era do gênero feminino, quais tópicos não discutiria com ela, mas discutiria com um parceiro do gênero masculino?

Apêndice 3

Diálogos gravados

A parceria: Pedro (B brasileiro) e Bernardo (E- estrangeiro)

Excerto 1: I would not like a sister. We were too many men. We would get jealous.

1. B-Pedro- **My sisters is married.**

2. E-Bernardo- Your sister is married.

3. B-Pedro- **Elas são casadas, minhas irmãs são casadas. My sisters married.**

4. E-Bernardo- Oh, your sister is married?

5. B-Pedro- **YES. YES.**

6. E-Bernardo- Nice. Do you like... how long has she been married?

7. B-Pedro - (++) **I have two sisters. And you?**

8. E-Bernardo- WAIT. How long have your sister been married? Quanto tempo?

9. B-Pedro- (++) **É, ah, sim, é... Five, é... five years. Yes.**

10. E-Bernardo- Five years?

11. B-Pedro- **And, three year.**

12. E-Bernardo- And the other one three years? So, when are you getting married, man?

Okay... and do they live with your parents or not?

13. B-Pedro- **É...okay.**

14. E-Bernardo: I have three brothers. Yes. All men. No sisters for me, but I would not like a sister because we were too many men. We would get jealous, you know, like zeloso, jealous.

Excerto 2: Rock in Rio

1. Bernardo: Você gosta de música de rock americana?
2. Pedro: **Nickelback.**
3. Bernardo: Nickelback? Muito muito boa!
4. Pedro: **Você gosta de Nickelback?**
5. Bernardo : Sim .
6. Pedro: **é uma banda legal., né?**
7. Bernardo : Uma banda muito legal. Gosto.
8. Pedro: **Outra que eu gosto é Bon Jovi.**
9. Bernardo: Bon Jovi!, Muito bom. Você gosta das tradicionais.
10. Pedro : **Tradicionais. Isso mesmo. Aerosmith.**
11. Bernardo : Aerosmith!
12. Pedro: **Das músicas em Inglês também gosto do You 2.**
13. Bernardo: You2 é muito bom.!!Eu foi assisti um recital... concerto do You2. (Pedro escreve a frase para Bernardo corrigindo o “recital” e escrevendo show)Isso! É impressionante. Estas pessoas são muito boas! Eu assisti um show do You 2.
14. Pedro: **Você ficou sabendo do Rock in Rio, um show que vai ter aqui, este mês no Brasil?**
15. Bernardo : Eu não conheço bandas brasileiras.
16. Pedro: **Vai ter um show aqui o Rock in Rio.**
17. Bernardo: He escutado . Que bandas ?
18. Pedro: **Virão varias bandas . Cold Play, Rihana, Kate Perry...**
19. Bernardo: Você gosta de tudo isso?
20. Pedro: **Não, algumas coisas sim..**
21. Bernardo: Eu também É importante que estas bandas vão ao Rio O show é mui grande ?
22. Pedro: **Guns and Roses.**
23. Bernardo : Guns and Roses!
24. Pedro : **O show vai ter 100.00 pessoas.**

A parceria Geraldo (estrangeiro) e Guillermo (brasileiro).

Excerto 3: You are getting better!!! (cantarolando)

1. E-Ge – This is a snapcap. (showing his cap)
2. B-Gui – **What is a snap?**
3. E-Ge – Snap is when you do this with your fingers (snapping his fingers)
4. B-Gui – **What is it? Snack?**
5. E-Ge – No, snap (snapping his fingers again). What is lunchnete?
6. B-Gui - **Lanchonete? It is a snack bar. Lunch is snack. YOU ARE GETTING BETTER!** (in a singing voice)
7. E-Ge – Obrigado!

Excerto 4: You are kind of different!

1. Gui – **And what kind of songs do you like? And movies?**
2. Ge-What kind of movies do I like?... I actually like foreign films a lot. I don really like...I don't go see Hollywood films a lot. Some of them are good... You know what I mean? I don't like the big Hollywood pictures but some of them are ok...I like foreign films because I like listening to other languages especially like Portuguese and Spanish cause I get to practice and learn new terms and stuff, You know

what I mean? I get to listen to other people speak. It is good practice watching foreign films.... I also get to learn about other countries and cultures different than mine so...It is a good way to do that, I think.

3. Gui- **So you are kind of different!!!**
4. Ge- A little bit, maybe, I think everybody is different, though.
5. Gui - **Yeah.**
(5 minutos mais tarde)
6. Ge- Que filmes você gosta?
7. Gui- **Olha, muito ao contrario de você eu gosto dos filmes de Hollywood.**
8. Ge - Não, tá bom !! (risadas), Qual é o seu filme favorito?...Ou não tem?
10. Gui- **São vários...**
11. Ge- Eu sei que é uma pergunta difícil.
12. Gui- **Eu gosto de Benjamin Button...**
13. Ge- Eu conheço.
14. Gui- **Lexl maybe...**
15. Ge- É um filme bom...
16. Gui- **Tem um conteúdo histórico, compreende?**

A parceria Edson (brasileiro) e Moacir (estrangeiro)

Excerto 5: The girls have to cook and take care of babies.

1. Ed – Eu tenho uma pergunta para você. Our president was the first woman to open the General Assembly meeting at ONU this year. What do you think of a woman that has great importance and power in politics as president of Brazil?
2. E-Mo – I do not like that.
3. B-Ed – **In Brazil the president is a woman.**
4. E-Mo - And Lula?
5. B-Ed – **Ela se chama Dilma, não conhece?**
6. E-Mo - Lula is not the president? When were the elections?
7. B-Ed – **I think 2 years ago.**
8. E-Mo - A man should be the president in every country!
9. B-ED – **Why? Porquê? Me fala em português.**
10. E-Mo – Eu acredito que o presidente tem que ser um homem. É uma posição de muita responsabilidade. Não é um trabalho para uma mulher.
11. B-Ed – **But the president is very good.**
12. E-Mo – The girls have to cook and take care of babies.

Excerto 6: Drogas!!!

1. Ed- **Laws for drugs in the USA . (Edson traz as suas perguntas escritas de casa)**
2. Mo-Ok.
3. Ed- **Speak slowly please!**
4. Mo-What type of drugs?
5. Ed- **All the types of drugs. Marijuana?**
6. Mo- Ok, Marijuana... I don t know... a lot of the people do it, it is very light.
7. Ed- **Slowly, slowly!**
8. Mo- Yes... Yes...(Os dois dando risadas)
9. Ed- **Cuidado!cuidado!** (A professora está perto de Moacir no lab)
10. Mo -Cuidado! Outra pergunta!

Cidade do sudeste Americano – espaço transcultural

Excerto 7: I like (cidade do sudoeste Americano”. É mesmo?

- 1.Ed- **Outra pergunta! Which cities have you lived Moacir?**
- 2.Mo- I have lived in Cancun, ...
- 3.Ed- **Cancun**
- 4.Mo- Geneva...
- 5.Ed - **Geneva in Italy?**
- 6.Mo – No, in Switzerland.
- 7.Ed- **Switzerland? Ginebra?**
- 8.Mo -Ginebra em espanhol.
- 9.Ed- **Genebra em português**
- 10.Mo - Em Madrid...
- 11.Ed- **Madrid.**
- 12.Mo- and Chicago.
- 13.Ed- **what is the very good city?**
- 14.Mo- What is the best city?
- 15.Ed - **What is the best city?**
- 16.Mo- .
- 17.Ed- **Miami?**
- 18.Mo - Eu gosto.
- 19.Ed- **É mesmo?**
- 20.Mo- Lo melhor.
- 21.Ed- **Por quê?**
- 22Mo- para mi lo personal la praia...tener praia para mi is the beach. We are in English. The beach is amazing.
- 23Ed- **It is amazing but is it very good of the Cancun?**
- 24.Mo- Cancun is much better...much better you know the beach, as a city Miami is better.
- 25.Ed - **Understand ! The beach Cancun is better.**
- 26.Mo- Yes the sea...
- 27.Ed- **The girls?**
- 28.Mo- Miami.
- 29.Ed- **Miami?**

Excerto 8: The girls are fat in the US!!!

- Ed- **In USA the girls the... the persons the men are fat?**
 Mo- There is everything. There is lot of fat girls. (risadas)
 Ed- **All the people think in Brazil the americans are fat.**
 Mo - That is like a stereotype, no? Maybe in another parts of the USA but in In Miami it is very superficial the girls go run, to the gym.
 Ed- **The persons são mais bonitas.**
 Mo- É, muito mais bonitas!!! Hace muito sacrificio para tener um buen corpo, sabe, ginásio e todo.
 Ed- **Your university is ... perto da praia como se diz , da praia**
 Mo- Close, cerca Close to the beach? Ten , fifteen minutes.
 Ed- **With a car?**
 Mo- Yes.

Excerto 9: In the Us you can buy a car for 2 000 dollars!!!

Ed- **you have a car?**

Mo- Yes.

Ed- **Is it hard to have a car in the USA?**

Mo- It is very easy. In Brazil it is very expensive to have a car. That's what my father said.

Ed- **What is expensive? What is expensive?**

Mo- Caro! In the US you can buy a car for 2 000 dollars

Ed- **And the combustivel?**

Mo- La gasolina? It is ok. With 40 dollars tanque lleno.

Ed- **Como se diz barato? cheap. Very cheap. Write to me please. Muito barato.**

Excerto 10: I do not like to speak English.

1.Ed- **And the American girls what they think of latins?**

2.Mo- I do not have a lot of American friends. I do not like to speak English.

3.Ed- **You do not like to speak English?**

4.Mo- I prefer to speak Spanish.

5.Ed- **I understand. Do you have American friends?**

6.Mo- I invite them for a party, not to talk. Do you understand? I do not have too much in common with them.

7.Ed- **So, existem muitos latinos ai.**

8.Mo- Muitos é impressionante.

9.Ed- **Você pode ter só amigos latinos?**

10.Mo- A maioria são do Mexico de Cancun.

11.Ed - **É mesmo?**

Rafaela (estrangeira) e Rosane (brasileira)

Excerto 11: Como estuvo os seu show?

Foi muito legal.

1. E - Rafaela – Como você vai?

2. B - Rosane – **Bem e você?**

3. E - Rafaela – Bem bem...Como estuvo o seu show?

4. B - Rosane – **Foi muito legal.**

5. E - Rafaela – Si? ...Valeu a pena?

6. B - Rosane – **Bastante. Acabei voltando só sexta feira pra cá.**

7. E - Rafaela – A viagem muito longe?

8. B - Rosane – **Perto...Uma hora e pouquinho de ônibus.**

9. E - Rafaela – Muito bom! Solo foi você e sua amiga?

10. B - Rosane – **Fui com ela. Eu dormi na casa dela e encontrei algumas amigas dela. Ela mora lá. Os pais dela moram lá, mas ela estuda aqui. Depois a gente saiu e comemos um lanche. Era um lanche enorme.**

11. E - Rafaela – Rico? Bastante bom?

12. B - Rosane – **Bom!**

13. E - Rafaela – E o seu fim de semana como esteve?

14. B - Rosane – **Foi legal. Eu não estava lembrando.**

15. E - Rafaela – Você saiu de festa?
16. B - Rosane – **Só sexta.**
17. E - Rafaela – Sexta e sábado?
18. B - Rosane – **Sexta. Teve um show aqui de uma banda da faculdade e aí eu fui.**
19. E - Rafaela – Interessante!
20. B - Rosane – **Sábado tem uma festa.**
21. E - Rafaela – Este sábado?
22. B - Rosane – **Este sábado.**
23. E - Rafaela – Em uma casa?
24. B - Rosane – **Sim. Em uma casa. Não sei onde fica esta casa.**
25. E - Rafaela – Você vai com suas amigas?
26. B - Rosane – **Acho que sim.**
27. E - Rafaela – Mi fim de semana esteve bastante bom.
28. B - Rosane – **O que você fez?**
29. E - Rafaela – Sai de festa na sexta. Muito alegre depois... o sábado fui a uma cidade com meu pai que fica a 3 horas de aqui.
30. B - Rosane – **O que tinha lá de bom nesta cidade?**
31. E - Rafaela – É uma ilha.
32. B - Rosane – **Uma ilha.**
33. E - Rafaela – Meu pai queria ir, somente por el dia.
34. B - Rosane – **Legal!**
35. E - Rafaela – Mais ou menos, estava muita cansada do dia anterior e depois no domingo fui de compras...
36. B - Rosane – **Fazer compras...**
37. E - Rafaela – Fiz compras. Isso estive melhor. Mas fue...
38. B - Rosane – **Foi...**
39. E - Rafaela – Foi um fim de semana cansado e eu tinha que estudar mas não estudei nada.
40. B - Rosane – **Cansativo!**
41. E - Rafaela – Foi bastante bom. Meu irmão também estava aqui.
42. B - Rosane – **Matou a saudade?**
43. E - Rafaela – O que é isso?
44. B - Rosane – **Quando você sente falta de alguém e você vê a pessoa de novo você mata a saudade. Vou escrever para você.**

Excerto 13: Então você gosta de sertanejo universitário

1. Rosane - **Você gosta de música brasileira?**
2. Rafaela - Perdon?
3. Rosane - **Você gosta de música brasileira?**
4. Rafaela - Eu não he escutado muito, mas eu gosto.
5. Rosane - **Você gosta de quê?**
6. Rafaela - Eu Tenho no meu ipod, música brasileira. Eu gosto de João Bosco.
7. Rosane - **João Bosco e Vinicius.**
8. Rafaela - Esse . É muito bonito. Uma canção que se chama “ Chora me liga”.
9. Rosane - **Ah eu conheço.**
10. Rafaela - Eu gosto deste canção muito.
11. Rosane - **Então você gosta de sertanejo universitário que a gente chama aqui este estilo de música.**
12. Rafaela - Como se chama?
13. Rosane - **Sertanejo universitário.**

- 14.Rafaela- Oh, é muito bonita. Você gosta de música brasileira?
- 15.Rosane- **Eu gosto de MPB , rock, rock mais calmo.**
- 16-Rafaela- E música em inglês?
- 17.Rosane- **Eu gosto também mas não ouço muito. Eu gosto de um cantor que já morreu mas que canta músicas em inglês e espanhol também. Ele era muito bom.**
- 18.Rafaela- Agora na Miss Universo cantou uma que se chama Claudia eu não lembro... Claudia... ela canta em inglês e português.
- 19.Rosane- **Ela é brasileira?**
- 20.Rafaela- Sim...Canta como rock.
- 21.Rosane- **Ah Claudinha Leite.**
- 22.Rafaela - Leite?
- 23.Rosane- **Leite . Ela é loira?**
- 24.Rafaela- Sim.
- 25.Rosane- **Ela canta axé...Ela canta muito no carnaval da Bahia.**
- 26.Rafaela- Sim?
- 27.Rosane- **Se for a mesma ela canta axé.**
- 28.Rafaela- Xe?
- 29.Rosane- **Axé.**
- 30.Rafaela- E um estilo de música?
- 31.Rosane- **E um estilo de música.**
- 32.Rafaela- Axé. Axé.

Excerto 14: Trust me I know your pain!

1. B - Elis – **Estas 3 palavras...**
2. E - Isa – “Hope”, “wait” and “expect”...
3. B - Elis – **Para mim é a mesma coisa, as três. Quando eu tenho que escrever e escolho uma, eu escolho errado. Ela (a professora) tira sarro de mim.**
4. E - Isa – Quando você vai falar “hope” como esperança, mais ou menos...
5. B - Elis – **Eu espero que dê certo.**
6. E - Isa – I hope I am right.
7. B - Elis – **E “wait”?**
8. E - Isa – Wait? I’ll wait for you.
9. B - Elis – **Você vai ficar me esperando em algum lugar. E “expect”?**
10. E - Isa – I expect a good grade. Eu espero uma boa nota.
11. B - Elis – **Ah! De expectativa. Não vou errar mais!**
12. E - Isa – A mesma coisa que eu estava falando a você, hope, expect e wait, mais ou menos as três coisas se você translada a português é a mesma coisa para você. Trust me I know your pain. If you have problems with these words write to me on Facebook and I will help you.

Excerto 15: Eu num tô legal. Não aguento mais biritá!

- Isa – Hoje temos que falar de Eduardo e Monica. Não sei quem são. Vou pesquisar no youtube. (risadas)
- Elis – **Pega a letra da música É uma música (risadas).**
- Isa – Você sabe quem são?
- Elis – **Sei É enorme a música, é muito grande.**
- Isa – um momentinho.

Elis - Neste site tem a letra (enviando por skype). Ah errei, pera ai, faltou uma barra. A letra escrito, sabe?.

Isa- Que tipo de música, es ? Legião Urbana. (recebeu no chat)

Elis – Essa banda é tipo pop rock. Eu não gosto muito, mas eu acho que a professora quer que fale sobre o conteúdo da música. (risadas) Eu recebi um email falando.

Isa – Acho que eu também, mas não li nada. (risadas)

Elis – Você viu que era do TT, mas nem abriu. Que beleza, hein, dona Isa! (risadas)

Isa – Eu não gosto muito. Estou vendo agora mesmo!

Elis – Tem umas músicas que contam tipo uma história, acho que é o caso desta, tipo a história de amor do Eduardo e Monica.

Isa – Vou ler a letra. Um minutinho. Oh God! um pouquinho dramático, hein? . (risadas)

Elis – Se você quiser uma ajuda você fala.

Isa - Que significa “Eu num tô legal. Não aguento mais biritá”. (risadas)

Elis – Eu não estou bem.

Isa – Eu sei...esta parte, a segunda parte “Não aguento mais biritá”.

Elis – Nem eu sei o que significa. (risadas) Vou perguntar, pera ai....É uma bebida.

Excerto 16: Eu prefiro parceiros pois mulheres são muito competitivas.”Janete”

1. B - Janete – Se eu já tive um namorado?

2. E - Priscila – Ah, se você já teve um namorado? Sim ou não?

3. B - Janete – Sim, já.

4. E - Priscila – Sim?

5. B - Janete – Sim.

6. E - Priscila – Quando? [...] Então, você teve... Ok, quando?

7 B - Janete – Quando? Antes de eu vim pra faculdade, quando eu fiquei estudando, fazendo vestibular no ((incompreensível)).

8. E - Priscila – Na escola?

9. B - Janete – Na escola.

10. E - Priscila – Ah, por quanto tempo você saliste con ele?

11. B - Janete – (++) Quatro anos.

12. E - Priscila – Quatro anos?! O, o my God! E por que terminaron?

13. B - Janete – Porque ele não queria que eu viesse pra outra cidade fazer faculdade.

14. E - Priscila – Porque você iva ir à universidade?

15. B - Janete – quando eu vim fazer a faculdade, eu tive que trocar de cidade.

16. E - Priscila – Ah, e ele ficou na cidade de tua escola?

17. B - Janete – Sim. E eu me mudei pra cá.

18 E - Priscila – Tu família também tá morando aí nessa cidade?

19. B - Janete – Não, eu vim sozinha.

20. E - Priscila – Ah, então você nunca... você não pode ver a tu ex namorado? Nunca?

21. B - Janete – Só uma vez por mês, quando eu volto pra minha cidade.

22. E - Priscila – Ah, você fala com ele, ou não?

23. B - Janete – Não.

24. E - Priscila – Ah, por que NÃO? Vocês terminaram mal ou terminaram amigos?

25. B - Janete – Terminamos amigos. Mas ele foi trabalhar ((incompreensível)). Não sei se (...) vou estar com ele de novo. ((incompreensível)). E agora somos ((incompreensível)).

26. E - Priscila – Então, a ver... Então vocês ficaram bem, amigos, mas por que você não fala com ele?

27. B - Janete – A gente conversava por MSN...

28. E - Priscila – Ah, vocês falavam por MSN?

29. B - Janete – **Sim, só que depois ele fez uma coisa que eu não gostei.**
 30. E - Priscila – Que falou?
 31. B - Janete – **Me deu um bolo, sabe o que que é um bolo?**
 32. E - Priscila – NÃO.
 33. B - Janete – **Um bolo é uma expressão aqui no Brasil quando uma pessoa marca um encontro com você e não aparece.**
 34. E - Priscila – Ah ver, escreve “bobo”?
 35. B - Janete – **Bolo.**
 36. E - Priscila – Bolo. Bolo. E que é bolo? É quando ele (++)... Quê?
 37. B - Janete – **Bolo é quando uma pessoa marca um compromisso... e não aparece.**

Excerto 17: It would have been good to talk to boys. They are more active.”Priscila”

38. E - Priscila – Eu terminei com mi namorado hace três anos. Fazi, fize três anos, três anos. Então é muito tempo. Agora eu não quero namorado, mas eu acho que eu vou querer em um tempo mais ter um outro namorado. Mas eu não tive com ele por quatro anos, eu somente fiquei com ele por três ou nove meses.
 39. B - Janete – **Mas é bastante também.**
 40. E - Priscila – Mais ou menos, si. Era difícil porque eu morava no Chile, então eu tenia que viajar muito, fazer coisas assim, mas, tá bom. É... esse, não... Então, agora, mas agora eu falo muito com ele. Ayer (++)... como se diz ayer, yesterday? Eu não pode lembrar isso.
 41. B - Janete – **Ontem.**
 42. E - Priscila – Ontem. Ontem. Eu não sei por que não pode lembrar isso. Ontem eu falei com ele por um hora em el Skype. Então, mi melhor amiga disse que tá muito mal, que eu não pode falar com ele, que é mal e não sei, então. É difícil, né?
 43. B - Janete – **Mas é gostoso conversar.**
 44. E - Priscila – Si, é, mas, também é difícil porque eu não moro no mesmo país que ele, então é uma coisa que eu não pode chamar a ele, ele tampouco me pode chamar. Nunca podemos fazer coisas juntos, então é difícil porque ele queria venir a Miami, é... mas eu não sei que eu vou fazer, porque ele vá venir por como três ou quatro semanas, eu acho que vai ficar comigo, mas eu não sou namorada de ele. Ele agora não tem namorada, então.
 45. B - Janete – **Tudo pode acontecer.**
 46. E - Priscila – Sim, pode ser. Mas eu terminei com ele porque, mal. Porque ele foi à Argentina e (++)... como se dice? Cheated?
 47. B - Janete – **Cheated.**
 48. E - Priscila – Sabe o que é cheated?
 50. B - Janete – **Enganado?**
 51. E - Priscila – Enganado com outra garota.
 52. B - Janete – **Ele traiu?**
 53. E - Priscila – Sim. Si. Escriva isso pra mim. Ah, ele me traiu?
 54. B - Janete – **Ele te traiu.**
 55. E - Priscila – Então, sim.
 56. B - Janete – **Você foi traída?**
 57. E - Priscila – Eu fiquei muito triste e muitas coisas passou, mas... eu... somos amigos, eu falo muito com ele, é, tá bom.

Priscila (estrangeira) e Janete (**brasileira**)

Excerto 18: Cheguei em casa às 7 horas da manhã com sol.

1. Priscila - O que vc fez?... na semana passada?
2. Janete - **Está certo, o que fez... Nossa. No sábado teve uma festa aqui da bateria. Eu fui com meus amigos, dancei muito . Cheguei em casa às 7 horas da manhã, com sol.** (Priscila expressa surpresa)
3. Priscila - Você pode comer o desayuno. Como se diz desayuno?
4. Janete - **Cafê da manhã.**
- Priscila - Você pode comer um pouquinho antes de dormir. Que legal. E no domingo você estava cansada, não?
- Janete - **Não. E aí domingo eu fui para, como se diz, uma aula de teatro para aprender a fazer teatro.**
- Priscila - Por que você quer fazer teatro agora? (intonação demonstrando não entender a finalidade).
- Janete - **Não, é que eu faço contação de histórias e queria aprender um pouco para colocar junto para ficar mais divertido**
- Priscila - Você conta histórias a crianças ou a todo o mundo?
- Janete - **A crianças. Crianças de 9 anos.**
- Priscila - Tá bom. Que legal. Se você está fazendo teatro, Vai ser mais divertido.

A parceria Lino (estrangeiro) e Luzia (brasileira)

Excerto 19: Mas aí acontece como nos filmes que você vê que tem fraternidades?

1. **Lino:** A universidade aqui é muito bonita. Eu adoro a universidade.
2. **Luzia:** **Mas aí acontece tal como nos filmes que você vê, que tem fraternidades?**
3. **Lino:** Eu estou no processo de entrar em uma.
4. **Luzia:** **Olha! que legal, como é que é?**
5. **Lino:** É tipo... cada fraternidade é diferente, né? ...você tem que ...você vai no “rushing” para conhecer os irmãos, os Brothers, você conhece para ver se você gosta e aí eles te oferecem para entrar na fraternidade. É muito legal, e você conhece muitos amigos.
6. **Luzia:** **Que gostoso! Como se chama?**
7. **Lino:** Se chama Delta Lambda PHI.
8. **Luzia:** **São todas em latim?**
9. **Lino:** São gregos... Neste domingo eu vou ser oficialmente da universidade.
10. **Luzia:** **Olha que legal! Você vai ganhar um irmão!**

Excerto 20: E palavrão, você sabe falar algum palavrão?

1. **Luzia..** **Eles tão de olho toda hora. (falando que a professora caminha no laboratório)**
2. **Lino.** Pois é.
3. **Luzia..** **É estranho. Acho...**
4. **Lino** É a professora.
5. **Luzia.:** **É...(+++) parece que ela fica te escutando, sei lá.**
6. **Lino:** Sim...
7. **Luzia..** **E palavrão, você sabe falar algum palavrão?**
8. **Lino.** Você QUÊ?
9. **Luzia.:** **E você sabe falar algum palavrão em português?**
10. **Lino.** Sei, mas agora eu não posso.
11. **Luzia..** **Ah, não pode... (+++)Nossa! Ah, que merda, o povo fica passando aí ((incompreensível)).**
12. **Lino.** Mas é, pra tipo, quando eu falo assim com as minhas amigas brasileiras...que a gente fica falando...
13. **Luzia..** **Você fala português?**
14. **Lino.** ...com as minhas amigas, é.

15.Luzia.. Olha, que legal. Por isso você fala tão bem português.
Você fala bem, você conversa, treina.

Excerto 21: Lino e Luzia - Capoeira – Nossa! quem escolhe estes temas? (com desaprovação)

- 1.Luzia Oh, cause I have a friend and his brother actually teaches capoeira in the United States.
2.Lino Oh, really?
3.Luzia.. Yes. But I have never seen it live or anything. Just actually on TV and stuff. I don't think we have it here in my city, capoeira lessons.
4.Lino NO?
5.Luzia.. No, I don't think so. I've never seen it or heard of it, but...
6.Lino (++)But why...
7.Luzia.. WHAT?
8.Lino. Why not?
9.Luzia. I have no idea. I know that in my town... the city that I lived, where my family lives, they have, because I have a friend that she used to take capoeira lessons when she was a child. But here I've never heard of it.
10.Lino. I see.
11.Luzia.. Would you like to try one day?
12.Lino. I don't think so, it looks really hard.
13.Luzia.. It does... ((incompreensível)).
14.Lino Is it really popular over there?
15.Luzia.. Actually, not that much. I mean, everybody knows it, but it is not a lot of people that actually play it. ((incompreensível)). You would play Capoeira?
16.Lino I think you'd do capoeira.
17.Luzia.. Oh, okay. So I don't think ((incompreensível))
18.Lino But is it something, like, everyone, I mean, like, that any kind of people do...?
19.Luzia.. Ah, no, not really. I think it is more famous in Bahia and cities like that. In São Paulo it is not that common, no, not really.
Ah, isso. Nossa. Quem que escolhe esses temas?
20.Lino. A professora.
21.Luzia.. Ah...(++) é um tema difícil, né? Capoeira...
22.Lino. Que que eu sei?
23.Luzia.. Eu tou falando que é um tema meio difícil, capoeira, pra conversar.
24.Lino. Ah, não, tipo capoeira, não...
25.Luzia.. É, não é muito interessante assim, né?
26.Lino. Mas eu acho que é por isso, né? Pra saber, né, se brasileiro, como é, gosta...
27.Luzia.. É, acho que sim, como é. Pois é, eu não conheço gente que luta capoeira aqui.
Mas aqui nem na faculdade não tem nada disso.
28.Lino. Eu acho que é mais popular aqui, né?

Excerto 22: Como digo four people, quatro pessoas?

- Four people, You had it!

- 1.Leni: How was your break, vacation?
2.Orlando: It was nice.How do you use “eat” in the past?
3.Leni: “ate”.
4.Orlando : Write for me please! I ate a lot of food.
5.Leni: What kind of food?

6. **Orlando:** All kinds of food, diferente kinds of food everyday.
7. **Leni:** Like what?
8. **Orlando:** Arabic food.
9. **Leni:** A lot of spices. Do you like it a lot?
10. **Orlando:** More or less. So, so. How do I use swim in the past?
11. **Leni:** swam.
12. **Orlando:** I swam a lot too with my friends.
13. **Leni:** Where did you swim, in a pool, in the beach or at a lake?
14. **Orlando:** In a pool, piscina.
15. **Leni:** What else?
16. **Orlando:** Eu apresentei uma palestra. I do not know how to say that in English., course workshop?
17. **Leni:** About your work?
18. **Orlando:** About my work. It is about a tool that I developed to facilitate...(5 minute interruption in the communication)
19. **Leni:** What were we talking about? Ok, was it a one day presentation?
20. **Orlando:** One hour presentation.
21. **Leni:** Was it a presentation about your job? Were there more people presenting from their jobs?
22. **Orlando:** Yes, four people. Como digo quatro pessoas?
23. **Leni:** Four people. You had it!

Excerto 23: REVELAÇÃO? Nossa, não acredito nisso. I can't believe that. You like this? (rindo)

1. **Leni.** Do you like this group? Well..(writing)
2. **Orlando.** REVELAÇÃO? Nossa, não acredito nisso. I can't believe that. You like this? (Risadas)
3. **Leni.** I love it! I love them. Their rhythm. Their rhythm is good, WHY?
4. **Orlando.** [risadas] For, eh...(++) With all my respect, it is not ((incompreensível)) for me. But the fact is...
5. **Leni.** This is one band that... I forgot their name. They sing like reggae.
6. **Orlando.** Like reggae?
7. **Leni.** I forgot their name.
8. **Orlando.** Tijuana? Tijuana?
9. **Leni.** No, eh, este. I think it starts with an R... rrrr... I am gonna forget. Wait. I am gonna google it.
10. **Orlando.** Never mind.
11. **Leni.** Hold on. I am gonna look for it. Gimme a sec...
12. **Orlando.** Okay, okay.
13. **Leni.** How about this one? (writing)
14. **Orlando.** Ah, yes, Skank. Skank.
15. **Leni.** Yes, sorry.
16. **Orlando.** It's a nice band. I like it...
17. **Leni.** But.. but...
18. **Orlando.** Great musics...
19. **Leni.** But, Grupo Revelação. Why? WHY you don't like it? This is it. This is it. Tell me...
20. **Orlando.** (+++)... Revelação is pagode.
21. **Leni.** Hã-hã.
22. **Orlando.** I like samba. Pagode is a kind of samba, but samba is more classic, more pure.
23. **Leni.** So, the rhythm will be like a street-kind of samba, like... is not...
24. **Orlando.** No, it is not the festival, the rhythm, the music only. Because you associate the festival with the music, the style, but it is still different things.
25. **Leni.** Oh...
26. **Orlando.** Samba is one thing. The samba festival is another.

Excerto 24: Why are you laughing? Por que você...? Eu não sou engraçada. Why ? Why are you laughing?

1.Leni. Eu assisto novelas no Youtube.

2.Orlando. Ah, é? Do Brasil? É, quais?

3.Leni. Sete Pecados, Camin...

4.Orlando. [risadas]

Leni. WHY are you laughing? Por que você...? Eu não sou engraçada. Why? Why are you laughing?

5.Orlando. [risadas] Não, eu fico feliz. Apesar de ser novela... Eu não gosto muito de novela...

6.Leni. Mas...

7.Orlando. Mas eu assisto, eu assisto. Essa por ex... (++)De vez em quando eu assisto com a minha mulher.

8.Leni. Ah, tá bom.

9.Orlando. Tá bom? Mas é legal saber que vocês gostam das coisas aqui do Brasil.

10.Leni. Eu sou uma menina. Novelas, novelas, partidos de futebol, Miss Universo...(++) Those are things I like.

11.Orlando. É, é. Girl things.

12.Leni. Caminos das Índias.

13.Orlando. Caminhos das Índias.

14.Leni. Eu assisti essa. Que mais?

Excerto 25: Girls were drunk. They were gone. I know why you do it, man.

(Pedro has taught Bernardo how to prepare a "brazilian drink")

1.Bernardo - I did the one drink that you taught me.

2.Pedro - What drink?

3.Bernardo – Sangria, wine with strawberry and leite condensada. Girls were drunk, they were gone.

4.Pedro - Girls like it? Very good!

5.Bernardo- I did it in the blender, strawberry, condensed milk I put everything in the blender. Do you drink it with ice or no ice?

6.Pedro - Ice, yes.

7.Bernardo -People loved it.

8.Pedro - Women love it the drink.

9.Bernardo - Because it is very sweet.

10.Pedro - Sweet drink.

11.Bernardo -And the ladies go crazy. I know why you do it, man.

12.Pedro – I understand.

Geraldo (estrangeiro) e Guilherme (brasileiro)

Excerto 26: I broke up with my old feelings.

Neste excerto os parceiros falam do término de um relacionamento:

1.Ge -What else is going on?

2.Gui - I broke up with my old feelings.

3.Ge - You did? Lamento!

4.Gui - I broke up with my old feelings.(rolling a piece of paper around his finger in a nervous way)

5.Ge- Sinto muito.

6.Gui - Eu não!

7.Ge- Você rompeu com sua novia ou namorada?

- 8.Gui- **Noiva? Wow!**
 9.Ge- Is that not correct?
 10.Gui- **Namorada. Noiva is very serious.**
 11.Ge - Em espanhol dizemos noiva, não é serio.
 12.Gui- **Em português noiva é quase casamento.**

Edson (brasileiro) e Moacir (estrangeiro)

Excerto 27: Quase todo dia eu passo esta provação, mas eu me aguento!

- 1.E -**make me personal questions ...**
 2.M - Em português?
 3.E - **Pode ser.**
 4.M –tu já pus corno a tu noiva ... é muito difícil porque moram juntos.
 5.E - **Mas eu me aguento, é muito difícil , é muito difícil, todo dia eu passo esta provação, quase todo dia.**
 6.M - Há quanto moram juntos?
 7.E -**Dois anos.**
 8.M - Em meu (país de origem) isto é muito sério.
 9.E - **Mas nós moramos como em uma república com amigos.**
 10.M - Quantos são?
 11.E -**Só nós dois , parecido...**
 12.M- Você gosta?
 13.E -**Eu gosto. Eu já morei muito tempo sozinho. Hoje eu gosto, sabe, ja vivi 7 anos sozinho.**
 14.M - Solo?
 15.E- **Hoje em dia prefiro morar com alguém.**
 16.M -Tu não te vas a casar?
 17.E- **Não, porquê? (perguntando a si mesmo) Por que não tenho religião.**
 18.M- Ela te exige ? Vamos a casar!
 19.E –**Não, mais moderno. Se a gente não ficar juntos podemos nos separar.**
 20.M- El problema é quando vienem los filhos.
 21.E - **Não quero filhos.**
 22.M - Há um dicho em mi país, sim globo no hay fiesta.

Apêndice 4

Questionário

O meu parceiro tinha um aspecto mais cooperativo e não houve aspecto competitivo. (Pedro - Questionário 1)

He was cooperative because we both had benefits from talking to each other.(Bernardo - Questionário 2)

My partner was more cooperative than competitive. (Geraldo - Questionário 3)

O meu parceiro tinha muita disposição para me ajudar nas interações em qualquer necessidade ou dificuldade .(Guilherme - Questionário 4)

Acredito que meu parceiro é bem cooperativo assim como eu, portanto não houve competição e conseguimos nos ajudar mutuamente. Mas tenho mais facilidade em lidar com mulheres. (Edson - Questionário 5)

Cooperative because we had the same interests, learn a foreign language. We had many things in common. [Cooperativo porque nós tínhamos os mesmos interesses, aprender uma língua estrangeira] (Moacir - Questionário 6)

Eu fiquei feliz de aprender inglês de uma forma nova, e realmente aprendi coisas que não aprenderia de outra forma. Minha única decepção foi com uma característica do meu parceiro. Ele era de um (país latino-americano). Todos gostavam dele no grupo e eu também achei ele legal e bom amigo, no entanto ele era machista e achou absurdo nossa presidente ser mulher. Achei estranho e me decepcionei com (este país latino-americano), que eu achava que era um país mais evoluído nestas questões. Mesmo assim não posso julgar um país por um indivíduo, e nem quero dizer que ele era uma pessoa má, só não concordo com a opinião dele. (Edson - Questionário 7)

I think it was easier because she was a girl. (Rafaela - Questionário 8).

Acho que no começo foi importante para tratar de assuntos “amorosos”, mas depois de um tempo foi indiferente. (Rosane - Questionário 9).

Isa: I do not think the gender of my partner dramatically affected our friendship but I am glad that she is a girl because we are both more comfortable. (Isa - Questionário 10)

Acho que foi importante estudar com outra menina. Até porque acredito que meninas se entendem melhor... E têm mais paciência. Nada contra interações com meninos, mas, das experiências que tive, as com meninas foram mais tranquilas e produtivas. Talvez o fato de nós termos nos dado muito bem também tenha colaborado para que a parceria fosse de sucesso. Isa foi a melhor parceira que já tive no teletandem. (Elis - Questionário 11)

We talked about things that happened in our everyday life, what girls do, boys, friends, so we just had things to talk about. It would have been good to talk to a boy because it seems they are more active (sports) so that it would have been interesting. (Priscila - Questionário 12)

Tínhamos bastante assunto comum e a idade ajudou. Eu prefiro parceiro, pois as mulheres são competitivas. (Janete - Questionário 13)

Veem a cultura americana com olhos de quem é de fora e sabem espanhol. (Janete - Questionário 14)

Meu parceiro sempre foi muito cooperativo. Alguma dúvida ou desconhecimento sobre qualquer coisa, ele fazia questão em me explicar e mostrar através de imagens e vídeos na internet. Em nenhum momento senti um tom de competição vindo dele. Sempre foi muito amoroso e carismático. (Luzia - Questionário 15)

Eu descreveria meu parceiro como mais cooperativo. Não houve nenhum aspecto competitivo na relação com minha parceira. (Lino - Questionário 16)

My partner was cooperative but shy sometimes. (Meu parceiro era cooperativo, mas as vezes tímido) (Leni - Questionário 17)

His gender did not affect the interaction. (Leni - Questionário 18)

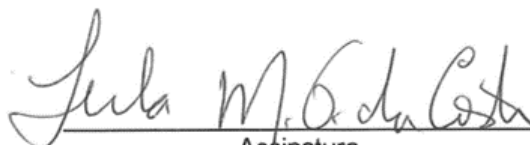
We usually disagreed with topics because of different personalities and age differences. (Leni - Questionário 19)

My perspective of Brazil changed and I feel more comfortable with brazilian culture. (Leni - Questionário 20)

The interactions were very satisfactory. (Orlando - Questionário 21)

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 22/07/2015


Assinatura